

Débora de Paula Cortezzi Costa

**A TEORIA DOS AFETOS A PARTIR DO LIVRO III
DA ÉTICA DE BENEDICTUS DE SPINOZA**

Dissertação de Mestrado em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Bruno Pettersen

Apoio: PAPG-FAPEMIG

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Belo Horizonte

2022

Débora de Paula Cortezzi Costa

**A TEORIA DOS AFETOS A PARTIR DA PARTE III
DA ÉTICA DE BENEDICTUS DE SPINOZA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Ética

Orientador: Prof. Dr. Bruno Pettersen

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Belo Horizonte

2022

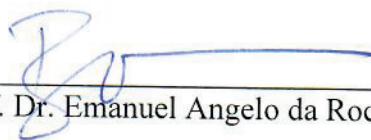
FICHA CATALOGRÁFICA

C837t	<p>Costa, Débora de Paula Cortezzi</p> <p>A teoria dos afetos a partir da parte III da Ética de Benedictus de Spinoza / Débora de Paula Cortezzi Costa. - Belo Horizonte, 2022.</p> <p>136 p.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Bruno Pettersen.</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Filosofia.</p> <p>1. Ética. 2. Afetos. 3. Spinoza, Benedictus de. I. Pettersen, Bruno. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Filosofia. III. Título</p> <p>CDU 17</p>
-------	---

Dissertação de **Débora de Paula Cortezzi Costa** defendida e aprovada, com a nota 10 (dez) atribuída pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:



Prof. Dr. Bruno Batista Pettersen / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Emanuel Angelo da Rocha Fragoso / UECE



Prof. Dr. Daniel De Luca Silveira de Noronha / FAJE

Departamento de Filosofia – Pós-Graduação (Mestrado)

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Belo Horizonte, 09 de setembro de 2022.

DEDICATÓRIA

Ao gerente do portão, amante da filosofia Delmo de Paula Cortezzi.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão à FAPEMIG e à Faje, já que sem as bolsas a mim cedidas eu não teria chegado até aqui. Ao meu orientador, professor Bruno Pettersen, pela empatia e paciência. Às minhas famílias Costa e Cortezzi, por serem a base dos meus afetos. Aos meus pais, principalmente minha mãe, por insistir que eu fosse até o fim, mesmo com as dificuldades e complicações durante a elaboração da pesquisa. Esse era o seu sonho: ter a oportunidade de estudar. Em suas palavras simples, “fiz até o quarto ano de grupo”. Essa tristeza a acompanha por, pelo menos, 70 anos. “Mãe, estou aqui celebrando nossos afetos”. À Faje, em particular pela alegria de conhecer um espaço e pessoas onde o amor é propagado. Aos amigos do mestrado: André, Cleber, Vítor. Ao meu grande amigo Leandro Malaquias Silva. Às minhas sobrinhas Marina, Nayde e Vitória, por serem o meu colo, e pelo incentivo. À professora Cláudia Maria Rocha, pela doçura e excelência, além de exemplo de sabedoria sem qualquer espécie de arrogância. Ao professor Geová Nepomuceno Mota, pelo apoio. A Robert Dantas e Pedro Vianna. Aos meus filhos Henrique e Carlos Eduardo, não somente pela ajuda nas tarefas domésticas (cheguei até a ficar “folgada”...) mas por serem amor na minha vida. Ao meu leal e amado esposo – dividimos a vida, aceitamos nossas diferenças e fraquezas e lutamos sempre, um ao lado do outro – dedico as palavras cantadas pelo seu querido Raul: “Não diga que a vitória está perdida. Tenha fé em Deus, tenha fé na vida”. Ao homem Benedictus de Spinoza, o qual tive a alegria de encontrar “pelas esquinas que passei”. Desde então, quis a sua sincera amizade, e ele me sustentou nos piores momentos e tem me ensinado a ser mais feliz, mesmo quando tudo parece desabar.

EPÍGRAFE

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está qui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo e abrir espaço.

Italo Calvino

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo central apresentar a Teoria dos Afetos, do filósofo moderno holandês Baruch de Espinosa, que se encontra no livro III da clássica obra *Ética*. Intenciona-se, assim, pensar a *Ética* a partir dos afetos. Com vistas a alcançar o que é pretendido, o texto foi dividido em três capítulos. Buscou-se, assim, demonstrar como o sujeito, nos parâmetros do filósofo pesquisado, pode ser pensado como unidade, definir o papel dos afetos e da razão na psique humana e analisar como a Teoria dos Afetos afeta a noção de *Ética* em Espinosa. Para possibilitar a demonstração da relevância dos afetos e atingir o objetivo proposto, tornou-se necessário explicar conceitos e aspectos filosóficos tangenciais ao tema, tais como a natureza de Deus ou da Natureza, a antropologia, a epistemologia e a política espinosanas. Percebeu-se que no pensamento do filósofo holandês não se separa os saberes de sua concepção metafísica. A investigação teve seu foco na análise de livros do pensador, artigos científicos e obras de seus comentadores. Optou-se, no capítulo final da pesquisa, por analisar o diálogo entre Espinosa e Gilles Deleuze, de forma a estabelecer alianças conceituais que auxiliassem a pensar as problemáticas éticas da atualidade. A busca pautou-se na importância do diálogo e interfaces filosóficas, sem desconsiderar o papel dele com outros saberes, que venham agregar as discussões típicas do tempo presente. E, por fim, tentou-se trazer ao debate a importância de validar pensamentos e pensadores que atuem em prol da melhora da qualidade de vida das pessoas e do mundo.

Palavras-Chave: Espinosa. Afetos. Sujeito. Razão. *Ética*.

ABSTRACT

The main objective of the research is to present The Theory of Affects, by the Dutch modern philosopher Baruch de Espinosa, which is found in book III of the classic work *Ethics*. Thus, it is intended to think about Ethics from the point of view of affections. In order to achieve what is intended, the text has been divided into three chapters. Thus, we sought to demonstrate how the subject, in the parameters of the researched philosopher, can be thought of as a unit, define the role of affections and reason in the human psyche and analyze how the Theory of Affects affects the notion of Ethics in Spinoza. In order to demonstrate the relevance of affections and achieve the proposed objective, it became necessary to explain concepts and philosophical aspects that are tangential to the theme, such as the nature of God or Nature, anthropology, epistemology and Spinoza's politics. It was noticed that in the thought of the Dutch philosopher, knowledge is not separated from its metaphysical conception. The investigation focused on the analysis of the thinker's books, scientific articles and works by his commentators. In the final chapter of the research, we chose to analyze the dialogue between Espinosa and Gilles Deleuze, in order to establish conceptual alliances that would help to think about the ethical problems of today. The search was based on the importance of dialogue and philosophical interfaces, without disregarding its role with other knowledge, which will add the typical discussions of the present time. And, finally, we tried to bring to the debate the importance of validating thoughts and thinkers who act in favor of improving the quality of life of people and the world.

Keywords: Spinoza. Affections. Subject. Reason. Ethic.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Ax.	= Axioma
Corol.	= Corolário
Def.	= Definição
D. G.	= Definição Geral dos Afetos
Dem.	= Demonstração
E.	= Ética (a obra)
Esc.	= Escólio
Exp.	= Explicação
L.	= Lema
Post.	= Postulado
Pref.	= Prefácio
Prop.	= Proposição

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 O SUJEITO ENQUANTO UNIDADE	24
1.1 O Corpo.....	27
1.1.1 Deus	29
1.1.2. O Corpo: modo Extensão	38
1.2 Mente.....	46
1.3 Corpo-Mente.....	54
2 A TEORIA DOS AFETOS	66
2.1 Os Afetos	67
2.2 A vida afetiva	75
2.3 A sabedoria para Espinosa	94
3 A ÉTICA A PARTIR DA TEORIA DOS AFETOS	104
3.1 Espinosa no olhar de Deleuze: a ética da alegria e dos afetos	105
3.1.1 O bom e o mau e o papel dos signos.....	116
3.1.2 Espinosa e os signos na leitura de Deleuze: do processo epistemológico à razão prática ..	129
CONCLUSÃO	139
REFERÊNCIAS	142

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar a Teoria dos Afetos, do filósofo moderno Benedictus de Spinoza¹ ou Baruch de Espinosa (1632-1667). Este sistema de pensamento é parte integrante da obra *Ética* (2018), mais precisamente do livro III. A *Ética*, principal obra de nosso filósofo, tem seu começo e projeto no ano de 1661². A obra se junta aos clássicos da Filosofia e nela estão contidas originalidade e inovação, características das maiores obras e pensamentos já produzidos.

Baruch de Espinosa era de família de comerciantes judia. Apesar de nascer na Holanda sua origem era portuguesa. Seus estudos são iniciados no judaísmo, tendo acesso aos conflitos religiosos do seu tempo, assim como às questões relativas ao judaísmo e ao cristianismo, como a perseguição aos judeus na Espanha e Portugal em fins do século XVI, obrigando-os a emigrar. No entanto, ele sofre duras penas por divergir dos ensinamentos judaicos, a excomunhão, em 1656. Com o tempo se converte à filosofia e seu pensamento perpassa pelas inúmeras influências de seu tempo, tanto filosófico-científicas quanto religiosas. Influências de muitos ex-marranos, judeus forçadamente convertidos ao catolicismo, que adquiriram grande interesse pela filosofia, ciência e medicina.³

No trabalho, a principal intérprete será Marilena Chauí, devido ao seu grande esforço em divulgar o pensamento de Espinosa, contribuindo para trazer ao debate contemporâneo o filósofo “moderno”, sobretudo em nosso país. Por isso mesmo foi escolhida a tradução da *Ética* (2018) feita pelo Grupo de Estudos Espinosanos da USP, sob sua coordenação. Outros filósofos⁴ servirão de amparo a esses estudos e outros comentadores ajudarão a facilitar a compreensão de sua filosofia ao leitor. Por fim, buscar-se-á estabelecer um diálogo entre o pensador holandês e Gilles Deleuze, outro filósofo de peso para a História da Filosofia.

A Teoria dos Afetos e a ideia de univocidade expressa por Espinosa ainda são amplamente argumentadas nas academias e em várias áreas de estudo, neurociência, psicologia, psicanálise, daí escolhermos o filósofo holandês para pensarmos a *Ética* e suas implicações na vida do ser humano. Cabe ressaltar que a tarefa será realizada a partir de muitas ideias, por existirem muitos conceitos atrelados uns aos outros, o que se faz necessário estudá-los para que

¹ O nome de Espinosa aparece em várias grafias, as mais usadas são Benedictus de Spinoza e Baruch de Espinosa. O filósofo assinava Benedictus de Spinoza depois da sua excomunhão, mas optamos por Baruch de Espinosa por ser a grafia contida na tradução da *Ética* escolhida para a pesquisa.

² Cf. DELEUZE, 2002, p. 14.

³ Cf. DELEUZE, 2002, p. 11.

⁴ JAQUET. Chantal, DELEUZE. Gilles, NADLER. Steven., SANTOS. Márcia Patrício dos. SCRUTON. Roger, SILVA. Cíntia Vieira da.

se possa atingir o objetivo. Assim, serão agregados argumentos, explicações e análises dos outros livros da *Ética*, principalmente da parte I, sobre Deus, e da parte II, sobre a mente.

A pesquisa será dividida em três capítulos: “O sujeito enquanto unidade”; “A Teoria dos Afetos”; “A ética a partir da Teoria dos Afetos”.

O primeiro capítulo será dividido em várias seções: na 1.1 Corpo, será analisado como o corpo é um modo do atributo divino Extensão, isto é, parte material do Universo, tida como uma afecção de Deus. Será necessário, para ficar claro o conteúdo, abrir uma subdivisão (1.1.1 – Deus), que comentará a existência da única substância, *causa sui*, ou seja, que é em si e concebido por si. Essa substância será mostrada como Deus ou Natureza, *Deus sive Natura*, que produz a totalidade do real, que existe e atua necessariamente, e por isso é livre. Livre por operar de maneira certa e precisa, sendo causa eficiente imanente em todas as coisas. Deus é, assim, a própria Natureza, e não um intelecto ou uma vontade que age e cria as coisas com uma finalidade. Serão demonstrados os atributos de Deus, suas funcionalidades, quais deles são conhecidos e como interferem na formação da vida humana, de sua liberdade e dos demais aspectos do real. Outra subdivisão do capítulo será a 1.1.2, que tratará do corpo como efeito do modo Extensão, que são manifestados indefinidamente e de infinitas maneiras, como o corpo também se manifesta e sua forma de conhecer a realidade.

A segunda seção – 1.2 Mente – abordará a definição de mente como modo do atributo Pensamento e que, assim como o corpo, também é referida como uma afecção da substância. A mente é tida como coisa pensante, que opera na produção de ideias (**modos**) adquiridas necessariamente pelos afetos. Serão abordados dois tipos de ideias: as adequadas e as inadequadas, e se procurará demonstrar a mente como ideia da existência do corpo e que ele é, portanto, seu único objeto, o que é vontade para Epinosa e sua correlação com o intelecto humano. O que é o desejo e o que representa na existência humana.

Na última seção do primeiro capítulo – Corpo-Mente – será apresentada a concepção antropológica de Epinosa, o ser humano como dois modos singulares e finitos de Deus. E como a união do corpo e da mente operam favorecendo ou desfavorecendo a vida. Será explicado o processo de simultaneidade⁵ entre corpo e mente, como ambos apreendem, como a mente tem ideia do que acontece com o corpo e a relação de causalidade que rege toda a existência humana.

⁵ Há uma divergência entre intérpretes sobre o processo relacional entre corpo e mente. Marilena Chauí utiliza o conceito de simultaneidade, enquanto outros, tais como Deleuze, utilizam o conceito de paralelismo. A dissertação não abrange a discussão sobre os conceitos e fará uso daquele referido pela coordenadora da tradução escolhida para a pesquisa.

Nesta seção serão também abordados aspectos do conhecimento verdadeiro, a diferença entre apetite e desejo, como formam as ideias singulares e onde entra o afeto nesse processo.

O segundo capítulo terá como título “A Teoria dos Afetos”. Nele, se buscará demonstrar o quanto os afetos são parte elementar para a felicidade, na filosofia de Espinosa. Assim, serão indicadas a origem, a natureza e a força dos afetos como uma rede causal que conduz os indivíduos às experiências cognitivas, ou melhor, afeto-cognitivas. Serão promovidos diálogos entre comentadores – Chauí (2011, 2016), Jaquet (2015), Nadler (2011), Scruton (2000), Silva (2013).

A primeira seção – Os afetos – apresentará o rompimento de Espinosa com a tradição filosófico-religiosa no que concerne à maneira de ser do corpo. Será demonstrado em que sentido o pensador inova ao trazer os afetos à preocupação filosófica, ao mostrar a relação entre as coisas corpóreas e a natureza de Deus, sem discrepância com a perfeição. Será analisado também o que são os afetos para Espinosa, como eles atuam no indivíduo, direcionando-o para a realidade de si mesmo; que eles são necessários, assim como todas as coisas na natureza; que estão totalmente ligados às ideias e aos conceitos que formamos enquanto existimos.

A segunda seção – A vida Afetiva – apontará a maneira como o corpo e a mente atuam conjuntamente no ser humano, dando a ele dois tipos de realidade: imaginativa ou ativa. A vida na imaginação diz respeito ao corpo e suas demandas e é o trampolim para a liberdade, ou seja, a vida ativa. Outra abordagem é sobre como a experiência corpórea se faz a partir da dicotomia entre ser passivo e ser livre a partir dos afetos, tais como tristeza, alegria e desejo. Busca-se esclarecer por que o contato entre corpo-mente-afeto é o processo relacional necessário para obter o estado de felicidade e liberdade, sem qualquer identidade com positividade ou negatividade. E que o trabalho dos afetos em aumentar a potência de pensar, ou diminuí-la no indivíduo, agem em favor da produção de conhecimento e é o meio pelo qual pode ser possível chegar ao patamar do conhecimento verdadeiro.

A terceira seção – A sabedoria para Espinosa – mostrará o caminho que o sábio deve percorrer para alcançar o conhecimento que o conduzirá à felicidade, como é feita a passagem dos níveis de conhecimento, o que é a beatitude e a relação que todo esse processo tem com Deus ou a Natureza. Como se vence o medo e a esperança e como esses afetos estão intrínsecos às figuras políticas e às formas de governança. Como a vida afetiva é terreno fecundo para a vida sapiencial e ao bem-comum, geradora de bons cidadãos, que ao invés de abolirem as paixões e os desígnios do corpo, aprendem e ganham maturidade para determinarem quais afetos são melhores e devem ser experimentados, de acordo com a liberdade de pensar e de ser. O aprofundamento nos levará à constatação, também, de que mediante a singularidade de cada

forma de existir torna-se capaz, para o pensamento de Espinosa, um todo com mais coisas boas, comuns aos que convivem juntamente, propício às múltiplas alegrias.

No último capítulo – A Ética a partir da Teoria dos Afetos – será comentado o valor dos afetos na filosofia de Espinosa para a discussão do *éthos*. Estabelecendo o diálogo entre Espinosa e Deleuze, procura-se mostrar o que pensa o filósofo francês acerca do legado de nosso filósofo holandês. O diálogo aparecerá no modo como Deleuze interage com a filosofia espinosana, principalmente preocupando-se em demonstrar como os conceitos desta se fazem atemporais e devem ser desmistificados e bem compreendidos, de forma a serem incluídos nas problemáticas de nosso tempo. Feito significativo de Deleuze, que expandiu o entendimento do espinosismo para além de um sistema panteísta, simplesmente, donde observa-se aspectos psicológicos extremamente influentes nos modelos de sociedade e estilo de vida humanos.

A primeira seção – Espinosa no olhar de Deleuze: a ética da alegria e dos afetos – analisa o sentido da filosofia do nosso filósofo holandês: a felicidade do sujeito no tempo presente e enquanto durar a sua existência. Deleuze contribuirá para explicar a relação entre a ontologia e a ética no sistema dos afetos e como a definição destes interfere nos valores, sobretudo nas estruturas políticas, que devem ser considerados pelos indivíduos e as sociedades. O filósofo francês compreende que é aqui que Espinosa ousa sua ruptura com padrões morais predominantemente aceitos pelas sociedades, de modo geral. Será demonstrado como Deleuze discute a virtude a partir do entendimento dos signos imaginários, denunciados por Espinosa, e as paixões tristes. O objetivo é esclarecer como, mediante esse esforço, Espinosa acreditava ser factível identificar a má formação das ideias e das estruturas sociais e a ausência de seres livres e atuantes que possam reverter o cenário humano.

A seção 3.1.1 – O bom e o mau e o papel dos signos – buscará mostrar como Deleuze demonstra como Espinosa traça o processo de construção dos edifícios das paixões tristes, apontando as personagens que encarnam essas paixões e que em função delas cerceiam os cidadãos de se proverem de afetos e relações que venham enriquecer suas experiências de vida e estimular suas inteligências a tirarem proveito dos ensinamentos que a natureza oferece. Portanto, Deleuze busca em Espinosa um caminho para a compreensão das ignorâncias que nos cercam. Ele vem nos induzir a “polir nossas lentes”, ofício de Espinosa, para melhor enxergarmos que não há separação e que é um erro não pensar sobre a relação entre as necessidades naturais a que somos submetidos pela existência e a conquista da liberdade e da felicidade. É pelo olhar apurado para a nossa relação com outros corpos que compreenderemos, segundo nosso filósofo francês a partir do nosso filósofo holandês, que a alegria vinda dos

afetos revigora nossa potência para viver, indica nossa preciosa essência singular, donde a razão vem dizer qual a nossa melhor versão e como podemos ser felizes e fazermos os outros felizes.

Na última e terceira seção – Espinosa e os signos na leitura de Deleuze: do processo epistemológico à razão prática – será finalizada a pesquisa – mas não a discussão –, com o detalhamento do nosso filósofo francês do processo de formação do indivíduo e das sociedades erguidas pela ilusão das tristezas. A ideia é demonstrar como as personagens que as encarnam e as forças exteriores aos sujeitos são em maior número e força do que a capacidade de cada um de nós de se autoafectar por alegrias; daí a nossa condição de finitude. No entanto, tal destino não impede que existam meios e formas para vencer a moral pré-estabelecida, justificada por critérios vacilantes à razão. Deleuze irá nos afirmar o intento maior de Espinosa: dar ao pensador o papel determinante no seio social e a razão do seu devido valor, descartando toda e qualquer forma de ideia fictícia da realidade que escraviza as mentes. Assim, o problema da liberdade em Espinosa se inicia no primeiro capítulo, com a ontologia do necessário, e finaliza com a ontologia da alegria: é livre o sujeito que tem autonomia para se alegrar, pois é esta que o eleva ao patamar de sua essência, partícula de Deus. A liberdade, a autonomia e a felicidade não se constroem, em Espinosa, se não for pela devida importância que a razão dá aos afetos, se não for pela leitura da mente à convivência com tudo o que está ao nosso redor.

1 O SUJEITO ENQUANTO UNIDADE

A primeira parte da pesquisa busca apresentar elementos e conceitos do pensamento de Espinosa que contribuam para a compreensão da Teoria dos Afetos. Esta teoria, contida na parte III da sua obra magna, faz parte do conjunto teórico deste filósofo que foi ignorado por muitos pensadores, até ser retomado por vários de nossos contemporâneos. De certa forma, dar aos afetos um *status* científico foi um ato ousado demais para a modernidade, período em que viveu Espinosa, mesmo frente à grande efervescência cultural e científica que revolucionou a história da Humanidade. No entanto, se em seu tempo ela foi rejeitada, nos séculos XIX e XX foi resgatada e hoje várias áreas do conhecimento a associam aos complexos problemas contemporâneos.

Sobre a contemporaneidade do pensamento espinosano Chauí aponta:

Einstein declarou que a teoria da relatividade, ao identificar espaço e tempo, matéria e energia, conduz a uma metafísica, e que esta é a de Espinosa. Muitos físicos contemporâneos têm estudado a ideia espinosana de Natureza, procurando os pontos de contato entre ela e a física einsteiniana. Do mesmo modo, muitos psicanalistas têm insistido no parentesco entre a obra de Espinosa e Freud: a teoria espinosana das relações entre a alma e o Corpo, das paixões e do desejo; a teoria da imaginação como relação de espelhamento entre o eu e o outro; a afirmação de Espinosa de que a razão não vence um sentimento, mas somente um sentimento vence outro se for mais forte e contrário ao primeiro [...] Outros intérpretes, que acompanharam o processo de constituição do pensamento de Marx (que leu e anotou o *Tratado teológico-político* e a *Ética*), consideram inegável que ele deve a Espinosa muito do que elaborou na teoria da alienação, na crítica à ideia burguesa do contrato social, e sobretudo na compreensão do peso do poder teológico-político na Alemanha, o que lhe permitiu a fazer crítica da filosofia política de Hegel. Para tais intérpretes, o verdadeiro predecessor de Marx não é Hegel, mas Espinosa.⁶

Tais apontamentos revelam a grande atualidade do pensamento de Espinosa e de suas teorias, principalmente por servirem de suporte aos muitos pensadores que inovaram ou revolucionaram a História do Pensamento, além de inspirar nomes ilustres como Machado de Assis: “gosto de ver-te, grave e solitário, sob o fundo de esqualida candeia, nas mãos a ferramenta de operário, na cabeça a coruscante ideia. [...]”.⁷ E como Nise da Silveira em uma das várias cartas que escreveu para ele:

E assim, através do tempo e dos lugares, você foi fascinando grandes, pequenos, pequenínimos. E, correndo mundo, seu Livro maior – *Ética* – chegou às minhas mãos, numa pequena cidade do nordeste do Brasil, chamada Maceió. Parece incrível. Eu estava vivendo um período de muito sofrimento e contradições. Logo às primeiras páginas, fui atingida. As dez mil coisas que me inquietavam dissiparam-se quase, enfraquecendo-se a importância que eu lhes atribuí. Outros valores impunham-se agora. Continuei sofrendo, mas de uma maneira diferente. E desde então, desejo

⁶ CHAUÍ, 2005, p. 73.

⁷ ontologia.machinedeleuze.wordpress.com/2014/09/15/spinoza-poema-de-machado-de-assis/amp.

intensamente aproximar-se de você, como discípula e amiga. Este é o motivo por que lhe escrevo essas cartas.⁸

Assim, ao longo da dissertação buscar-se-á demonstrar o quanto o pensamento de Espinosa lança luz diante dos desafios do mundo presente, e como a Teoria dos Afetos é significativa para o diálogo com os anseios da ética neste novo milênio. Contudo, inicialmente, serão apresentadas as bases do pensamento de Espinosa, importantes para a interpretação da ciência dos afetos e sua conexão com os caminhos traçados pela Humanidade, que deságuam nessa nova era e, consequência dos primeiros passos dados na modernidade, denunciados pelo nosso filósofo, responsáveis pelo estilo de vida e formas de pensar do Ocidente, predominantemente influente no restante do planeta, mesmo diante da rica diversidade de ideias espalhadas por todo o globo.

Buscando melhor amparar a pesquisa, o primeiro capítulo será destinado à apresentação da Antropologia de Espinosa, apresentada na parte III da *Ética* (2018). Porém, para melhor entendimento do leitor, faz-se necessário recorrer a primeira parte, que trata da ontologia e a sua relação com o conceito de ser humano. Dessas duas partes, serão trazidos os conceitos e explicações necessários à conclusão da tese. Ao longo da pesquisa observar-se-á que os conteúdos da *Ética* estão interligados, num processo de circularidade que ligam as partes.

No pensamento de Espinosa três saberes se encontram relacionados. A tríade espinosana: ontologia, epistemologia e razão prática constituem os pilares para o estudo dos afetos individuais e sua correlação com os afetos sociais. De imediato, nada se explica sem a noção de imanência e necessidade da natureza divina, presentes na substância. Em segundo e terceiro planos a epistemologia é traduzida pelo entendimento da complexa rede de ideias entre “Deus ou Natureza”, *Deus sive Natura*, do qual o ser humano é parte, e pela ação humana vinculada à Natureza ou Deus possuir os valores necessários ao seu bem-estar e ao bem-estar da vida em geral. Portanto, ontologia, epistemologia e razão prática caminham juntas na formação do indivíduo, do sujeito ético e do corpo social humano, donde a filosofia racionalista de Espinosa se justifica.

A problemática inerente à pesquisa se faz em torno da intrínseca relação entre determinismo da natureza e à liberdade individual de pensamento e expressão que permeia a filosofia espinosana. A vida ética, para Espinosa, perpassa o direito à liberdade, o reconhecimento à singularidade e a relação entre ambas para as ações assertivas na vida em

⁸ ontologia.machinedeleuze.wordpress.com/2017/04/13/as-cartas-de-nise-da-silveira-a-spinoza/. Carta II a Spinoza.

coletividade. Se a filosofia de Espinosa é uma filosofia da liberdade, portanto o fazer ético não se realiza a não ser pelo processo de libertação. O desafio é responder às perguntas naturais à filosofia de Espinosa: como é possível ser livre, se o ser humano se encontra sujeito às determinações da Natureza? E, por fim, qual o sentido de ser livre e o que essa liberdade implica na realidade do ser humano e na totalidade do real?

Buscando respostas a estas e outras perguntas, terá início a pesquisa pelo entendimento do que é o ser humano para o nosso filósofo. Para tal, serão tratados os conceitos e ideias que auxiliem na resolução do problema proposto, que *a priori* é salutar. A primeira seção – Corpo – parte da definição de Corpo⁹, podendo recorrer à noção de Mente, quando necessário, já que esses conceitos aparecem quase sempre ao mesmo tempo na obra *Ética*, nesta seção será apresentada também o conceito de substância para Espinosa – Deus e Natureza. Na segunda seção – Mente –, será abordada a questão sobre a definição de Mente, que para ser compreendida remete também a Corpo, e por fim, na terceira seção, o conceito Corpo-Mente, ou o sujeito enquanto unidade, que caracteriza o pensamento antropológico do nosso filósofo. Tais definições e apresentações do que Espinosa compreende da natureza humana serão fundamentais para as ideias que se seguem nos demais capítulos.

Tendo o Corpo como tema central da Teoria dos Afetos, Márcia Patrício dos Santos, no livro “Corpo: um modo de ser divino”¹⁰, reflete o lugar de destaque que Espinosa dá ao Corpo e aponta para a dedicação do filósofo ao estudo da Antropologia. A autora alerta para um evento inusitado até a Modernidade: falar sobre o Corpo. Na obra *Ética*, onde seu pensamento se debruça sobre os afetos, o pensador escreve uma parte destinada a *Mens*¹¹ (mente), e a inicia com a definição de Corpo. De acordo com Santos,

[...] Na *Ética* – sua obra principal e referência básica para nosso trabalho, *Corpo* é a terceira palavra mais utilizada, com 582 ocorrências. Este uso frequente numa obra que se propõe a falar de assunto até então tradicionalmente ligado às questões da alma, muito inquietou seus leitores no século XVII e ainda o faz hoje. O de *Mente*, além de fornecer uma definição da Mente, inicia-se com a definição de Corpo, palavra mais utilizada nesta parte que se propõe a falar sobre a Natureza e a origem da Mente.[...]¹²

Márcia Patrício dos Santos esclarece que o papel relevante que o Corpo tem na filosofia de Espinosa é parte fundamental para o estudo da Mente. Isso se dá, sobretudo, pela ideia de

⁹ Todas as palavras usadas em maiúsculo seguem o modelo utilizado na tradução da obra *Ética*.

¹⁰ Cf. SANTOS, Márcia, 2009, p. 36.

¹¹ A tradução da obra *Ética*, escolhida para a pesquisa, é escrita em latim e português, usaremos a palavra em português, no entanto, o uso em latim, neste caso específico, se refere ao nome de uma das partes da obra. Usaremos *causa sui* e *Conatus* em latim também para manter proximidade com o texto original.

¹² SANTOS, 2009, p. 35.

como se operam Corpo e Mente na sua filosofia. Para Espinosa, não há distinção no comportamento do Corpo e da Mente ao receber um estímulo, e por isso Corpo e Mente se apresentam como uma unidade.

De modo geral, o Corpo, para Espinosa, é efeito do atributo divino que leva o nome de Extensão, por ser parte extensa da Natureza. Na unidade Corpo-Mente ele é o ser formal da Mente, ou seja, ele é o objeto da Mente e esta é a ideia do Corpo. Na definição de Corpo se encontram os conceitos relativos à sua essência e existência que se completam pelas experiências vividas na ordem da Natureza, e sobretudo como essas vivências são o meio pelo qual a racionalidade se expressa e se conecta com a realidade. O que dá a ele um papel tão relevante quanto o da Mente.

Desta forma, o ser humano como unidade, nas ideias de Espinosa, possui um papel intrínseco na relação estabelecida com os afetos, e para clareza de nossa dissertação o entendimento desse conceito se faz primordial. Por isso a escolha de introduzir a pesquisa com o título “**O sujeito enquanto unidade**”.

1.1 O Corpo

Esta seção tratará do Corpo na filosofia de Espinosa e como este se apresenta em seu pensamento, como parte das ações de Deus e como a partir desta compreensão é possível conceber o sujeito enquanto unidade. As referências utilizadas são o próprio filósofo e sua principal obra, *Ética* (2018) e dos intérpretes Marilena Chauí (1999, 2005, 2011, 2016), Márcia Patrizio dos Santos (2009) e Chantal Jaquet (2015).

Espinosa define o Corpo como um **modo** do atributo divino chamado Extensão; ele surge da necessidade de expressão de Deus. Por ser expressão divina, o Corpo não é uma substância, assim como a Mente também não é. Segundo o nosso filósofo, “É de notar que a cada coisa existente é dada necessariamente uma certa causa pela qual existe”. (E I, Prop. VIII, Esc. 2, p. 55) A partir da causa e da necessidade que implica a existência de cada coisa é que a pesquisa se inicia pela metafísica, isto é, pela ideia da **única substância**.

Pensando sobre a razão da existência, Espinosa parte da ideia da substância e rejeita certa representação antropomórfica de Deus, comum em algumas visões judaico-cristãs, já que “os que confundem a natureza divina com a humana facilmente atribuem a Deus afetos humanos”. (E I, Prop. VIII, Esc. 2) Discorre também sobre um conceito pautado no

“desencantamento do mundo”¹³, trazendo à metafísica uma explicação para o real voltada para a mais radical forma de racionalismo. Esse racionalismo é apoiado na Geometria e seus princípios, desconsiderando finalismos e abandonando a ideia de mistérios e dogmas, nos apresentando outra possível versão da realidade. Na definição de Chauí,

[...] Sua obra faz desabar os pilares que sustentam a superstição religiosa, a tirania política e a servidão ética. Ao fazê-lo, põe em questão as imagens tradicionais de Deus, da Natureza, do homem e da política que serviam de fundamento à religião, à teologia, à metafísica e aos valores ético-políticos da cultura judaico-cristã, isto é, a cultura ocidental. [...] ¹⁴

Espinosa se distancia, em detrimento de suas ideias, da “ocidentalização” do mundo, que se consolidava, já que na modernidade nasciam os estados nacionais, as teorias políticas que iriam moldar o cenário do mundo capitalista, de estruturas coloniais. Seu desejo era o aflorar de uma razão sem nenhuma submissão a qualquer tipo de poder instituído, a começar pela negação da fé predominante, dando à Natureza o papel central e desfazendo a ideia de um império construído imaginariamente pelos homens, onde reinavam absolutos.

Ao demonstrar o seu conceito de Deus, que nada mais é do que a **única substância**, o filósofo holandês recorre constantemente ao raciocínio matemático, buscando assim demonstrar e explicar a realidade distante de qualquer expressão mística ou mítica:

De toda a coisa deve ser assinalada a causa ou a razão tanto por que existe, quanto por que não existe. P. ex., se existe um triângulo, deve ser dada a razão ou a causa por que existe; se, por outro lado, não existe, deve ser dada também a razão ou a causa que impede que exista, ou seja, que inibe sua existência. Esta razão ou causa, na verdade, deve estar contida ou na natureza da coisa ou fora dela. (E I, Prop. XI, Dem.)

A existência das coisas segue a ordem da natureza corpórea e essa ordem é causal; a existência de cada coisa está ligada à Natureza dela própria ou da Natureza gerada a partir dos atributos ao qual fora produzida. Somente Deus causa a si mesmo; a causa de si está em sua natureza, e no caso das demais coisas e do ser humano a causa vem de fora, pois são geradas pelas ações internas de Deus, chamadas **afecções da substância**.

Para se chegar a uma explicação da existência, Espinosa busca na razão e na Ciência elementos consistentes e exatos que demonstrem o real e todas as coisas que são implicadas a ele, como a natureza do ser humano. Como sua base é a Geometria, o conhecimento para o

¹³ Expressão que se refere à modernidade baseada nas ideias e práticas desenvolvidas na Europa a partir do século XVII, como a racionalização do real e a distinção substancial entre a extensão e o pensamento. (cf. CHAUI, 2005, p.13).

¹⁴ CHAUI, 2005, p.13.

nosso filósofo passa pelo conhecimento das causas. Assim, na parte da *Ética*, que se refere à necessidade da existência de Deus, Espinosa argumenta:

A razão, porém, por que um círculo ou um triângulo existem ou por que não existem não segue de sua natureza, mas da ordem da natureza corpórea inteira: com efeito, disto deve seguir ou que o triângulo existe agora necessariamente ou que é impossível que exista agora. E essas coisas são por si manifestas. Daí segue existir necessariamente isso de que não é dada nenhuma razão nem causa que impeça que Deus exista, ou que iniba sua existência, certamente cumpre concluir que ele existe necessariamente. (E I, Prop. XI, Dem.)

Observe-se que aqui Espinosa busca o elemento que conceba a existência de Deus e de que sua existência é necessária, caso contrário nada poderia ter sido concebido. Para explicar a existência de Deus, que é a **única substância**, Espinosa a define como um absoluto infinito, de essência infinita e possuidora de efeitos que são *causa sui*, produtora de realidades infinitas e finitas, provenientes de seus atributos e existente necessariamente.

1.1.1 Deus

No livro I, da obra *Ética*, destinado a Deus, Espinosa inicia o texto definindo o conceito de *causa sui*: “Por causa de si entendo aquilo cuja essência envolve existência, ou seja, aquilo cuja natureza não pode ser concebida senão existente” (E I, Def.), demonstrando a ideia de necessidade, e posteriormente, o de substância: “Por substância entendo aquilo que é em si e é concebido por si, isto é, aquilo cujo conceito não precisa do conceito de outra coisa a partir da qual deva ser formado” (E I, Def.). Logo, se a substância não depende de nenhuma outra coisa exterior a ela para existir e sua natureza já a torna existente, essa substância é pura imanência, é a causa de si incondicionada. Ela causa e afeta a si mesma e existe por condição de sua própria natureza.

Na tradição filosófica *causa sui* se resume na **afirmação absoluta de ser**¹⁵, e no entanto, na filosofia de Espinosa é admitido o conceito com um novo sentido. Conforme Santos, “Ao falar de existência, Espinosa se refere a esta como atualização dos seus atributos que lhe são pertinentes e, portanto, uma existência real e não um conceito universal abstrato”¹⁶. Para Santos, Espinosa não concebe a existência de algo que só se apresenta na abstração; é necessário um conceito para além do conceito formal; é preciso demonstrá-la a partir da materialidade também.

¹⁵ Cf. SANTOS. 2009, p. 68.

¹⁶ SANTOS, 2009, p. 74.

A substância, além de absolutamente infinita, tem potência para causar a si, e ao causar-se a si mesma produz todas as coisas. Como Deus é causa eficiente imanente – a totalidade daquilo que ele produz não se separa dele –, se apresenta pela univocidade. Deus e o que ele produz é uma só e mesma coisa, nas infinitas formas em que ele se manifesta e se apresenta.¹⁷

Ainda segundo Chauí:

Deus é causa livre, necessária e imanente de todas as coisas. Livre: porque age apenas segundo a necessidade interna de sua essência. Necessária: porque sua potência é idêntica à sua essência. Imanente: porque não se separa de seus efeitos, mas neles se exprime e eles O exprimem.¹⁸

Deus é determinado por si mesmo e toda existência se faz conforme a determinação de sua natureza. A liberdade, no conceito espinosano, significa agir dentro da necessidade de sua essência. Isso vale para Deus e para os seres humanos.

Deus age livremente porque nada o impede de exercer a sua natureza. Ele existe e atua necessariamente; nada coíbe a sua potência; ele se exprime sem interferências externas. No caso dos seres humanos, será visto logo adiante que a natureza, em certa medida, nos permite ser aprisionados por fatores externos. Sobre a liberdade, Espinosa argumenta: “É dita livre aquela coisa que existe a partir da só necessidade de sua natureza e determina-se por si só a agir. Porém, necessária, ou antes coagida, aquela que é determinada por outro a existir e a operar de maneira certa e determinada”. (E I, Def.) Liberdade é um conceito caro para Espinosa, pois significa abandonar os valores pré-estabelecidos, de fora do ser, para se aprofundar na sua natureza, tarefa das mais ousadas até para o século XXI.

Partindo dessa ideia, argumenta:

Por potência de Deus o vulgar entende a livre vontade de Deus e seu direito sobre tudo que é e que, em vista disso, é comumente considerado como contingente. Com efeito, dizem que Deus tem o poder de tudo destruir e reduzir a nada. Ademais, amiúde comparam a potência de Deus com a potência dos reis. Mas isso refutamos no Corol. I e 2 da Prop. 16 da parte I, que Deus age com a mesma necessidade com que entende a si próprio, também com a mesma necessidade segue da necessidade da natureza divina (como todos sustentam a uma só voz) que Deus faz infinitas coisas em infinitos modos. (E II, Prop. III, Esc.)

Nesse contradiscurso Espinosa, além de apresentar a ideia de Deus de maneira própria, explica a natureza de sua essência. Diz que Deus possui infinitos atributos e infinitos modos desses atributos. Os atributos nada mais são do que a forma como Deus se expressa a partir de suas qualidades, “Deve-se notar que entendo por atributo tudo o que é concebido em si e por si,

¹⁷ Cf. CHAUÍ, 2005, p. 44.

¹⁸ CHAUÍ, 2005, p. 45.

de sorte que seu conceito não envolva o conceito de uma outra coisa”¹⁹ e como, através deles, atua produzindo todas as coisas do real, ininterruptamente. Os atributos, enquanto qualidades de Deus, se manifestam pela ação interna divina e por eles os modos ganham vida, material e espiritual.

Logo, a substância é a causa eficiente, imanente em todas as coisas. Sobre a essência da substância, Santos afirma: “Espinosa defende que esta causa primeira – a *causa sui*, tem causa, sim. Isto porque sua essência é uma potência ativa, o que significa que ela se autoatualiza”²⁰. A autora se refere à imanência da substância, ou seja: para existir, a substância só precisa dela mesma; ela existe em si e por si e é concebida em si por si, porque não pode ser produzida por outro e a sua essência envolve necessariamente existência.²¹ Chauí acrescenta: “Toda substância é substância por ser causa de si mesma (causa da sua essência, de sua existência e da inteligibilidade de ambas), e ao causar-se a si mesma, causa a existência e a essência de todos os seres do universo. A substância é, pois, o absoluto”²².

A *causa sui*, por ser afirmação absoluta do ser, existe necessariamente, impossibilitando o nada e a negação da existência, o que se verifica no início da *Ética*, destinado a Deus: “Toda substância é necessariamente infinita” (E I, Def.). Deus é afirmação que se manifesta positivamente sempre. Ele age e ao agir expressa e exprime a inteligência do seu ser; se ele não existisse, seria impotência. Segundo Espinosa, “Como ser finito é deveras negação parcial, e ser infinito é a afirmação absoluta da existência de alguma natureza, logo, segue da só *Prop. 7* que toda substância deve ser infinita” (E I, Prop. VIII, Esc I.). Se Deus é eternamente afirmação e existe necessariamente, significa que não existem contingências para a filosofia espinosana; nela, as coisas não acontecem por acaso; tudo é determinado pela substância conforme sua necessidade, ou seja, a essência da substância não permite contingências; ela age de maneira certa e precisa.

Espinosa completa o raciocínio: “Na natureza das coisas nada é dado de contingente, mas tudo é determinado pela necessidade da natureza divina a existir e a operar de maneira certa”. (E I, Prop. XXIX) É o mesmo que dizer que as ações, tanto divinas quanto dos seres que compõem a natureza, correspondem aos limites, que lhes são próprios, impostos pela natureza e que seguem princípios imutáveis estabelecidos por ela, sendo Deus um ser em constante movimento, certo e preciso. Deus existe necessariamente e se manifesta necessariamente; tudo

¹⁹ ESPINOSA, 1983, p. 367

²⁰ SANTOS, 2009, p. 77.

²¹ Cf, ESPINOSA, 2018, p. 53.

²² CHAUI, 2005, p. 43.

o que existe segue de sua necessidade. A filosofia espinosana não concebe o livre-arbítrio, pois livre-arbítrio implica em vontade livre, mediante uma situação ou outra, o que no pensamento de Espinosa é inconcebível, uma vez que não agimos fora das determinações de nossa natureza. Portanto, ser livre é ser determinado a agir, e Deus é livre porque age por determinação própria e o ser humano, como **modo** de Deus, não nasce livre, torna-se livre.

Por conseguinte, Chauí explica: “a liberdade não é senão a manifestação espontânea e necessária da força ou potência interna da essência da substância (no caso de Deus) e na potência interna da essência dos modos finitos (no caso dos humanos)”²³. No que se refere aos seres humanos, Espinosa (2018) entende que não temos domínio sobre nossos apetites, pois agimos conforme a necessidade de nossa natureza. Daí a compreensão de que a ontologia espinosana seja uma ontologia do necessário. Portanto, todas as ações de Deus e dos seres humanos passam pela necessidade interna de suas essências. O que difere o **modo** da substância, que é chamada de Deus, é que ela é livre na sua potência e a humanidade sem o conhecimento das causas não atinge sua potência de existir.

Marilena Chauí afirma: “Será preciso demonstrar que Deus não é um intelecto nem uma vontade²⁴, que não age por finalidade e que Nele liberdade e necessidade são uma só e mesma coisa”.²⁵ Ora, se Deus não é um intelecto, ele é uma natureza que age por determinação própria (segundo leis de sua natureza); logo, o ser humano é parte de Deus e portanto só lhe cabe ser e agir dentro dos limites impostos a ele, inclusive de não nascer livre. De acordo com Espinosa, “*Uma coisa que é determinada a operar algo, assim foi determinada por Deus; e aquela que não é determinada por Deus não pode determinar-se a si própria a operar-se*”²⁶. Nada, nem ninguém, se autodetermina em sua filosofia.

No pensamento de Espinosa a causalidade é natural, ou seja, implica o domínio da necessidade. Deus não criou o mundo conforme sua vontade livre e o homem não escolhe o bem e o mal conforme seu livre arbítrio. Os atributos de Deus correspondem à sua maneira de existir, de ser e de agir, da mesma forma que a necessidade não se relaciona com mandamentos ou normas, externos ao sujeito. Deus age e existe a partir da necessidade de sua natureza e da liberdade de sua potência. A liberdade de Deus consiste em causar a si mesmo. Os seres

²³ CHAUI, 2005, p. 46.

²⁴ A autora menciona a vontade livre, para Espinosa vontade possui um outro sentido, que veremos mais adiante. Vontade para Espinosa é um modo de pensar.

²⁵ CHAUI, 2005, p. 42.

²⁶ ESPINOSA, 2018, p. 91.

humanos não causam a si mesmos, mas são determinados pela sua inerência, e a liberdade está na conquista de existir, ser e agir dentro dela. Assim, liberdade e necessidade se completam.²⁷

Para Silva,

A causalidade natural é livre porque remete à produção imanente de efeitos por e em uma substância da qual decorrem necessariamente. Tal produção, que pode ser pensada nos termos de uma geração de Corpos e modificações neles, u seja, uma produção que se desenrola no atributo extensão, é acompanhada de uma produção segundo o atributo pensamento. Por isso, Deus conhece a si mesmo e a todas as coisas e suas causas de acordo com uma livre necessidade.²⁸

Sobre a necessidade da natureza de Deus e sua potência de agir, Espinosa explica:

Dá só necessidade da natureza divina (o que é o mesmo) somente das leis da natureza, mostramos a pouco, na prop. 16, seguirem absolutamente infinitas coisas; e na propor. 15 demonstramos que nada pode ser nem ser concebido sem Deus, mas tudo é em Deus; por isso fora dele nada pode ser pelo que seja determinado ou coagido a agir, e portanto Deus age somente pelas leis da natureza e por ninguém é coagido. (E I, Prop. XVII, Dem.)

Assim como Deus é necessário, todas as demais coisas seguem também da necessidade de Deus, e ele, por ser único e cumprir somente o que é determinado pela sua essência, não pode ser coagido por nenhuma outra coisa. Deus é absoluto e onipotente, pois age conforme sua força natural, que ao agir produz tudo à sua volta, sem interferência alguma.

Então, para alguns comentadores, Deus é também material, o que na perspectiva da Filosofia, tanto clássica quanto moderna, é tido como um absurdo. Espinosa não só inovou a História do Pensamento como a revolucionou. Sobre isso, infere Santos, “uma só e única Física, um só e único Universo, uma só e única Natureza, que Espinosa identificará com Deus”²⁹. Aqui já se pode adiantar que o Corpo humano, sob o olhar científico de Espinosa, assim como os demais corpos existentes, está contido em Deus. O que espantou e gerou escândalo entre seus pares: o Corpo humano, símbolo da imperfeição, no período medieval e, também moderno, ser necessariamente parte de Deus e de sua perfeição.

Quanto a Deus ser coisa extensa (material) se explica por ele exprimir a totalidade do real. Por isso Deus não é causa transitiva das coisas; ele é causa imanente, que faz com que tudo o que existe seja ele próprio a partir das suas manifestações. Sobre a causa imanente e a extensão de Deus, Chauí considera: “Há, portanto, uma única e mesma substância absolutamente infinita constituindo o universo inteiro. Essa substância é Deus”³⁰. E ainda

²⁷ CF. CHAUI, 2005, P. 45-46.

²⁸ SILVA, 2013, p. 284.

²⁹ SANTOS, 2009, p. 137.

³⁰ CHAUI, 2011, p. 70.

acrescenta: “Donde a célebre expressão espinosana ‘*Deus sive Natura*, ‘Deus ou Natureza’”. Ou nos versos de Borges: ‘o infinito, mapa Daquele que é todas as suas estrelas’”³¹.

Deus, o ente, através de seus atributos, produz as coisas infinitas e finitas. A duração de sua existência é necessariamente eterna conforme sua onipotência e força indestrutível e indivisível. Portanto, são necessariamente eternas algumas de suas expressões e outras são necessariamente determinadas a um fim. As coisas finitas são singulares; são **modos** materiais e **modos** psíquicos (psicofísicos) ou entes anímicos. O ser humano é um ser psicofísico. Por isso, a sua materialidade não se separa da sua intelectualidade. Ele é Corpo e Mente.

Referindo-se ao mundo material e anímico e à totalidade que o constitui – *Deus sive Natura*, ou seja, “Deus ou Natureza” –, toda a existência vem da imanência de Deus, que é causa imanente à realidade. Deus é causa das coisas que começam a existir e das que perseveram na existência, sendo ele, portanto, também, a causa de ser das coisas. Segundo Espinosa, “*Tudo que é, é em Deus, e nada sem Deus pode ser nem ser concebido*”(E I, Prop.XV). A natureza, ou seja, o mundo físico e também o anímico, é um seguimento da perfeição da substância. Assim, nada é criado, mas sim movimentado pela essência ativa de Deus, que dá vida e alma ao mundo.

A natureza proveniente da essência ativa de Deus é considerada por Espinosa o Deus mesmo. Espinosa a divide em duas naturezas:

Antes de prosseguir, quero explicar, ou melhor, advertir, o que nos cumpre entender por Natureza naturante e por Natureza naturada. Com efeito, pelo já exposto, estimo estar estabelecido que por Natureza naturante nos cumpre entender aquilo que é em si e é concebido por si, ou seja, os atributos da substância, que exprimem uma essência eterna e infinita, isto é (*Pelo Corol. 1 da Prop. 14 e Corol. 2 da Prop. 17*), Deus enquanto considerado como causa livre. Por Natureza naturada, entretanto, entendo tudo aquilo que segue da necessidade da natureza de Deus, ou seja, de cada um dos atributos de Deus, isto é, todos os modos dos atributos de Deus, enquanto considerados como coisas que são em Deus, e que sem Deus não podem ser nem ser concebidas. (E I, Prop. XXXI, Esc.)

Conforme interpreta Marilena Chauí: Natureza Naturante é Deus na condição de causa imanente produtora da totalidade do real, ou, a “Natureza Naturante imanente a Natureza Naturada”. Resumindo: Deus e seus atributos³² e a Natureza Naturada são a essência do mundo imanente à essência de Deus, donde a Natureza Naturada é manifestada pela ação de se autoproduzir e se autoatualizar de Deus. Deus, ao ser, produz efeitos. O mundo é efeito de Deus, representado pela relação lógica dessas duas naturezas.

³¹ CHAUI, 2005, p. 44.

³² CHAUI, 2005, p. 47.

Desta forma a Natureza Naturante é a substância na totalidade de sua potência de existir, ser e agir, e a Natureza Naturada é o mundo extenso que tem sua causa nos dois atributos de Deus: Extensão e Pensamento. Isto é, mundo extenso e mundo intelectual. Ambas as naturezas são inteligíveis e podem ser conhecidas mediante esforço da Mente humana, em buscar nas causas o conteúdo necessário para a apreensão da realidade.

O mundo extenso e o mundo intelectual são efeitos gerados pelas modificações naturais da substância. O ser humano, neste sentido, é efeito das modificações, ou, segundo Espinosa, é aquilo “que é em outro e cujo conceito é formado a partir do conceito da coisa em que são” (E I, Prop. VIII, Esc. 2). A Humanidade tem como causa a sua relação com o mundo exterior e com o seu mundo interior (intelectual). Primeiro Deus causa a si e se modifica e ao se modificar transforma a realidade, existindo a partir de si outras realidades. Essas realidades causam realidades conectadas a si, mas existem em outro e por outro. Existem em Deus e por Deus. E por isso são os **modos** da substância.

Determinadas pelas duas Naturezas, a realidade no pensamento espinosano possui duas maneiras de ser e existir: Deus e seus **atributos** – a essência de Deus e a expressão de Deus através da Extensão, que forma o mundo material e do Pensamento, composto de ideias que estabelecem nexos e conexões, permitindo a inteligibilidade do universo, união desses dois mundos.³³ Existir em si é o **modo** como Deus produz as coisas que existem em outro como coisa extensa. A coisa extensa é expressão de um dos infinitos atributos de Deus, que dele brota, à existência das outras coisas, o mundo físico e as leis que o regem. O mundo físico e tudo que nele está: é Deus em ato. Em ato porque as realidades se constroem no momento mesmo em que Deus se expressa. Ele causa a si, e ao causar-se produz as realidades extensas e pensantes, mas que na verdade é uma coisa só: a Natureza.

Dos atributos da substância infere Espinosa: “por atributo entendo aquilo que o intelecto percebe da substância como constituindo a essência dela” (E I, Def.). Os atributos são as formas de manifestação que ocorrem à medida que a substância se modifica ou se atualiza. Eles são infinitos e necessários e produzem um determinado efeito. Esses efeitos se chamam **modos**. Desses atributos, de acordo com a filosofia espinosana, só se conhecem dois: Extensão³⁴ e Pensamento³⁵. O primeiro é o **modo** como Deus se amplifica, e o segundo o **modo** como Deus se faz inteligível. O primeiro exprime a abrangência de Deus, produzindo efeitos

³³ Cf. CHAUI, 2005, p. 44 a 48.

³⁴ Idem aos itens subsequentes.

³⁵ Idem aos itens subsequentes.

corpóreos e o segundo é a manifestação do intelecto divino, que num movimento ininterrupto estabelece elo, conexões e nexos entre corpos e pensamentos, afetos e ideias.

Em detrimento da natureza de Deus ser imanente e necessária e de seus atributos darem a ele um lugar inverso de um Deus criador, deduz-se que não pode existir outra substância, porque ser substância já é ser completa, absoluta, perfeita e causa geratriz de toda complexidade do real. A substância não pode produzir outra substância, pois o conceito de substância, na filosofia espinosana, não parte do processo da criação, já que ela é imanente ao mundo físico e intelectual, e as coisas surgem a partir do movimento interno dela. Desta forma, a substância não é um ser pessoal e sim uma natureza ou um ente que age por sua perfeição. Logo, Espinosa afirma, “Na natureza das coisas não podem ser dadas duas ou várias substâncias de mesma natureza, ou seja, de mesmo atributo” (E I, Prop. V). Se existisse qualquer outra substância além de Deus, esta deveria ser conhecida a partir de um dos atributos de Deus e teria as mesmas características dele, ou seja, existiram dois Deuses. E isso não faz o menor sentido, já que um é perfeito, absoluto, infinito, imanente e onipotente. Na concepção de Espinosa, o argumento da existência de mais de uma substância é absurdo.

Assim, a **única substância** é de existência determinada e necessária por sua própria potência, que é a sua natureza. Para Espinosa, “a essência de Deus não é nada além da essência atuosa de Deus” (E II, Prop. III, Esc.) Ora, Deus age em função de características próprias e específicas, que são necessárias ao seu ser. E em função dessa sua natureza Espinosa expõe a definição da potência constituinte do absoluto, “a potência de pensar de Deus é igual à sua potência atual de agir” (E II, Prop. VII, Corl.) indicando que Deus produz as ideias simultaneamente às coisas extensas, no instante em que se autoatualiza.

Desses efeitos, o Pensamento e a Extensão são realidades produzidas em regiões distintas e em campos também diferenciados, atuando sempre como expressões do mesmo ser e da mesma substância. Quanto a isso, Santos explica que existe uma expressão de essência ativa e uma expressão de essência extensa.³⁶ A essência, tanto ativa quanto extensa, de Deus, é o que define o real, representado pelas duas naturezas, devido às causas da essência e da existência divina. Assim argui Espinosa: “De uma causa determinada dada, segue necessariamente um efeito” (E I, Ax.), indicando que Deus não é um ser que criou a Humanidade à sua imagem e semelhança; ela é um efeito das modificações de Deus (Pensamento e Extensão). A substância manifesta Pensamento e Extensão simultaneamente, em dois atributos, cada qual com a sua necessidade específica, onde a existência se faz presente.

³⁶ SANTOS, 2009, p. 117-136.

A pluralidade da substância se dá em função da sua maneira própria de agir, segundo Espinosa “A ordem e a conexão das ideias é a mesma que a ordem e conexão das coisas” (E II, Prop. VII), ou seja: a potência pensante de Deus é idêntica à sua potência de agir; não existe uma sequência no processo de agir e de pensar de Deus, daí interpretes como Deleuze, por exemplo, considerarem que a relação entre corpos e ideias acontece em paralelo, sem qualquer tipo de prioridade ou superioridade. Para Espinosa, “o que quer que siga formalmente da natureza infinita de Deus segue objetivamente em Deus da ideia de Deus, com a mesma ordem e a mesma conexão”³⁷. Este, portanto, é o estatuto da *Ética* e de todo o seu pensamento: o paralelismo e a pluralidade simultânea.

Um exemplo é a existência do círculo. Existe a ideia círculo e os objetos em forma de círculo. Logo, a ideia de um círculo pertence ao atributo Pensamento e o círculo pertence ao atributo Extensão. Ambos não podem ser separados. Se existe a coisa, existe a ideia dessa coisa. Tal explicação serve tanto para dizer que as coisas do pensamento têm causa distinta das coisas materiais, quanto para afirmar que uma não acontece sem a outra, donde em Deus elas são exprimidas simultaneamente. A ação de Deus e dos atributos é infinita, e toda vez que pensamos em um círculo ou desenhamos um, somos nós agindo em ato, e toda vez que nasce na natureza uma coisa circular ou ideias que a ele remetem, é a ação de Deus em ato.

Sobre o mundo físico Chauí explica: “A Extensão é a essência do mundo físico”³⁸. Ainda de acordo com Chauí,

Deus causa a si mesmo causando seus atributos, os atributos causam os modos infinitos imediatos (Intelecto divino), os modos infinitos imediatos causam os modos infinitos mediatos (todas as ideias do real), os modos infinitos mediatos causam os modos finitos (indivíduos, Corpos), os modos finitos causam-se uns aos outros.³⁹

As leis que regem o mundo físico são infinitas, enquanto a matéria em si é finita. Sendo finitos o Corpo e a Mente humanos. São infinitas as leis da física e a essência do mundo físico, constituído a partir de todas as ideias existentes em Deus. O que completa o todo é a ação infinita de Deus, causa geratriz das ideias de todas as coisas, da corporeidade de todas as coisas e das forças e leis que as envolvem. A relação entre as várias realidades produzidas por Deus orchestra e molda o mundo, suas singularidades e homogeneidades, os seres humanos, os afetos, a inteligência, revelando a pluralidade que forma a perfeição divina.

³⁷ ESPINOSA, 2018, p. 135.

³⁸ CHAUI, 2005, p. 48.

³⁹ CHAUI, 2005, p. 48.

A relação causal na existência é infinita; as realidades finitas e infinitas estão, sempre, sob a mesma ordem e conexão. Desta forma, as ideias e as coisas ocorrem simultaneamente, não podendo ser apresentadas de outra forma devido à necessidade funcional da substância. O que antes era mistério, em Espinosa pode ser conhecido, mesmo que parcialmente, se se conhece a causa. Ela é o princípio da vida e o segredo dela também. Deus causa a si mesmo, e ao causar a si mesmo exprime outras realidades distintas entre si, através dos seus infinitos atributos. As realidades distintas, conforme sua necessidade, têm naturezas também distintas, porém são interligadas. Daí a existência do mundo inteligível e físico. A complexidade divina elabora a complexidade do real e todas as nuances que permeiam a vida na Terra.

Nesta seção foi apresentada a ontologia de Espinosa, a natureza de Deus e das coisas, todas elas unidas à essência de Deus. Como foi visto, que Deus é necessariamente imanente e livre, absoluto e se manifesta de múltiplas e diversificadas formas. Que a existência e Deus formam uma só é mesma coisa, chamada Natureza, e que isso não o limita nas várias formas em que se manifesta. Deus se manifesta pelos seus atributos e, portanto, a essência humana corresponde às qualidades desses atributos. O que dá ao ser humano o mesmo *status* das demais coisas existentes, desfazendo a imagem de que ele é “um império num império”.⁴⁰

1.1.2. O Corpo: modo Extensão

Se a seção anterior traz o princípio do pensamento espinosano necessário à compreensão do real, nesta a explicação tem como ponto de partida a natureza humana e como ela se apresenta diante da existência. Nas seções que se seguem a questão se volta para como Espinosa (2018) justifica os elementos que traduzem as expressões humanas, corpo e pensamento, desconsiderando a ideia de dualismo.

Define-se, pelo espinosismo, o ser humano como dois **modos** finitos de Deus: Extensão e Pensamento. Agora, será abordada a Extensão, que exprime o mundo físico, e no caso dos seres humanos o atributo justifica a existência do Corpo humano, como ele funciona, suas determinações e sua contribuição ao todo da existência. A significância do Corpo para o estabelecimento da inteligibilidade é outro aspecto que será abordado nesta seção. A atenção se volta também para a afirmação do Corpo como manifestação da Natureza, e não como uma substância. Espinosa, dentre as inúmeras divergências com a Filosofia clássica e com a religião judaico-cristã, cumpre a tarefa de explicar os conceitos que demonstram as expressões humanas, corpo físico e pensamento, desconsiderando a perspectiva dualista. É salutar ressaltar

⁴⁰ Máxima espinosana.

a totalidade dessas expressões humanas. Contudo, separou-se as seções Corpo e Mente apenas com a intenção de chamar a atenção para a distinção entre elas, devido à distinção de ação dos atributos da Natureza.

Espinosa explica o que são modos: “por **modo** entendo afecções da substância, ou seja, aquilo que é em outro, pelo qual também é concebido” (E I, Def.). São afecções porque representam uma modificação de Deus. O Corpo é efeito do **modo** Extensão, efeito do atributo Extensão. Os Corpos se relacionam entre si e compartilham da mesma perfeição e verdade: *Deus sive Natura*, “Deus ou Natureza”.

Os modos, por serem efeitos dos atributos divinos, não são substâncias. O Corpo e a Mente não podem ser substâncias, porque a substância é indivisível: “Não pode verdadeiramente ser concebido nenhum atributo da substância do qual siga que a substância possa ser dividida” (E I, Prop. XII). Se a substância não permite separar-se, o ser humano não pode, nunca, ser composto de matéria e forma, exatamente porque sua forma e a sua essência nada mais são do que a ação de dois modos singulares finitos de dois atributos divinos concatenados. Essa concatenação faz parte da maneira como a substância se atualiza.

Segundo Chauí, “Espinosa nega que a Mente, o Corpo e o homem sejam substâncias, demonstrando que são modificações ou expressões singulares da atividade imanente de uma substância única e infinita”⁴¹. Este é o ponto central para que se entenda, de acordo com o pensamento do filósofo holandês, o que é o ser humano, dado basilar da unidade Corpo e Mente.

Para ele, ser humano é uma maneira de ser singular, de natureza advinda da essência e da potência de Deus. Por isso o Corpo é um **modo** ou afecção de Deus, causada pelo atributo Extensão, e o **modo** não causa a si mesmo e nem é causa de seu conceito, porque sua causa está fora de si. A sua causa indireta está no atributo ao qual pertence, e sua causa direta está em outros modos. Enquanto Deus ou a Natureza não sofre nenhum tipo de coação externa, causa a si mesmo, e ao causar-se produz a realidade que lhe completa. O ser humano existe através do encontro entre corpos, sua causa está na parte exterior a si mesmo, e exatamente por se tratar de uma coisa que recebe interferências, ele é finito. Sobre o significado de afecções, observe-se o argumento de Chauí: “As afecções do Corpo e as ideias das afecções na mente não são representações cognitivas desinteressadas e fragmentadas. Se o fossem, seriam apenas experiências dispersas e sem sentido. São modificações da vida e do Corpo e significações

⁴¹ CHAUI, 2011, p. 76.

psíquicas dessa vida Corporal...”.⁴² Neste sentido, se as afecções são modificações, pode-se inferir que os modos são modificações de Deus ou da Natureza.

Embora venham da mesma substância, os atributos Extensão e Pensamento são de natureza distinta porque, como já explicado, Deus se manifesta de infinitas maneiras. O que justifica o efeito de cada atributo ser concebido somente por si, envolvendo o conceito de seu atributo. O conceito do atributo Extensão é formado a começar pela necessidade de Deus de ser coisa extensa. Logo, Espinosa entende que “*Os modos de qualquer atributo têm como causa Deus enquanto considerado apenas sob aquele atributo de que são modos, e não enquanto considerado sob algum outro*” (E II, Prop. VI). Os modos têm sua causa em Deus somente a partir do atributo de que ele é **modo**, e não sob outro. O Corpo pertence ao atributo Extensão e cumpre a natureza deste atributo.

Assim, Espinosa analisa que “[...] as coisas ideadas seguem e concluem de seus atributos da mesma maneira e com a mesma necessidade com que mostramos que as ideias seguem do atributo Pensamento” (E II, Prop. VI, Corol.). As coisas ideadas coexistem de igual maneira e necessidade com a forma de pensar de Deus. As coisas extensas, portanto, são ideadas e estas ocorrem simultaneamente com o efeito do atributo Pensamento: as ideias de todas as coisas, pois para tudo que existe em ato, existe uma ideia dessa coisa.

Santos chama a atenção para o “modo depender ontológica e logicamente do que é a sua causa: a substância, razão pela qual Espinosa a chama de afecções da substância”⁴³. Espinosa (2018) chama de afecções da substância a maneira como Deus se relaciona com os modos dos seus atributos, a partir da modificação de si mesma. A substância é a causa dos atributos, que é a causa dos modos e que é causa dos corpos que são causados por outros corpos. A lógica, entretanto, é a mesma dos atributos ao qual pertencem e a mesma da essência da substância: agir por determinação de sua própria necessidade e simultaneamente, assim como os atributos atuam de forma simultânea, produzindo corpos e mentes.

Os modos são expressos indefinidamente e seus efeitos são manifestados de infinitas maneiras, enquanto o Corpo possui determinação de seus atributos, necessidades próprias e caráter singular, conforme define Espinosa: “Por Corpo entendo o modo que exprime, de maneira certa e determinada, a essência de Deus enquanto considerada como coisa extensa; ver *Corol. da Prop. 25 da parte I*” (E II, Definições.) .

⁴² CHAUI, 2011, p. 84.

⁴³ SANTOS, 2009, p. 60-65.

Na Natureza existem os corpos simples e os corpos compostos. O Corpo humano é integrante deste último grupo. Portanto, os corpos compostos são constituídos de outros corpos, sendo o ser humano a união de vários corpos. O Corpo, como coisa extensa, ou seja, física,

[...] produz modos infinitos que constituem a estrutura física do universo segundo relações proporcionais de movimento e repouso ou as leis naturais necessárias, que são ordem e conexão necessárias em que são produzidos todos os Corpos como modos finitos. O Corpo, união de Corpos mais simples, é um indivíduo, isto é, unidade indivisa de constituintes que operam como causa única, e por ser uma individualidade causal é uma potência para afetar e ser por eles afetados.⁴⁴

Para Espinosa, o Corpo humano é formado por vários indivíduos, que são seus órgãos e tudo que o compõe. Um indivíduo é composto de muitos outros corpos. No caso do ser humano, é um indivíduo altamente composto de muitos outros corpos. Assim, o Corpo é composto porque depende de outro para existir.⁴⁵

Como modos finitos, os corpos são coisas singulares. São consideradas singulares as afecções da substância. Primeiro, por esta ser produzida a partir dos efeitos dos atributos de Deus: “não sentimos nem percebemos nenhuma coisa singular além de Corpos e modos de pensar” (E II, Definições.); segundo, que cada Corpo, composto por vários outros corpos, recebe afetos e assimila esses afetos de múltiplas formas. O que seria um Corpo? Espinosa diz: “[...] Se vários indivíduos concorrem para uma única ação de maneira que todos sejam simultaneamente causa de um único efeito, nesta medida considero-os todos como uma única coisa singular” (E II, Definições.).

Assim, o sangue é um Corpo composto de vários outros corpos, que unidos causam a sua existência, com características e necessidades singulares, dando a si o *status* de indivíduo. E a mesma explicação serve para qualquer outro Corpo composto dentro da ordem universal das coisas. A existência se faz de maneira certa e determinada e de infinitas formas. Um rim (que é um indivíduo) do Corpo A (também um indivíduo) é diferente do rim do Corpo B, pois cada qual sofre interferências distintas e tem suas causas também ligadas a corpos compostos distintos, tal qual o coração do Corpo A pode ser mais forte e saudável que o coração do Corpo B, por exemplo.

É a composição de corpos que caracteriza o Corpo humano ou qualquer outro Corpo singular, fazendo com que a essência do ser humano seja diferente da essência de uma lebre.

A diferença de um Corpo para outro está na multiplicidade das afecções que ele sofre. Quanto maior as afecções sofridas pelo Corpo, mais ideias a Mente pode produzir. O Corpo

⁴⁴ CHAUI, 1999, p. 87.

⁴⁵ Cf. ESPINOSA, 2018, p. 161.

não produz ideias; ele carrega a estrutura do mundo extenso; a ele são dadas as afecções. Ele se regenera a partir das afecções que vêm de fora, dos impactos por ele experimentados. Consequentemente, o Corpo humano afeta outros e é afetado o tempo todo, enquanto existir. Segundo Espinosa, “Os indivíduos componentes do Corpo humano e, consequentemente, o próprio Corpo humano, são afetados pelos Corpos externos de múltiplas maneiras” (E II, Prop. XIII, Post. III) O ser humano e o seu Corpo são naturalmente relacionais; ele precisa de outros corpos para existir e permanecer na existência.

Para Espinosa, “o Corpo humano precisa, para se conservar, de muitíssimos outros Corpos, pelos quais é continuamente como que regenerado” (E II, Prop. XIII, Post. IV). Assim, quando as partes fluidas, moles e duras atingem umas às outras, cada qual traz para si a impressão do Corpo externo que as modificaram.⁴⁶ Portanto, as relações imprimem disposições fundamentais à existência corpórea. Estes impactos sofridos pela matéria são chamados por Espinosa de afecções, ou seja, algo que vem de fora do indivíduo e que o leva a alguma alteração em sua composição inicial. Os indivíduos, ao sofrerem os impactos de outros entes, semelhantes ou não, tornam-se mais fortes e aptos à vida, uma vez que ganham experiências, as quais são transformadas em ideias.

Como é determinação da natureza corpórea sofrer afecções, o indivíduo ora está em movimento, ora está em repouso. Segundo Espinosa, “Todos os Corpos ou se movem ou repousam” (E II, Prop. XIII, Ax. I). Se ele sofre afecções de outros Corpos, a causa de seu movimento não está em Deus. Nas palavras de Espinosa, “*Os Corpos se distinguem uns dos outros em razão do movimento e do repouso, da rapidez e da lentidão, e não em razão da substância*” (E II, Prop. XIII, L I). Assim, o que determina um Corpo ao movimento são outros corpos, conforme explicado na parte II da Ética: “*Um Corpo em movimento ou em repouso deveu ser determinado ao movimento ou ao repouso por outro Corpo, que também foi determinado ao movimento ou ao repouso por outro, e este por sua vez por outro, e assim ao infinito*” (E II, Prop. XIII, L III). Ele se move até que outro Corpo o coloque em repouso, e sai do repouso quando outro Corpo o coloca em movimento. A lentidão, rapidez ou repouso são estados em que o Corpo se encontra, podendo requisitar mais ou menos a sua capacidade de produzir ideias, conforme será abordado na parte destinada à Mente.

Reflete Espinosa:

Todas as maneiras que um Corpo é afetado por outro Corpo seguem da natureza do Corpo afetado e simultaneamente da natureza do Corpo afetante; de tal maneira que um só e o mesmo Corpo é movido diferentemente conforme a diversidade de natureza

⁴⁶ Cf. ESPINOSA, 2018, p. 161.

dos Corpos moventes e, inversamente, Corpos diversos são movidos diferentemente por um só e o mesmo Corpo. (E II, LIII, Ax. I)

A modificação que um Corpo sofre ao ser afetado é diferente de um para outro, porque ele se altera quando percebe a afecção, capta aquilo que o que vem de fora é capaz de provocar nele, conforme sua natureza. Olhar uma estrela no céu, a degustação de uma fruta, e assim por diante, podem provocar sensações diferentes de um Corpo para outro. Para um indivíduo, ouvir um rock mais pesado pode ser extremamente prazeroso, enquanto que para outro pode ser perturbador, preferindo este, por exemplo, ouvir uma música clássica.

Os corpos mais complexos, como o ser humano, já vimos que são compostos. Os menos complexos são considerados simples e geralmente se diferem pelo movimento e pelo repouso. No caso de corpos compostos, Espinosa diz que a relação entre eles é o que os distingue dos seus semelhantes:

Quando alguns Corpos de mesma ou diversa grandeza são constrangidos por outros de tal maneira que aderem uns aos outros, ou se movem com o mesmo ou diverso grau de rapidez, de tal maneira que comunicam seus movimentos uns aos outros numa proporção certa, dizemos que esses Corpos estão unidos uns aos outros e todos em simultâneo compõem um só Corpo ou Indivíduo, que se distingue dos outros por essa união de Corpos. (E II, Prop. XIII, Def.)

O indivíduo se difere também a partir da maneira como os outros corpos compostos são dispostos nele (coração, fígado, pulmão, etc.). Essa composição é única em cada indivíduo, fazendo com que um não seja igual ao outro, e assim ao infinito. Desta forma, são infinitos corpos que se manifestam de infinitas maneiras e sofrem múltiplas afecções. Cada afecção sofrida por um indivíduo faz com que cada Corpo que o compõe sofra da mesma afecção e cada um reaja conforme a sua natureza. O ser humano é um indivíduo, ele é composto de vários outros corpos, e cada ser humano é único pela disposição dos corpos que o compõe. É único também pela maneira como é afetado por outros corpos ou indivíduos. Onde, conclui Espinosa, os modos são singulares.

O Corpo não pensa. A princípio, toda e qualquer afecção que ele sofre é chamada de imaginação. Espinosa escolhe esta palavra para demonstrar que o Corpo produz uma ideia na Mente dessas afecções, mas delas ela só consegue obter impressões obscuras, porque como o Corpo não pensa, ele segue a determinação de seu atributo Extensão. Chuai explica o que é imaginação na concepção de Espinosa (2018):

Imaginar não é uma atividade da alma, mas do Corpo. Afetando outros Corpos e sendo por eles afetado de inúmeras maneiras, o Corpo cria imagens de si a partir do modo como é afetado pelos demais Corpos. Imaginar exprime a primeira forma da

interCorporeidade, aquela na qual a imagem do Corpo e de sua vida é formada pela imagem que os demais Corpos oferecem do nosso.⁴⁷

Logo, o Corpo não conhece verdadeiramente, mas parcialmente. Não precisa fazer nenhum esforço para imaginar; ele sofre uma afecção e logo em seguida é modificado. O primeiro contato que o ser humano tem com a realidade é pelo Corpo; portanto, ele é imaginativo. Isso significa que a imagem nasce das afecções corpóreas, e por isso elas são imediatas, confusas, pois são fragmentadas, e a Mente consciente do Corpo adquire dessas afecções um conhecimento imaginativo. Em contrapartida, a Mente se esforça para criar conexão entre as imagens e se orientar no mundo. Assim, um bebê pode compreender a sua relação com a mãe a partir somente das suas necessidades básicas, sem ter noção do todo que essa relação implica. Ou um homem adulto pode consumir abusivamente bebida alcóolica pela sensação de felicidade momentânea, sem dar-se conta do que de fato é prazeroso na sua vida.

O Corpo é imaginação porque a Mente age simultaneamente a ele. Como percebe as coisas, a Mente assimila essa percepção. A imaginação é uma causa inadequada. Segundo Chauí, é “aquela que não pode ser a explicação total do efeito porque é apenas sua causa parcial”⁴⁸. O Corpo obtém as impressões, mas não separa a imagem do outro Corpo que o afetou, ou seja, ele atua de forma inconsciente, a partir do que imagina. Espinosa explica o que é a imaginação: “*Se o Corpo humano é afetado de uma maneira que envolve a natureza de um Corpo externo, a Mente humana contemplará esse mesmo Corpo externo como existente em ato ou como presente a si até o Corpo ser afetado por uma afecção que exclua a existência ou a presença daquele Corpo*” (EII, Prop. XVII).

Portanto, a Mente humana terá uma ideia, que envolve a natureza externa desse Corpo juntamente com a ideia de seu Corpo; ela se mistura aos outros corpos. Conforme explicação no Escólio da Parte II da *Ética*: “*Vemos, pois, de que maneira pode ocorrer que contemplemos como que presentes coisas que não o são, tal como ocorre frequentemente*” (EII, Prop. XVII, Esc.), porque é da natureza do Corpo imaginar. É o que Espinosa denomina de “causalidade inadequada”.

Chauí comenta que “a definição de causalidade inadequada se refere ao que se passa *em nós* apenas, pois nossa natureza está *obnoxia* à paixão, habitada pela potência externa, não tendo potência interna para sair de si”⁴⁹. Desta forma, o Corpo e a Mente não têm ideia clara e distinta do que acontece consigo, porque se fecham na imaginação. Isso se dá pelo fato da Mente, pela

⁴⁷ CHAUI, 2005, p. 57.

⁴⁸ CHAUI, 2016, p. 295.

⁴⁹ CHAUI, 2016, p. 298.

experiência imediata, não conseguir uma ideia correta da relação de causalidade, isto é, a Mente considera o que o Corpo sentiu a partir do impacto com outro Corpo e acaba por considerar o objeto que a impactou junto ao sentimento experimentado durante a relação. Daí a ideia ser imaginativa, porque ela está separada da causalidade verdadeira.

Espinosa explica: “chamaremos imagens das coisas as afecções do Corpo humano cujas ideias representam os Corpos externos como que presentes a nós, ainda que não reproduzam as figuras das coisas” (E II, Prop. XVII, Esc.) Durante o impacto nas relações intercorpóreas, a Mente desconhece a realidade do Corpo que a afetou. Assim, ela generaliza (considera o efeito provocado e o Corpo que o provocou uma coisa só) e abstrai as informações. O Corpo guarda essas impressões que recebe, o que faz da ideia imaginária também ideia retida na memória, dando como presente algo que está ausente. Segundo Chauí, “a imagem presente ou passada não é verdadeira nem falsa: é uma vivência Corporal”.⁵⁰ Portanto, a ideia inadequada ou imaginativa não é uma ideia falsa, no sentido contrário à verdade, e sim a falta do conhecimento real. A inadequação pode ser considerada um padecimento, ou uma passividade, quando o sujeito toma por verdade algo que contraria sua essência, que é conhecer clara e distintamente a sua própria natureza e não a natureza dos outros corpos.

Neste tipo de causa o Corpo adquire um tipo de conhecimento baseado na semelhança. Assim, a Mente interpreta essas semelhanças como noções universais, e a partir dessas noções vai adquirindo conceitos falsos ou inadequados. Quando isso ocorre é porque o ser humano pensa por imagens e palavras, gerando uma opinião. Esse conhecimento que vem do Corpo é importante. Sem ele, a Mente não produz ideias. Por isso Espinosa o considera um conhecimento do primeiro gênero; é a primeira forma de conhecimento. No entanto, ele precisa ser ultrapassado, e conservá-lo se torna um problema.

As paixões são consequência da imaginação, porque elas não envolvem o pensamento. São percepções imaginativas, sentimentos dos quais não conhecemos a causa totalmente. A paixão é própria do Corpo.

Prossegue Espinosa:

Assim vemos que as paixões não são referidas à Mente senão enquanto tem algo que envolve negação, ou seja, enquanto considerada como parte da natureza que não pode ser clara e distintamente percebida por si sem as outras; e assim eu poderia mostrar que as paixões são referidas às coisas singulares da mesma maneira que à Mente, e não podem ser percebidas diferentemente; mas meu intuito é tratar somente da Mente humana. (EIII, Prop. III, Esc.)

⁵⁰ CHAUI, 2005, p. 57.

A origem da opinião, do misticismo, do preconceito e dos tabus que causam dor, perseguições, exploração e toda sorte de sofrimento vem das paixões. Entretanto, as paixões são formas de padecimento, quando os seres humanos se fazem escravos de suas ilusões. Isso só ocorre se os indivíduos se deixam conduzir pelas coisas e ideias exteriores a si mesmos. E em função das determinações do Corpo, essas ilusões podem dominar a Mente humana, pois a Mente não reage às paixões que a provocam, exprimindo-se passivamente. E o Corpo apenas deseja se deixar levar pelo que abstrai das coisas exteriores. Daí a compreensão de que a paixão é um efeito que vem de fora, e não uma ação do próprio sujeito; quando buscamos o efeito, e não a causa, não adquirimos o conhecimento completo. Por isso, ao final do excerto Espinosa afirma querer tratar somente das coisas que se referem à Mente humana, ou seja, à razão.

Por não estar inteiramente vinculada à razão, a paixão é um afeto cuja causa envolve as afecções do Corpo. Ela não deve ser descartada; ela é necessária para o conhecimento adequado das coisas, para a compreensão da causa dos afetos considerados ativos, dirigidos pela razão. Muitas vezes ficamos tristes, mas não sabemos a causa que nos levou a entristecer. A ignorância das causas é a confusão da Mente. E na ignorância não conhecemos a ordem da Natureza. No entanto, é a partir da ignorância que a Mente pode esforçar-se para conhecer clara e distintamente, conforme veremos na seção que trata da Mente.

A partir do que foi visto até então, pode-se definir o papel do Corpo. Ele é objeto da Mente. É a partir das afecções que ele sofre que a Mente produz ideias claras e distintas ou confusas. No entanto, para um Corpo sair da situação de passividade, é preciso que a ideia sobre cada uma das maneiras que levou cada Corpo a ser afetado exista, e não a ideia desse Corpo unida aos outros corpos, porque a Mente conhece clara e distintamente somente o que acontece no Corpo do qual ela faz parte. Por isso, considera-se conhecimento inadequado quando há o envolvimento entre corpos, mas não há explicação sobre como isso ocorre em cada Corpo.

1.2 Mente

Como visto na seção anterior, o **modo** Extensão tem como seu efeito o Corpo. De modo análogo, o **modo** Pensamento, que representa a inteligibilidade humana, tem como efeito a Mente e toda a potencialidade, que é própria de sua essência.

Segundo Espinosa,

O ser formal das ideias reconhece como causa Deus apenas enquanto considerado como coisa pensante, e não enquanto explicado por outro atributo. Isto é, tanto os atributos de Deus quanto das coisas singulares, reconhecem como causa eficiente não os próprios ideados, ou seja, as coisas percebidas, mas o próprio Deus enquanto coisa pensante. (EII, Prop. V)

Nesse sentido, a Mente é efeito do atributo que representa, segundo Espinosa, o pensamento de Deus, em especial o próprio Deus enquanto coisa pensante. De acordo com Espinosa “O pensamento é um atributo de Deus, Deus é coisa pensante”.(E II, Prop. I) Esse atributo corresponde ao conjunto de ideias que expressam a racionalidade do real, tendo Deus como sua causa eficiente.

Os pensamentos são modos que exprimem de maneira certa e determinada este ou aquele pensamento. Espinosa compreende que Deus necessariamente produz seus próprios atributos. No caso do Pensamento, este detém todos os pensamentos singulares e o conceito desses pensamentos. Deus concebe os conceitos de todas as coisas no instante em que se autoafeta ou se atualiza. Esta é a forma de atuação de Deus, daí Espinosa considerar as coisas tanto do Corpo quanto da Mente sempre no momento em que são produzidas. A vida, nesta perspectiva, é realizada no aqui e no agora, produzindo corpos e ideias no tempo presente, infinitamente.

A partir da ação de Deus, iremos apresentar como o **modo** Pensamento é concebido e como a Mente humana funciona a partir das determinações do atributo ao qual pertence e se relaciona com o seu único objeto: o Corpo.

O atributo Pensamento pertence à Natureza Naturada, segundo afirmação do próprio filósofo: “O intelecto em ato, seja ele finito ou infinito, assim como a vontade, o desejo, o amor e etc., devem ser referidos à Natureza Naturada e não à Naturante” (E I, Prop. XXXI) Logo, o **modo** Pensamento é também uma afecção da substância, pois se trata de uma modificação nela mesma e, portanto, sua constituição vem da imanência e das ações de Deus.

Neste sentido o **modo** não é uma substância, porque a substância é a Natureza Naturante unida à Natureza Naturada, dando ao **modo** o lugar de parte da substância. Segundo Espinosa, “[...] Deus pode pensar infinitas coisas com infinitos Modos, ou seja, formar a ideia de sua essência e de tudo que dela segue necessariamente”. (E II, Prop. III, Dem.) E o **modo** Pensamento segue da essência intelectual de Deus e da necessidade de Deus de produzir ideias. O Pensamento é efeito da manifestação divina, que num movimento ininterrupto estabelece elos, conexões e nexos entre as duas Naturezas (Naturante e Naturada). E se Deus produz ideias, a Mente também as produz.

Ao Pensamento compete exprimir e conceber todos os pensamentos singulares, que são finitos por serem modos da substância, como os modos são afecções causadas pelas ações da substância a eles cabem existir somente na duração. Assim, o que está determinado a formar ideias é a Mente; ela é efeito do atributo Pensamento, isto é, um modo deste atributo, e por isso ao Corpo compete sentir e à Mente compete produzir ideias, estabelecer nexos e associações

entre elas. As ideias são produtoras de conceitos presentes na racionalidade da Natureza, responsável pela totalidade da existência. Para Espinosa, a ideia é um conceito da Mente: “Por ideia entendo o conceito da mente, que a mente forma por ser coisa pensante”. (E II, Definições III) Conceito que a Mente forma ao agir, enquanto causa interna, enquanto autoafecção do sujeito.

Chauí (2016) consegue analisar precisamente os sentidos de ideia em Espinosa. Serão apresentados os conceitos ontológicos e cognitivos que estão associados às ideias humanas. Para Chauí, no plano ontológico uma ideia é

[...] uma realidade ou um ser enquanto modificação finita certa e determinada do atributo pensamento constituída por uma pluralidade de modos de pensar – é a *Mens humana*, uma singularidade constituída por modos de pensar; 3) é a expressão, no atributo pensamento, de um modo finito do atributo extensão, é a mente humana como *ideia Corporis*; [...] ⁵¹

A reflexão, operação da Mente, característica do atributo Pensamento, produz uma ideia da ideia que é o Corpo. Ela conhece o objeto ou a essência objetiva do seu objeto, que é o Corpo existente em ato, e se torna essência objetiva de si mesma, isto é, ela desenvolve um saber de si mesma. Já no plano cognitivo, Chauí considera uma ideia “[...] um conceito que a mente forma por ser coisa pensante ou um ato cognitivo, ou a ação de afirmar ou negar alguma coisa; [...]”.⁵² Desta forma, a ideia que constitui o Corpo é composta de múltiplas ideias. No que se refere ao conhecimento, a ideia pode ser adequada ou inadequada e no que se refere às ações suas causas podem ser adequadas ou inadequadas e, é claro, que uma é consequência da outra. Espinosa conclui o raciocínio: “*A Mente humana não conhece o próprio Corpo humano nem sabe que ele existe senão pelas ideias das afecções pelas quais o Corpo é afetado.* (E II, Prop. XIX)

Segundo Chauí, uma ideia

[...] é a unidade lógica de uma rede de ideias ou de uma conexão de ideias que apresenta a necessidade da natureza da coisa conhecida – é verdadeira quando a conexão é internamente necessária (é duvidosa quando, em vez de conexão ordenada, há desordem; é fictícia quando a conexão é inventada ou forjada; falsa quando é privação da verdade, isto é, ignorância quanto à necessidade das conexões que articulam uma ideia as outras).⁵³

A Mente é uma atividade pensante que opera na produção de ideias adquiridas necessariamente pelos afetos do seu objeto, ou seja, ela é composta pelas ideias que ela forma.

⁵¹ CHAUI, 2016, p. 195-196.

⁵² CHAUI, 2016, p. 196.

⁵³ CHAUI, 2016, p. 196.

A Mente é apta a produzir ideias que podem ser falsas ou forjadas, pela natureza do Corpo, ou reais e verdadeiras, pela natureza da Mente e do atributo que a formou, sendo considerado como falso a ignorância do conhecimento do encadeamento das causas que levam o Corpo a perceber um determinado efeito, uma vez que o ser formal da Mente é o Corpo que a ela está unida, e não os corpos exteriores.

A Mente humana tem suas ideias interligadas e envoltas no atributo ao qual pertence, ou seja, a essência eterna, infinita e perfeita do pensamento de Deus.⁵⁴ Nas palavras de Espinosa, “cada ideia de qualquer Corpo, ou de coisa singular, existente em ato, envolve necessariamente a essência eterna e infinita de Deus”. (E II, Prop. XLV) Se cada ideia envolve a existência e a essência de Deus, significa que existe um conjunto de ideias que na sua constituição é perfeita. Assim, mesmo que limitadamente, é possível o ser humano conhecer o que é de fato importante para a sua relação com o mundo material e espiritual, e essa relação se faz via Corpo.

Segundo Espinosa, “o que quer que aconteça no objeto singular de uma ideia qualquer, disso é dado o conhecimento em Deus apenas enquanto tem a ideia desse objeto”. (E II, Prop. IX, Corol.) Deus, por ser coisa pensante e produzir ideias de todas as coisas, causa todos os modos singulares infinitamente. No caso dos modos singulares, o que causa uma ideia em suas mentes é o efeito de uma afecção feita por outro modo singular. A causa das ideias nos corpos e mentes, isto é, outros corpos e mentes, se explica pelo fato de a ordem e a conexão das ideias serem as mesmas que a ordem e a conexão das causas. Desta forma, a causa de uma ideia singular é outra ideia singular de Deus, que tem sua causa em Deus somente enquanto é afetado por outra ideia singular.

Assim, Deus terá ideia desse objeto – o **modo** – somente enquanto ele age na existência, pois os modos são finitos e nunca se repetirão. Logo, o conhecimento do que acontece a um ser humano, da sua vida e questões, estará em Deus pelo tempo de sua duração. Daí a ordem e a conexão das ideias serem as mesmas que a ordem e a conexão das coisas.⁵⁵

Sobre a Mente ser ideia de seu Corpo, Chauí argui:

Embora todo pensamento singular seja modificação do atributo pensamento e, como tal, uma ideia, nem toda ideia é uma mente, tanto assim que a proposição II P7 dirá que a ordem e a conexão das ideias é a mesma que a ordem e a conexão das coisas, e não que a ordem e conexão das mentes é a mesma que a ordem e conexão dos Corpos. Somente depois que a Parte II houver deduzido a essência da mente humana como modo finito do atributo pensamento cujo ser atual é constituído pela ideia de seu Corpo, então, da proposição II, P7, a Parte V poderá concluir e deduzir, em sua

⁵⁴ Cf. ESPINOSA, 2018, p. 211.

⁵⁵ Cf. ESPINOSA, 2018, p. 139-141.

primeira proposição, que a ordem e conexão das afecções no Corpo é a mesma que a ordem e conexão das ideias na mente.⁵⁶

Assim, esclarece Chauí que a Mente possui a ideia de seu Corpo e que as demais ideias produzidas são modos, ou seja, modificações que a Mente sofre à medida que o Corpo é afetado. Por isso elas seguem na mesma ordem e conexão das coisas, porque mediante a sensibilidade corpórea, no instante do afeto, elas se formam. O mesmo pode ser dito das afecções do Corpo, devido à ação simultânea entre os atributos Pensamento e Extensão e, conseqüentemente, Corpo e Mente.

A Mente é a ideia de seu Corpo em ato; ela não é ideia de outro Corpo, e sim do Corpo a que está unida. Quando o Corpo é afetado, acontece algo com ele, ou seja, ele se modifica e a Mente simultaneamente produz uma ideia; logo, ela também se modifica. Corpo e Mente trabalham juntos na formação das ideias. Isso se aplica a todos os indivíduos animados. Em todos existe a ideia. Se uma coisa existe, é porque existe uma ideia dessa coisa. Deus, portanto, é a origem das ideias, e a Mente pode conhecer as ideias que envolvem o Corpo.

Explica Espinosa que “a mente não conhece a si própria senão enquanto percebe as ideias das afecções do Corpo”. (E II, Prop. XXIII) A Mente se conhece à medida que conhece a natureza do Corpo. Ela somente poderá se conhecer se conhecer as ideias de tudo que afeta o Corpo, porque as ideias das afecções do Corpo envolvem sua natureza e por isso estão na Mente, já que todas as ideias estão em Deus. Como a Mente é efeito do atributo de Deus, ela será referida a Deus caso conheça o próprio Corpo humano. Ela só conhece a si mesma se produzir ideias claras e distintas do Corpo afetado.⁵⁷

Contudo, as ideias não são formadas a partir de faculdades da Mente. À Mente é dado ter ideias do que acontece com o Corpo, à medida que este sente o impacto de Corpos exteriores a ele, à medida que interage com as leis da *physis*, à qual ele está submetido; daí a riqueza do que o Corpo sente para a Mente. É pela percepção do Corpo que a Mente pode formar conceitos, elaborar ideias e criar conexões e elos entre elas, produzindo conhecimento verdadeiro. Jaquet diz que “a razão não se caracteriza mais, portanto, por essa receptividade outrora garantida da verdade, mas por sua capacidade de produzir efeitos e afetos, de formar noções comuns e ideias adequadas fontes de alegria ativa”.⁵⁸ Pode-se dizer que a racionalidade da Mente é conectada às afecções do Corpo. E que enquanto o Corpo percebe essas afecções, a Mente forma um conceito delas. É o que Espinosa chama de “afeto”.

⁵⁶ CHAUI, 2005, p.55.

⁵⁷ Cf. ESPINOSA, 2018, p. 177.

⁵⁸ JAQUET, 2015, p. 94.

O afeto, portanto, é resultado das afecções do Corpo, que permitem que a Mente, ao ser afetada, concomitantemente ao Corpo, produza uma ideia dessa afecção que pode aproximar ou distanciar o ser humano de sua verdadeira natureza. Melhor dizendo, ideia adequada ou inadequada. Se o pensamento tem força para gerar reflexão e introspecção ao indivíduo, este pode ser causa adequada, isto é, agente de suas alegrias e felicidade, de acordo com o encadeamento das ideias e das causas, de mesma ordem e conexão.

Espinosa afirma: “Por ideia adequada entendo a ideia que, enquanto é considerada em si, sem a relação ao objeto, tem todas as propriedades ou denominações intrínsecas à ideia verdadeira”. (E II, Definições IV) Logo, a ideia das relações do Corpo com tudo que o afeta – o mundo e os corpos exteriores – estão em Deus. É intrínseca porque envolve a verdade de tudo o que é ideia de Deus, e no caso da Mente humana envolve todas as ideias referidas ao Corpo e à sua natureza, que para Espinosa diz respeito “[...] à conveniência da ideia com seu ideado”. (E II, Definições IV, Exp.) Assim, a ideia adequada na Mente humana consegue explicar os movimentos do Corpo humano a partir de suas múltiplas experiências.

Nesse sentido, Espinosa parte para uma caracterização da Mente humana voltada para a sua habilidade de perceber a sensibilidade corpórea: “a mente humana é apta a perceber muitíssimas coisas, e é tão mais apta quanto mais pode ser disposto o seu Corpo de múltiplas maneiras”. (E II, Prop. XIV) Portanto, o Corpo humano sofre afecções e afeta outros corpos; é da sua natureza relacional; e a Mente é preparada para pensar todas essas afecções. Quanto mais afecções o impactam, mais poderosas são as experiências da Mente. O Corpo sente e imediatamente e simultaneamente a Mente percebe o que ele sentiu. O desafio da vida humana, para Espinosa, é o que a sua Teoria dos Afetos vem nos apresentar: é da natureza humana fazer das experiências da carne ideias que nos ajudam a viver melhor.

Essa é a ontologia do necessário, que sustenta a ciência dos afetos. A vida humana é uma afirmação da intercorporeidade necessária à felicidade. Desta forma, os seres humanos são modos singulares, mas que se realizam na coexistência com outros corpos. Todos os movimentos e repousos, paixões e pensamentos individuais e coletivos experimentados pelos corpos fazem parte das inúmeras disposições das coisas e das ideias que estão a serviço do bem-estar e do equilíbrio da vida. As afecções do Corpo nada mais são do que fonte fecunda de contentamento, que a Mente pode utilizar.

A partir da interação entre Mente e Corpo, podemos enumerar o funcionamento da Mente e a sua experiência com o Corpo: 1. a Mente humana é a ideia da existência do Corpo; 2. o Corpo é objeto da Mente; 3. a ideia é o que vem primeiro para a construção do

conhecimento; 4. o Corpo é coisa extensa, e não conhece a si mesmo e nem se percebe acertadamente, senão pela Mente.

Diante do exposto, pode-se chegar à seguinte análise: sem o Corpo não é possível a existência da Mente, e vice-versa A ideia é o princípio da humanidade (ideia de Deus). E ter ideia do que existe, do que sente seu Corpo num dado momento e numa dada circunstância, estabelece a ordem da existência. Sem ela não há ação, não há qualquer tipo de conhecimento verdadeiro. Nas palavras de Espinosa, “[...] logo, será a ideia de uma coisa existente em ato. Mas não de uma coisa infinita, pois uma coisa infinita deve sempre necessariamente existir. Ora, isso é um absurdo; logo, o que primeiramente constitui o ser atual da mente humana é a ideia de uma coisa singular existente em ato”. (E II, Prop. XI, Dem.)

As ideias, na Mente humana, existem enquanto o Corpo experimenta a existência, e deixarão de existir naquela Mente quando o Corpo que a une não mais existir.

Mas as ideias são eternas? São. Enquanto contidos em Deus, finitos são a Mente e o Corpo; infinito é Deus e seus atributos.

Chantal Jaquet, filósofa que estuda o Corpo e a tese da união da Mente e do Corpo, de Espinosa, afirma:

Para Espinosa, toda coisa possui uma essência formal, que exprime sua realidade, e uma essência objetiva, que é a ideia dessa realidade. A essência objetiva de uma coisa não é, pois, nada outro que a ideia dessa coisa, e se distingue da essência formal, que visa à coisa em sua realidade material ou sua forma. A mente, enquanto ideia, é portanto a essência objetiva do Corpo, isto é, compreende a título de objeto de pensamento tudo o que a essência do Corpo compreende formal ou realmente, segundo a mesma ordem e a mesma conexão.⁵⁹

Para entender melhor a concepção de “Mente”, Espinosa costuma fazer alusão às figuras geométricas, tais como o círculo. Seguindo seu próprio raciocínio, o círculo corresponde ao efeito do **modo** Extensão. Contudo ele não é apenas forma; o círculo é também uma ideia, que é efeito do **modo** Pensamento. O ser humano, seguindo a mesma ordem e a mesma conexão, se encontra na Natureza submetido a tudo o que existe quanto às necessidades de ser e de agir de Deus.

Sobre a ideia e a causa adequadas, pode-se afirmar que o que vem do pensamento é considerado por Espinosa como causa adequada, e esta produz ideias que afetam o Corpo positivamente. Pode-se dizer que a razão, na filosofia de Espinosa, se caracteriza pelo afeto (interação entre afecções e ideias), quando dele se infere uma conformidade com a existência. Por isso, Jaquet cita a *Ética* como uma obra que “atribui à razão o poder de formar ideias e

⁵⁹ JAQUET, 2015, p. 23.

reconhece, portanto, implicitamente, seu aspecto ativo”.⁶⁰ É sobre a potência do Corpo, unida à habilidade da Mente, que se debruça Espinosa na *Ética* (2018) e na Teoria dos Afetos, quando vem nos mostrar a relação do afeto com a produção de conhecimento, para uma vida plena e feliz.

Entretanto, ao ser humano é dado conhecer verdadeiramente ou imaginar. No caso da imaginação seria, para o nosso filósofo, a Mente contemplar, como se estivessem presentes os Corpos externos pelos quais o Corpo humano foi afetado uma vez, ainda que não existam e nem estejam presentes.⁶¹ Caso a Mente produza ideias do que o Corpo sente, Corpo e Mente representam ação e constroem um conhecimento baseado nas vivências do Corpo; caso os afetos sejam somente percebidos pelo Corpo, sem nenhuma iniciativa da Mente, aí Corpo e Mente padecem. E por padecerem podem tomar por verdade a ilusão; o certo por incerto; o bom por mau. Segundo Espinosa, “Vemos, pois, de que maneira pode ocorrer que contemplemos como que presentes coisas que não o são, tal como ocorre frequentemente”. (E II, Prop. XVII, Esc.) Ou seja, frequentemente padecemos por não contemplarmos o objeto da Mente e sim os corpos externos, o que implica em imaginar no lugar de pensar, em ideia e causa inadequada.

Observe-se que Espinosa não fala em erro, ou vício, e sim em ignorância. Tanto o padecimento quanto a ação são provenientes dos afetos. Conforme define Jaquet sobre o afeto, “ele exprime graus de consciência que se escalonam desde a quase inconsciência do ignorante até a consciência clara e distinta do sábio”.⁶² Continuando, diz: “Por consequência, quem quer que vislumbre unicamente seu modo de constituição, os referirá ao Corpo; quem, ao contrário, se coloque ao nível da potência de agir do homem inteiro, os referirá ao Corpo e à mente”.⁶³ Neste sentido, o que se refere ao Corpo e à Mente é o afeto, unidade psicofísica. As afecções corporais não produzem um conhecimento adequado, e sim um conhecimento parcial, ou inadequado, ou imaginativo da realidade do Corpo, gerando no ser humano um sentimento parcial de Tristeza ou Alegria. O conhecimento adequado se refere à Mente, consciente do que acontece ao Corpo, levando em consideração as causas e provocando uma alegria na totalidade do ser. Assim, quando a Mente toma a frente das coisas, Corpo e Mente são causas adequadas. Enquanto o Corpo e a Mente são dirigidos pelo Corpo, são causas inadequadas e concebem ideias inadequadas.

⁶⁰ JAQUET, 2015, p. 94.

⁶¹ Cf. ESPINOSA, 2018, p. 167.

⁶² JAQUET, 2015, p. 161.

⁶³ JAQUET, 2015, p. 176.

Para finalizar esta parte sobre Mente, será apresentada a definição de Espinosa (2018) de vontade e intelecto.

Conforme foi visto, a Mente não age em função de uma faculdade, mas a partir da ideia de uma coisa singular, e toda e qualquer volição será determinada pela ideia que envolve todas as coisas singulares. Assim explica Espinosa :

Concebamos, pois, uma volição singular, a saber, um modo de pensar pelo qual a mente afirma que os três ângulos de um triângulo são iguais a dois retos. Esta afirmação envolve o conceito, ou seja, a ideia de triângulo, isto é, não pode ser concebida sem a ideia do triângulo. (E II, Prop. XLIX, Dem.)

A afirmação da Mente sobre qualquer coisa não pode ser feita por decisão da Mente, de forma isolada; ela precisa pautar-se na ideia dessa coisa que se encontra na Natureza, donde a compreensão de que a vontade e o intelecto são as próprias volições e ideias singulares, sendo as volições e as ideias a mesma coisa, tendo em vista o fato dessa relação entre a autoridade de escolha de um afeto e a distinção estar em igualdade com a vontade e o intelecto. Logo, vontade e intelecto são uma mesma coisa.

Verificou-se nesta seção que a Mente é a ideia do Corpo e que a Natureza da Mente é pensar. Apontamos como é possível termos o conhecimento verdadeiro das coisas que envolvem a vida humana, caso a Humanidade priorize a razão em detrimento de ensinamentos ou ideias que não passam de incompletude e fragmentação e, portanto, não respeitam a natureza do Corpo e a essência da vida. Mostramos que a Mente tem o papel de dirigir o ser humano aos melhores afetos, produtores de estados corporais e mentais alegres, buscando o conhecimento pelas causas das afecções do Corpo e as ideias na Mente, o que será visto com mais clareza na sessão que se segue.

1.3 Corpo-Mente

Até aqui foram abordados conceitos fundamentais para compreensão do sujeito enquanto unidade. Refletiu-se sobre como se formam as coisas corpóreas e intelectuais e porque, para Espinosa, o ser humano é a união de dois modos finitos de Deus: Extensão, que tem como efeito Corpo e Pensamento, que têm como efeito a Mente e as ideias. Diante de tais conceitos, verificou-se o valor que Espinosa dá ao Corpo e à casa comum, isto é, a natureza e as leis que a regem. Em função do exposto, pode-se afirmar que para o filósofo holandês as essências e potências das ideias são produzidas pelos efeitos da conexão de causas necessárias constituintes da ordem universal da Natureza Naturada.⁶⁴

⁶⁴ CHAUI, 2005, p. 44.

Nesta última seção do primeiro capítulo será apresentada a concepção antropológica de Espinosa. O objetivo é enfatizar como Corpo e Mente funcionam, levando em consideração a simultaneidade, sem adentrar na discussão entre os filósofos comentadores quanto às implicações psicofísicas concernentes ao espinosismo, tais como simultaneidade e paralelismo. O foco é a Teoria dos Afetos e sua aplicação no *éthos*. No percurso do estudo que integra o ser humano, abordagem será sobre o conceito da união de Corpo e Mente e, posteriormente, como Mente e Corpo podem ser ação ou padecimento. Finalizando o capítulo, a reflexão é sobre a estreita relação entre a essência humana e a vida afetiva. Nesse contexto, serão verificados também os três gêneros de Conhecimento para Espinosa. Chauí (2005, 2011, 2016) e Jaquet (2015) são os intérpretes que ajudarão nessa reflexão.

A partir de um dos pontos fundamentais da reflexão de Espinosa – a união de Corpo e Mente –, e em especial como esta união é estruturada a partir de uma **única substância**, a ideia é compreender os aspectos propostos por Espinosa:

Aqui, antes de prosseguir, cumpre-nos trazer à memória o que mostramos acima: o que quer que possa ser percebido pelo intelecto infinito como constituindo a essência da substância pertence apenas à substância única e, por conseguinte, a substância pensante e a substância extensa são uma só e a mesma substância, compreendida ora sob este, ora sob aquele atributo. Assim também um modo de extensão e a ideia desse modo são uma só e mesma coisa, expressa todavia de duas maneiras; o que parecem ter visto certos Hebreus, como que por entre a névoa, ao sustentarem que Deus, o intelecto de Deus e as coisas por ele entendidas são um só e o mesmo. (E I, Prop. XVII, Esc.)

A tese apresentada no excerto acima revela uma compreensão de Deus, sob a égide de uma **única substância**, que exprime o mundo tal como se revela, pelos atributos Extensão e Pensamento. A coexistência e a articulação entre os modos de ser e de existir divinos e seus efeitos podem ser percebidas – no presente caso de estudo – no ser humano, união de um Corpo e uma Mente:

[..] a Mente e o Corpo são uma só e mesma coisa que é concebida ora sob o atributo Pensamento, ora sob o da Extensão. Onde ocorre que a ordem, ou seja, a concatenação das coisas seja um só, quer a natureza seja concebida sob um quer sob o outro atributo, e que, consequentemente, a ordem das ações e paixões do Corpo seja, por natureza, simultânea com a ordem das ações e paixões da Mente. (E III, Prop. II, Esc.)

A Extensão e o Pensamento determinam tanto as paixões como as ações. As paixões seguem da natureza do Corpo, que é sentir, e a ação segue da natureza da Mente, que é o esforço para produzir ideias. À medida que o Corpo sente, a Mente produz uma ideia. Isso ocorre simultaneamente. Da mesma forma que Deus, o ser humano se apresenta no mundo como um

Corpo-Mente. Como ele está ora sob o comando de um atributo, ora de outro, se move pelas paixões e pelas ações. Quando as ideias adequadas se encontram em maior quantidade no sujeito, diz-se que ele age; quando as paixões exercem um poder maior sobre ele, diz-se que ele imagina. Mas, pensando ou imaginando, Mente e Corpo atuam juntos.

Por isso a Antropologia espinosana admite o sujeito enquanto unidade negando qualquer hierarquia entre Mente e Corpo. Essa ação conjunta não permite dualidade, e sim um Corpo-Mente. Espinosa afirma que “Além de Deus, nenhuma substância pode ser dada nem concebida” (E I, Prop. XIV). Sobre isso, Chauí explica:

O seguir significa, em primeiro lugar, que não podem ser, nem concebidos sem a natureza das potências de que seguem, são modos dessas potências; em segundo, que, por isso mesmo, possuem a mesma natureza que suas causas, embora neles a potência seja limitada ou finita; em terceiro, que assim como as partes extensas da Natureza são pensadas em sua conexão e encadeamento pela potência pensante infinita, também a potência pensante finita, ou a mente humana, pensa seu Corpo, ou seja, este é seu ideado.⁶⁵

Essa união do Corpo como objeto da Mente e da Mente como ideia do Corpo é o que determina a potência pensante do ser humano.

Seguindo da ideia de unidade em Espinosa, Jaquet argumenta:

A referência a uma substância única serve para afirmar que a mente é inseparável do Corpo, e que, de alguma forma, são feitos do mesmo estopo. A referência aos dos atributos, a mente e o Corpo, reconhece a distinção de duas ordens de fenômenos, formulação que preserva um dualismo de “aspectos”, mas não de substância.⁶⁶

Sabe-se que para Espinosa não existe dualismo na Natureza, porque só há uma substância, e ela é indivisível. Em Descartes, por exemplo, pensava-se que mente e corpo eram duas substâncias distintas. O que podemos, de certa forma, afirmar em Espinosa é que as coisas, assim como os seres humanos, se apresentam sob dois aspectos: fisicamente e intelectualmente; que são formas distintas de manifestação mas constituídos de um só e mesmo ente, o que pode ser definido como um dualismo de “aspecto”, mas nunca como a ideia dual da matéria e forma.

Para Jaquet (2015), o dualismo de “aspecto” em nada se assemelha ao dualismo pensado na tradição filosófica; ele alude aos atributos que constituem o ser humano, que são distintos, porém são efeitos da **única substância**. A Natureza inteira segue da natureza de Deus, por isso é uma coisa só: *Deus sive Natura*, ou “Deus ou Natureza”. Na Natureza o movimento é feito

⁶⁵ CHAUÍ, 2016, p. 48.

⁶⁶ JAQUET, 2015, p. 16.

pela comunicação constante e simultânea entre as duas Naturezas (Naturante e Naturada), assim como Corpo-Mente.

Como a Mente e o Corpo possuem comunicação direta, a relação da Mente com os afetos percebidos pelo Corpo é também direta, graças ao modo existencial de Deus, que é em outro, e por outro⁶⁷. Extensão e Pensamento atuam no sujeito da mesma forma que eles são em Deus. Entretanto, define Espinosa, “*Nem o Corpo pode determinar a mente a pensar, nem a mente pode determinar o Corpo ao movimento, ao repouso ou a alguma outra coisa (se isso existe).*” (E III, Prop. II) Um não gera movimento ao outro, pois o que determina a Mente e o Corpo é a natureza de Deus. E essa relação entre Deus, atributos, modos da parte extensa e da parte pensante é feita pela concatenação das ideias e das causalidades.

Pela causalidade é que se explica a origem relacional do ser humano, que se faz através da compatibilidade entre Corpo e Mente em ato, que traz o viés e a ideia central da Teoria dos Afetos. A leitura de Espinosa (2018) – “o objeto da ideia que constitui a mente humana é o Corpo, ou seja, um **modo** certo da Extensão, existente em ato, e nada outro” (E II, Prop. XIII) – possibilita a compreensão da relação entre Corpo e Mente: os Corpos e os afetos são parte da rede de pensamento.

É preciso entender que a ideia que a Mente tem do Corpo não é uma ideia isolada, porque se trata da ideia do Corpo já afetado: em contato com outro Corpo que o modifica, portanto, as ideias da Mente são ideias dos efeitos gerados ao Corpo pelos outros corpos. Isso explica o que caracteriza a singularidade de um Corpo, a composição de corpos que dá uma essência também singular àquele Corpo e que, ao ser afetado, afeta também cada Corpo ou indivíduo que o compõe, e cada qual terá uma reação que será percebida por ele. Espinosa diz que “Quando uma parte fluida do Corpo humano é determinada por um Corpo externo a atingir amiúde uma outra mole, ela muda a superfície desta última e como que imprime nela alguns vestígios do Corpo externo que a impeliu.” (E II, Prop. XIII, Post. V) O filósofo quer dizer que, quando um Corpo afeta outro, todas as partes constituintes do indivíduo afetado também serão afetadas, modificadas. Desta forma, todos os corpos que formam o indivíduo (sangue, por exemplo) terão suas próprias impressões deixadas pelo indivíduo afetante, que também sofrerá alterações em todas as pequenas partes que o constitui. Essas impressões são marcas no indivíduo, que darão a ele materiais para a produção de ideias.

As reações são diversas nos corpos, dando à Natureza uma infinidade de corpos distintos e uma grande riqueza às relações entre eles. Existe diferença do Corpo do ser humano para

⁶⁷ Cf. CHAUI, 2011, p.73.

outros corpos na natureza e diferença de um ser humano para outro. Essa relação diz respeito à quantidade de vezes que o Corpo é afetado e como é impresso em cada parte do Corpo essa afecção.

Segundo Espinosa (2018), a diferença entre os corpos se dá também pela Mente, em especial como ela é apta a perceber as ideias, ao mesmo tempo em que o Corpo está disposto por múltiplas formas. Sobre isso, adverte o filósofo: “*A ideia que constitui o ser formal da Mente humana não é simples, mas composta de muitíssimas ideias*”. (E II, Prop. XV) A ideia que a Mente tem do Corpo é composta de muitas ideias, já que o Corpo humano é formado por muitos outros indivíduos, que também são compostos e o alteram. A ideia de cada um desses indivíduos é dada pelas partes que o compõe.⁶⁸ Essa estrutura relacional permite à Mente perceber a natureza de muitíssimos corpos (simples e compostos), assim como a natureza do seu, já que a ideia de cada um deles existe em Deus. Cada pequeno Corpo que forma a unidade que é o Corpo humano recebe as afecções que o Corpo sofreu e se modifica, interferindo na mudança que o ser humano tem. E a Mente pode produzir uma ideia que se encontra unida às ideias dos corpos que compõem o Corpo humano, ideias de seus corpos afetados por outros corpos. Como muito bem ressalta Chauí:

O Corpo, sistema dinâmico complexo de movimentos internos e externos, pressupõe e afirma a intercorporeidade como originária sob dois aspectos: de um lado, porque ele é, enquanto um ser singular, uma união de Corpos exteriores que o rodeiam e dos quais precisa para conservar-se, regenerar-se e transformar-se, como ele próprio é necessário à conservação, regeneração e transformação de outros Corpos. Um Corpo é tanto mais forte, mais potente, mais apto à conservação, à regeneração e à transformação, quanto mais ricas e complexas forem suas relações com outros Corpos, isto é, quanto mais amplo e complexo for o sistema das afecções Corporais.⁶⁹

Assim, o princípio do equilíbrio ou da manifestação da vida deve ser considerado a partir do que os indivíduos sentem na relação com os demais indivíduos e as ideias de seus corpos, causando neles um determinado efeito, necessário às suas vidas. E a vida humana se realiza e se completa na ação com outros seres. Nas palavras do nosso filósofo, “daí segue que o homem consta de Mente e Corpo, e que o Corpo humano existe tal como o sentimos”. (E II, Prop. XIII, Corol.) A conservação da vida humana e do planeta acontece na atividade relacional da Natureza; são pelos afetos entre a multiplicidade das existências que aqui estão e nessa interação que tudo se constrói nas suas infinitas formas. Daí a relevância dos outros seres para a vida do ser humano, e vice-versa, e do que ele sente nesse processo. A existência do Corpo é ligada à afetividade.

⁶⁸ Cf. ESPINOSA, 2018, p. 163.

⁶⁹ CHAUI, 2011, p. 73.

O universo causal em que o Corpo está inserido, e as mudanças sofridas por ele, se consumam pela união Corpo-Mente pelo fato de a Mente ter ideias do que acontece com o Corpo. Daí a não distinção entre Corpo e Mente, pelo menos no que diz respeito à substancialidade ou a possíveis conflitos entre ambos. Há uma ausência de hierarquia que determina uma ação em ato conjunta e imediata, que completa o sujeito. Para entender esse equilíbrio, vejamos como o Corpo reage a essa multiplicidade de afecções.

Na ordem dos Corpos, primeiramente vem a estrutura corpórea, formada por partes que se interagem e conseguem interagir com corpos externos a si. Nessa relação causal, os corpos são afetados sem se destruírem, regenerando-se, transformando-se e conservando-se.

De acordo com Espinosa:

Se agora concebermos um outro composto de muitos indivíduos de natureza diversa, igualmente descobriremos que pode ser afetado de muitas outras maneiras, conservando, contudo, a sua natureza. De fato, visto que cada uma de suas partes é composta de muitos Corpos, cada uma delas poderá então (*pelo Lema preced.*) mover-se ora mais lentamente ora mais rapidamente, e por consequência comunicar os seus movimentos às outras ora mais depressa ora mais devagar, sem nenhuma mudança de sua forma. (E II, Prop. XIII, L VII, Esc.)

O contato entre os corpos é a primeira forma de conhecimento do ser humano. Através dele o Corpo humano se compreende diante do que vem de fora de si mesmo. É o que Espinosa chama de imaginação. Nesse estágio do conhecimento a Mente não tem ainda autonomia sobre as experiências corpóreas. No que diz respeito à imaginação, nosso filósofo diz:

Entendemos claramente qual diferença há entre uma ideia, por ex. a de Pedro, que constitui a essência da Mente do próprio Pedro, e a ideia do próprio Pedro que está em outro homem, digamos Paulo. Com efeito, a primeira explica diretamente a essência do Corpo do próprio Pedro, e não envolve a existência senão enquanto Pedro existe; a segunda, porém, indica mais a constituição do Corpo de Paulo, a Mente de Paulo, ainda que Pedro não exista, contudo o contemplará como presente a si. (E II, Prop. XVII, Esc.)

No exemplo dado por Espinosa, verificamos como a Mente se equivoca ao considerar as coisas exteriores como que presentes a si. Pode-se perceber que é necessário que Paulo, para sair da imaginação, precisa substituir a ideia de Pedro por uma ideia que sua Mente entenda a partir da natureza do seu próprio Corpo, pela sua potência de pensar.

Sabe-se, no entanto, que quanto mais afetos o Corpo experimenta, maiores são as chances do indivíduo de potencializar a sua capacidade mental. A imaginação nada mais é do que parte desse processo intelectual. A imagem é a sensibilidade necessária à inteligência, mas pode, quando dela não se tem consciência, trocar o falso pelo verdadeiro. Quanto a isso, Chauí esclarece, com propriedade:

A imagem é a força do Corpo e, lembra Espinosa, seria uma força da mente se esta, ao imaginar, soubesse que imagina, isto é, que percebe imagens das coisas, e não suas essências. A ideia imaginativa só se torna fraqueza da mente quando é tomada por uma ideia intelectual, pois a causa desta última é a própria força da mente, enquanto a causa da primeira é a consciência imediata que a mente possui de seu Corpo e dos Corpos exteriores que o afetam. A imagem do Sol menor do que a Terra, movendo-se no céu, só se torna uma ideia falsa quando leva a elaborar uma astronomia em que a Terra se encontra imóvel e o Sol gira a sua volta, teoria nascida da percepção ou imaginação do movimento solar no céu, da aurora ao crepúsculo. A ideia imaginativa é “uma conclusão com ausência de premissas”, ou seja, um conhecimento que ignora sua causa real ou sua razão, e por isso o falso e o erro surgem quando forjamos uma causa imaginária para suprir o desconhecimento da causa real da imagem e da ideia imaginativa – acreditamos que o Sol é menor do que a Terra e gira à volta dela porque o vemos assim, porém, como ignoramos as causas reais da visão e da formação de uma imagem visual, transferimos essa imagem para uma suposta ciência astronômica, que agora sim, é falsa.⁷⁰

O conhecimento verdadeiro é obtido pelas causas, e não pelo efeito de uma afecção. Volta-se ao exemplo do círculo: ele, em si, não é uma ideia clara e distinta, porque é necessário conhecer a causa do círculo e não a sua forma, que se limita a uma circunferência em uma superfície plana. Já a causa está em Deus, que é a fórmula que o compõe, e ela só pode ser conhecida pela natureza da Mente. O conhecimento do primeiro gênero é parcial, não engloba a totalidade das causas, e isso gera uma confusão na Mente.

É sabido que, de acordo com a ordem da natureza, quanto mais afeto o Corpo experimenta, maiores são as chances de os indivíduos encontrarem sentido para a vida. A imaginação nada mais é do que parte desse processo. A imagem é a experiência corpórea presente ou passada, dentro das leis da física e da fisiologia, necessárias à vida. Mas se ela, a imagem, se passar por uma verdade, leva a Mente ao engano e ao padecimento, em forma de passividade, diante dos acontecimentos. O padecimento do indivíduo ocorre quando a Mente não faz distinção entre o Corpo que a afetou e o seu próprio Corpo. Segundo Espinosa, Nós padecemos enquanto somos uma parte da Natureza que não pode ser concebida sozinha. E essa confusão da Mente permite que ela conheça parte da verdade, gerando nela e no Corpo uma diminuição da sua força na existência.

Com isso, a essência da Mente é constituída por ideias adequadas (pensamento) e inadequadas (imaginação), mas, segundo Espinosa, “*A mente, tanto enquanto tem ideias claras e distintas como enquanto as tem confusas, esforça-se para perseverar em seu ser por uma duração indefinida e é cônica deste seu esforço*”. (E III, Prop. IX) A Mente é consciente de seu poder e esforço, e sua ação se faz enquanto está cônica de uma ideia. Como o Corpo padece de muitas mudanças devido à sua forma de apreensão da realidade, se sensibiliza de muitos

⁷⁰ CHAUI, 2011, p. 82.

sentimentos tristes, tais como apatia, desesperança e outros que coíbem sua potência de ser. Daí a importância de a Mente produzir ideias adequadas do que o Corpo sente.

A totalidade Corpo e Mente compreendida por Espinosa (2018) se explica pela simultaneidade da ocorrência das afecções no Corpo e das ideias na Mente. Essa simultaneidade estabelece uma igualdade de realidade que gera os efeitos dos conceitos para a vida, donde a Mente é a própria ideia do Corpo humano. E, uma vez a Mente imersa em si mesma, se depara com a adequação das ideias; caso contrário, permanecerá na ilusão e na falsidade.

No caso das ideias inadequadas, a sua causa está nas imagens retidas no Corpo, que recebem também o nome de paixões, segundo Espinosa:

[...] vemos que as paixões não são referidas à mente enquanto tem algo que envolve negação, ou seja, enquanto considerada como parte da natureza que não pode ser clara e distintamente percebida por si sem as outras; e assim eu poderia mostrar que as paixões são referidas às coisas singulares da mesma maneira que a mente, e não podem ser percebidas diferentemente. (E III, Prop. III, Esc.)

Se a Mente adquire consciência de que a imagem percebida pelo Corpo não é uma verdade, como no caso da distância que se percebe, a princípio, entre o Sol e a Terra, mas um meio para a elaboração dos conceitos necessários ao entendimento da vida corpórea, ela terá o conhecimento de que as paixões são parte da natureza. Assim como ela própria, um **modo** da substância. Terá também o conhecimento do edifício relacional fundamental às suas ações e da oscilação característica da união dela com o Corpo, entre o pensamento e a paixão, dando aos dois a condição de ação ou padecimento.

Explica Espinosa: *“Nossa mente age de algumas coisas e padece de outras; a saber, enquanto tem ideias adequadas, nesta medida necessariamente age em algumas coisas, e enquanto tem ideias inadequadas, nesta medida necessariamente padece de outras”*. (E III, Prop. I) Ou seja, estamos o tempo todo sujeitos à oscilação. Denomina-se padecimento as paixões, por gerarem no indivíduo Tristeza, que é um afeto que diminui a força de persistir na existência. Já a ideia adequada tem potência de causar alegrias, que atingem o Corpo como um todo. Enquanto a Alegria é ação e instrumento de regeneração, a Tristeza é o caminho mais rápido para a destruição. Assim, conforme o Corpo vive suas experiências, tem oportunidade de vivenciar aquelas que lhe causam contentamento e dor.

É natural que busquemos os bons encontros, já que não se pode imaginar que alguém queira desfrutar dos afetos da Tristeza, do desânimo ou do ódio de maneira consciente. Espinosa diz: *“Esforçamo-nos para fazer que aconteça tudo o que imaginamos conduzir à Alegria; ao passo que nos esforçamos para afastar ou destruir o que imaginamos opor-se a isso, ou seja, conduzir à Tristeza”*. (E III, Prop. XXVIII) É da Natureza da Mente esforçar-se para manter-

se na existência, porque o ser humano segue da mesma natureza de Deus. No entanto, nem sempre para ele é claro o que lhe causa Alegria ou o que lhe causa Tristeza, isso porque existem maneiras distintas de conhecer na filosofia de Espinosa. Conhecemos pelo Corpo ou pela Mente. O conhecimento pelo Corpo se manifesta por meio das paixões.

Quando a Mente dominar as paixões, terá conhecimento do que é bom para o Corpo e se esforçará para manter por perto os encontros que aumentem a potência de agir do Corpo, que lhe trazem Alegria e, portanto, que o persevere na existência e na essência de Deus. Neste contexto se encontram os conhecimentos do segundo e do terceiro gêneros. O segundo gênero de conhecimento diz respeito à razão e o que ela encontra de comum na Natureza, à medida que contempla o conhecimento imaginário e as opiniões, podendo, a partir das noções comuns e das ideias adequadas, exercer a racionalidade. Do terceiro gênero, Espinosa diz: “Este gênero de conhecimento procede da ideia adequada e da ideia formal de alguns atributos de Deus para o conhecimento adequado da essência das coisas”. (E II, Prop. XL, Esc. II) A esse gênero de conhecimento Espinosa chama de “ciência intuitiva”. (E II, Prop. XL, Esc. II)

Esse gênero de conhecimento conhece a essência das coisas singulares que estão contidas em Deus; são ideias divinas. Segundo Chauí, “Distinta da imaginação, a ciência intuitiva não opera com existências singulares imediatamente dadas pelas afecções corporais, mas conhece as essências das coisas singulares”.⁷¹ E o que seria a essência das coisas singulares?

Espinosa compreende que a essência das coisas é perseverar na existência e na essência de Deus. Sobre a essência do ser humano Espinosa diz:

A essência do homem não envolve existência necessária, isto é, pela ordem da natureza tanto pode ocorrer que este ou aquele homem exista como não exista. O homem pensa. Modos de pensar como o amor, desejo, ou quaisquer outros que sejam designados pelo nome de afeto do ânimo, não se dão se no mesmo indivíduo não se derem a ideia da coisa amada, desejada, etc. Mas a ideia pode dar-se ainda que não se dê nenhum outro modo de pensar. Sentimos um Corpo ser afetado de muitas maneiras. Não sentimos nem percebemos nenhuma coisa singular além de Corpos e modos de pensar. (E II, Ax. I, II, III, IV, V)

A essência do ser humano não envolve existência, porque um determinado ser humano pode existir ou não. Mas a sua essência diz respeito à potência e à essência de Deus, donde podemos compreender que nossa essência é atrelada ao pensamento. Espinosa (2018) explica que “a essência do homem é constituída por modos certos dos atributos de Deus; a saber, por modos de pensar, dentre todos os quais a ideia é anterior por natureza e, dada, os outros modos

⁷¹ CHAUI, 2016, p. 245.

devem ser dados no mesmo indivíduo”. (E II, Prop. XI, Dem.) Os indivíduos derivam de Deus e de sua potência (das ideias de Deus), o que torna natural o Desejo de manter-se por mais tempo possível próximo da ideia de si mesmo. A ideia é um **modo**, tanto de Deus quanto do ser humano, um **modo** certo e determinado; portanto, o ser humano é determinado a ter ideias que o preserve.

Mas como a Mente é constituída de ideias adequadas e inadequadas, ela irá esforçar-se quanto mais puder para se preservar por tempo indefinido, já que a destruição vem de fora, de causas externas; logo, vem de dentro, de causas internas a força de perseverar-se na existência. Por isso, afirma Espinosa: “o esforço pelo qual cada coisa se esforça para perseverar em seu ser não é nada além da essência atual da própria coisa”. (E III, Prop. VII) Ou seja, a essência do ser humano é lutar para permanecer vivo, atuante e cômico de si. Essa é a potência do ser singular, que unida às ideias adequadas de outros seres singulares pode transformar a realidade, gerir modos de vida e modelos de sociedade dignos da beleza da essência de todas as coisas presentes e atuantes em Deus.

Sobre o esforço da Mente, Espinosa entende que ela é movida pela vontade. Daí o entendimento da vontade, no pensamento espinosano, ser um modo de pensar. Desta forma, a Mente não pode escolher; sua natureza é produzir ideias. Quando esse esforço ocorre simultaneamente entre a Mente e o Corpo, Espinosa o denomina *Apetite*.

Este esforço, quando referido à só Mente, chama-se vontade; mas quando é referido simultaneamente à Mente e ao Corpo chama-se *Apetite*, que portanto não é nada outro que a própria essência do homem, cuja natureza necessariamente segue aquilo que serve à sua conservação; e por isso o homem é determinado a fazê-lo. (E III, Prop. IX, Esc.)

Este esforço *Conatus* é a consciência do *Apetite*, que é igual a Desejo. *Apetite* e Desejo são iguais, porém um se faz cômico e outro inconsciente. Somos desejos realizados ou não. De acordo com o nosso Desejo ou *Apetite*, podemos passar de uma perfeição menor a uma maior. Nesse caso, essa passagem corresponde ao conhecimento do segundo e do terceiro gênero, segundo Espinosa: “Ademais, dissemos pertencer ao conhecimento do segundo e do terceiro aquelas que são adequadas; e por isso (*pela Prop. 34 desta parte*) é necessariamente verdadeiro. C. Q. D.”. (E II, Prop. XLI, Dem.) Na sequência, Espinosa diz: “*O conhecimento do segundo e do terceiro gênero, e não o do primeiro, nos ensina a distinguir o verdadeiro do falso*”. (E II, Prop. XLII) Ou seja, o conhecimento do segundo gênero se realiza à medida que o intelecto experimenta a razão pela atitude reflexiva, e mediante essa ação inicia o processo de distinção do que não é conhecimento verdadeiro e busca através das causas se chegar a ele. E à medida que o indivíduo se acostuma ao uso da razão pode chegar ao terceiro gênero de conhecimento.

A diferença do segundo para o terceiro gênero de conhecimento está na capacidade da Mente, já treinada pelo exercício da racionalidade, de conhecer as coisas pela essência, isto é, pela vontade da Mente. Esse gênero de conhecimento constrói os conceitos necessários à vida humana pela liberdade de pensamento. Espinosa alerta que “*Não é da natureza da Razão contemplar as coisas como contingentes, mas como necessárias*”. (E III, Prop. XLIV) Daí a compreensão da Mente não ter vontade absoluta, mas sim uma vontade determinada, a querer isto ou aquilo conforme necessidade própria, e isso ocorre porque ela é um **modo** de pensar certo e determinado.⁷²

Portanto, *Apetite* e *Desejo* são expressões do *Conatus*. Na ontologia espinosana representam a potência de autopreservação das coisas singulares. São, contudo, a essência atual do ser humano. Pode-se dizer que o ser humano, no pensamento de Espinosa, é determinado a lutar pelo autocuidado e por qualidade de vida, da mesma forma e que luta pela sua liberdade.

Chauí conceitua muito bem o *Conatus*:

Potência intrinsecamente indestrutível, o *conatus* é essência atual de uma coisa singular finita, isto é, de uma parte da Natureza limitada por outras de mesma natureza e afetada pelas potências das demais coisas singulares, que podem determinar o aumento ou a diminuição de sua potência. Ora, a mente humana, ideia de uma coisa singular existente em ato, é, como todas as coisas singulares, um *conatus*, cuja peculiaridade, entretanto, é ser consciente de si.⁷³

Logo, *Conatus* é o *Desejo*, e o espírito humano é puro *Desejo* expresso por pensamentos. E mesmo que a Mente humana tenha ideias inadequadas, ela sempre será operação do *Conatus*; é sempre consciente de que busca o melhor, mesmo inadequadamente. O *Conatus* pode ser causa adequada ou inadequada, o que faz das paixões um esforço para perseverar na existência, assim como as ações. A Mente em si é consciente de seu esforço.⁷⁴

É importante observar que Espinosa diz que “vontade e intelecto são um só e o mesmo”. (E II, Prop. XLIX, Corl.). Respectivamente, são volição e ideias singulares; então, a volição e a ideia singular são um só e o mesmo também. A ideia singular, neste sentido, iguala-se ao ato cognitivo. Espinosa (2018) compreende que a isonomia aqui explicada é o que retira do processo de conhecimento o erro, sendo uma ideia falsa a privação do conhecimento verdadeiro. Ela não envolve certeza; portanto, não é afirmação para a Mente. Daí a relação da imaginação com a palavra e a opinião, a ausência da verdade são meras palavras sem razão, das quais significamos as coisas.

⁷² Cf. ESPINOSA, 2018, p. 215.

⁷³ CHAUI, 2016, p. 318.

⁷⁴ Cf. CHAUI, 2016, p. 318.

Devido à importância da racionalidade para definir o sujeito, Espinosa argui:

Passo agora a explicar o que deve seguir necessariamente da essência de Deus, ou seja, do Ente eterno e infinito. Decerto não tudo, já que demonstramos que dela seguem infinitas coisas em infinitos modos, mas apenas o que nos pode levar, como que pela mão, ao conhecimento da mente humana e de sua suma felicidade. (E II, p. 125)

Espinosa perscruta todos os conceitos relativos ao ser humano com um único intuito: conhecer a Mente humana, sua potência, para conduzir o ser humano à sua humanidade e à sua felicidade.

Em função da sua escolha, o filósofo holandês não só afrontou, mas revolucionou os padrões morais modernos. Embora tenha sido um escândalo tratar as inclinações humanas, seus vícios e paixões como fundamentais para a formação do sujeito ético, não no sentido de ser parte da nossa natureza fraca e imperfeita, mas como uma fonte de potência para o bem, não se abstém do espaço que abriu no campo de estudos da Filosofia, sobretudo nas questões da moralidade, para seus contemporâneos e para aqueles que viriam depois dele.

Conclui-se aqui este capítulo, em que buscou-se explicar como é possível, na filosofia de Espinosa, o Corpo, junto à Mente, constituir o sujeito, sem a sobreposição de um ao outro, e como através da força do pensamento é possível contribuir para o bem de si mesmo, de toda a Natureza, de todos os seres, de toda potência que conjuntamente faz o universo pulsar amor e energia vital.

Encerra-se esta primeira parte da pesquisa com o texto do próprio autor, por considerar-se pertinente, já que revela o objetivo de tamanha dedicação em sua filosofia. Neste texto podemos debruçar sobre seu esforço e nos nutrirmos do seu amor à natureza humana. Sabe-se que os gênios e sábios são mentes capazes de enfrentar qualquer sacrifício para o favorecimento da razão humana e muitas vezes do bem comum. Sendo esse o caminho pretendido por Espinosa – dar mais importância ao que se pensa do que ao que é ensinado pelos costumes, pela tradição, e refletir, sobretudo, sobre nossos hábitos. Muitas das vezes fazemos coisas sobre as quais não pensamos; seguimos conforme as aprendemos. Ao longo da história da Humanidade, e até os dias de hoje, nos deparamos, constantemente, com uma tradição de padrões éticos e morais que impulsionam o ser humano a negar suas virtudes, e o que a razão prática, na visão de Espinosa (2018), deveria ser para os seres humanos e suas sociedades: dar a todos o direito à liberdade de pensamento, pois o pensamento, para o nosso filósofo, é perfeito. As imperfeições, que na verdade são erros, vêm de fora do sujeito. O sujeito nasceu pronto para o bem, para o amor e para a Alegria.

[...] finalmente, essa doutrina também contribui muito para a sociedade comum, enquanto ensina de que maneira devem ser governados e conduzidos os cidadãos, a saber, para que não sejam servos, mas para que façam livremente o que é melhor. E com isso concluí o que me tinha proposto a fazer [...] Na qual considero ter explicado bastante, e tão claramente quanto permite a dificuldade do assunto, a natureza da mente humana e suas propriedades, e ter trazido ensinamentos dos quais se podem concluir muitas coisas notáveis, **extremamente úteis e necessárias de conhecer, como será estabelecido, em parte, pelo que virá a seguir.** (E II, Prop. XLIX, Esc.)

2 A TEORIA DOS AFETOS

Este capítulo é dedicado ao estudo dos afetos na filosofia de Espinosa. A abordagem parte da concepção da união Corpo-Mente e como essa relação interfere na vida cognitiva humana e produz sentido à existência. Serão apresentadas, como no pensamento espinosano, as disposições repentinas e inconstantes dos sentimentos a que estamos acostumados são capazes de afetar nossa Mente e nosso Corpo de forma simultânea e produzir significado tanto para a vida psíquica quanto para a vida corpórea. A compreensão da vida afetiva, ou a Teoria dos Afetos, auxilia no entendimento dos conflitos internos humanos e da vida humana e em como estes são capazes de aprisionar ou libertar o indivíduo.

A abordagem inicial será com o que são os afetos e sua importância para Espinosa, e depois sobre a origem e a natureza deles. A origem, a natureza e a força dos afetos passam pela experiência afeto-cognitiva humana, pelas diferenças e infortúnios entre os indivíduos e os conflitos internos do próprio indivíduo e que tais conflitos são naturais, assim como os afetos, e é possível à Mente moderá-los. Por fim será verificado, neste capítulo, como Espinosa dá o *status* de Ciência à natureza das emoções e dos sentimentos na relação Corpo-Mente concatenada à substância. Para ajudar a compreender o que está proposto sobre os afetos, os principais intérpretes neste capítulo são Marilena Chauí (2011, 2016,) e Chantal Jaquet, (2015), além da contribuição de Nadler (2011), Silva (2013) e Scruton (2000).

No primeiro capítulo a abordagem dirigiu-se à união do Corpo com a Mente. Neste segundo capítulo, o sujeito, enquanto unidade, será o ponto de partida para compreensão da vida afetiva na filosofia espinosana. De acordo com o que foi visto, o Corpo é o responsável pela aquisição de conhecimento da Mente. A natureza relacional do ser humano é o que dá sentido à vida; ela não acontece de forma aleatória, e sim determinada pela estrutura universal da substância que se apresenta sob duas perspectivas: a Extensão e o Pensamento. Esta primeira

seção do capítulo apresentará o que são os afetos para Espinosa e como ele rompeu com a filosofia clássica, cristã e seiscentista para chegar à formulação da sua teoria e do seu conceito próprio dos afetos.

2.1 Os Afetos

Para o entendimento do que são os afetos na filosofia espinosana, recorreu-se à discussão de Chauí (2016) sobre os afetos a partir da perspectiva da tradição. O sentido é perceber a captação das retóricas e dos componentes pensados que ajudaram Espinosa a construir a ideia dos afetos. Chauí percorre esse caminho para que possamos perceber, no pensamento de Espinosa, a sua força própria. Julga-se importante para a pesquisa contextualizar as discussões sobre a afetividade humana na modernidade, visto que por meio delas Espinosa trouxe uma reflexão originalíssima, quando demonstra que os afetos, além de serem naturais à espécie humana, como já afirmara seu filósofo de referência, Descartes, são a porta de entrada para a vida cognitiva.

Chauí (2016), na sua obra *A nervura do real II*, explica que no caso dos gregos antigos a vida afetiva é marcada por conflitos corpóreos e a alma tem a finalidade de confrontar esse desequilíbrio e assumir o controle para a possibilidade de uma vida em sociedade e a felicidade do indivíduo. O *páthos* (afeto) é elemento contingente da vida humana, por ser uma disposição em constante movimento; é de caráter fluído e oscilante no íntimo do indivíduo, que afeta tanto o Corpo quanto a alma. É exatamente por acreditar em representar um conflito no indivíduo e entre os indivíduos que não passa por deliberação, que Aristóteles considerava o *páthos* um estudo e preocupação da ética e da retórica, desconsiderando-o como possibilidade de ciência teórica. O *éthos* (caráter, moral) era tido como a maneira como cada indivíduo lida com as inconstâncias e variáveis impostas pelo *páthos*, que deve ser refletido e domesticado por deliberação, sempre em busca da virtude e da modulação do sujeito.⁷⁵

Assim, o *phátos* na vida grega antiga e na filosofia é um vício, uma paixão, uma condição inferior do corpo que deve ser dominado pela razão, pelo lugar que o *éthos* ocupa na vida social humana. Ou seja, o *páthos* é a oscilação entre a alegria e a tristeza, o amor e o ódio, a benevolência e a vingança, dentre os inúmeros tipos de sentimentos que acometem o ser humano. O *éthos* é voltado para o *telos* (finalidade), tendo como objetivo a virtude. Sobre ética no mundo grego antigo, Chauí argumenta:

⁷⁵ Cf. CHAUI, 2016, p. 282-283.

Também desde Aristóteles e dos latinos, sabe-se que as ações humanas são determinadas por dois fins: o bom/ belo ou o honesto e o prazer/ agradável ou útil. A ética consiste em obter consciência desses dois fins por meio de uma disposição constante ou hábito em que essa coincidência se concretiza, isto é, a virtude. A retórica, discurso dirigido ao *éthos* do ouvinte pela comoção de seu *páthos*, pode realizar suas três ações discursivas – comover (*movere*), ensinar (*docere*) e deleitar (*delectare*) – tanto pelo recurso às imagens positivas do bom/belo/honesto/útil/agradável, quanto usando as imagens negativas, isto é, o horrendo e o nocivo, imagens do vício.⁷⁶

Chauí dispõe a relação antagônica existente entre a virtude e o afeto. Neste contexto não há um diálogo ou discussão entre ambos; a vida ética implica em abafar os apetites. A forma de persuasão consistia em afetar os indivíduos pela comoção e pela educação do que é positivo e negativo moralmente.

Não muito distante da filosofia clássica grega, Chauí (2016) aponta que a filosofia cristã seguirá seus rumos com base na relação entre fé e razão. Para Agostinho, a paixão ou a *libido* é parte do ser humano que se assemelha aos demais animais; ela ocorre por uma queda ou *lapsus* da alma humana, quando a alma se apossa da irracionalidade. Conforme comenta Chauí, “A paixão, que Agostinho chama de *libido*, movimento irracional da alma que o homem compartilha com os animais selvagens, particulariza-se nos humanos por meio da *concupiscentia*, que desnatura a natureza original do homem ao transformar a vontade boa em má, contrariando a vontade de Deus”⁷⁷. Logo, as paixões na era medieval são barreiras à salvação e a inefável vida pós-morte. O corpo e suas demandas são vistos como pecado.

Na modernidade, a moral permanece como caráter teológico e as paixões continuam nocivas à vida humana, pertencentes ao campo mundano em oposição às coisas do espírito. No entanto, Descartes rompe paradigmas ao considerar os afetos ou as paixões características humanas naturais. Mas, ainda assim, para a filosofia de Espinosa, ele não conseguiu explicar e conhecê-los em sua causa. Segundo Espinosa, Descartes não conseguiu definir e determinar os afetos.

É claro que sei que o celeberrimo Descartes, embora também tenha acreditado que a Mente possui potência absoluta sobre suas ações, empenhou-se, porém, em explicar os Afetos humanos por suas primeiras causas e, simultaneamente, em mostrar a via pela qual a Mente pode ter império absoluto sobre os Afetos; mas ao meu parecer, ele nada mostrou além da agudeza de seu engenho. (E III, p. 233-235)

Ele reconhece o valor dado por Descartes aos afetos, mas considera que seu método foi falho e que suas lacunas os deixam no mesmo lugar de insignificância das filosofias anteriores, além de considerar a Mente uma força acima da força dos afetos. Para Espinosa (2018), nenhum

⁷⁶ CHAUI, 2016, p. 285.

⁷⁷ CHAUI, 2016, p. 284.

filósofo conseguiu explicar e provar o que afirmaram sobre os afetos e o papel da Mente sobre eles. E em função do pensamento filosófico e científico não se voltar completamente para a importância dos afetos e não o convencerem do que eles são de fato, é que Espinosa se debruça sobre o que é o afeto e a sua causa.

Assim, na parte III da Ética, ele inicia seu discurso:

Quase todos que escreveram sobre os Afetos e a maneira de viver dos homens parecem tratar não de coisas naturais, que seguem leis comuns da natureza, mas de coisas que estão fora da natureza. Parecem, antes, conceber o homem na natureza qual um império num império. Pois creem que o homem mais perturba do que segue a ordem da natureza, que possui potência absoluta sobre suas ações, e que não é determinado por nenhum outro que ele próprio. Ademais, atribuem a causa da impotência e inconstância humanas não à potência comum da natureza, mas a não sei que vício da natureza humana, a qual, por isso, lamentam, ridicularizam, desprezam ou, o que no mais das vezes acontece, amaldiçoam; aquele que sabe mais arguta ou eloquentemente recriminar a impotência humana é tido como Divino. (E III, p. 233)

O discurso em sentido contrário ao que até então fora apresentado pela História do Pensamento, revela um filósofo disposto a abandonar a tradição e os sermões que concernem à natureza humana por considerá-los inconsistentes. Primeiro, considera os afetos como merecedores de atenção por serem parte da natureza humana. Segundo, ele tira o ser humano do patamar de dono de si e de suas ações para dedicar à compreensão da determinação de sua natureza. Quanto aos vícios e às coisas ditas horrendas das paixões, ele, ao invés de acatar o que lhe apresentam como verdade, resolve conhecê-los por meio da ciência e da razão, dispensando qualquer tipo de dogma.

Diante da ausência de estudos mais detalhados sobre os afetos e a natureza humana, Espinosa denuncia:

[...] ninguém sabe de que maneira e por quais meios a Mente move o corpo, nem quantos graus de movimento pode atribuir ao corpo, nem com que rapidez pode movê-lo. Donde segue que quando os homens dizem que esta ou aquela ação se origina da Mente, a qual tem império sobre o Corpo, não sabem o que dizem, e nada outro fazem senão confessar, por belas palavras, que ignoram a causa daquela ação sem admirar-se disso. (E III, Prop. II, Esc.)

Ou seja, o que pode a Mente sobre o Corpo não era algo, até a modernidade, demonstrado com clareza pelas ciências; desta forma, não havia nenhum estudo que desse a Espinosa material consistente para as teses apresentadas pelos pensadores que o antecederam, assim como pelos seus contemporâneos. Entretanto, nosso filósofo não desenvolve sua reflexão a partir de uma hipótese onde a Mente afeta o Corpo ou exerce qualquer hierarquia sobre ele. O que o leva a procurar respostas fora do que já havia sido apresentado, inclusive no campo da teologia ocidental, sem deixar de receber influências, tais como o estoicismo e a própria

filosofia cartesiana. Como julgar algo que não se conhece? Como promover discursos em nome da razão se racionalmente nada é comprovado? Por essas e outras questões é que Espinosa buscou seu próprio caminho.

A retórica e a ética, apontadas até então, se tornam, portanto, o axioma, o esforço ao desenvolvimento da Teoria dos Afetos e o caminho para o qual o filósofo procura a origem, a natureza e o que os afetos representam e como atuam na vida humana e na natureza em si. Sobre alguns aspectos notáveis à natureza humana, Espinosa (2018) diz:

Ora, dirão que só das leis da natureza enquanto considerada apenas corpórea não podem ser deduzida as causas dos edifícios, pinturas e outras coisas deste tipo, as quais se fazem somente pela arte humana e que o Corpo humano, se não fosse determinado e conduzido pela Mente, não seria capaz de edificar um templo. Na verdade, já mostrei que eles não sabem o que pode o Corpo e o que pode ser deduzido da só contemplação de sua natureza, e que experimentam ocorrer só pelas leis da natureza muitíssimas coisas que jamais teriam acreditado poder ocorrer senão pela direção da Mente, como são aquelas que fazem os sonâmbulos durante o sono e que os deixam admirados na vigília. (E III, Prop. II, Esc.)

Ao contrapor os argumentos citados, Espinosa (2018), nas palavras de Chauí, procura mostrar que “há uma razão certa” para demonstrar o que imaginam ser “contrários à razão”⁷⁸. Chauí faz alusão à compreensão de Espinosa de que os afetos fazem parte da natureza do Corpo, exprimidos pela Natureza e suas leis; portanto eles estão dentro da ordem natural e por isso mesmo possuem seu papel, muito bem delimitado, na perfeição da existência. A citação demonstra como nosso filósofo via a ideia do domínio da Mente sobre o Corpo, que até certa época era considerado absoluto, ser uma hipótese frágil, porque o Corpo tem força própria que a Mente muitas vezes admira, desmistificando a concepção de inferioridade do Corpo.

O que até então pensava ser uma impotência ou imperfeição humana – as coisas do Corpo –, Espinosa busca entendimento, tanto por considerar que na Natureza nada está sem o seu devido valor e por conhecimento de que o Corpo está sujeito às mesmas leis do Universo que as demais coisas e dentro da ordem perfeita universal. Assim, na contramão da tradição filosófica e teológica, novamente, segundo Chauí, “Espinosa propõe um oxímoro – demonstrar racionalmente o que é proclamado irracional, vão, absurdo e horrendo”⁷⁹.

Segundo Espinosa, “*Tratarei, pois, da natureza e das forças dos Afetos e da potência da Mente sobre eles com o mesmo Método com que tratei de Deus e da Mente nas partes precedentes e considerarei as ações e apetites humanos como se fosse Questão de linhas, planos e corpos*” (E III, p. 235). Assim, para Espinosa, os afetos e os apetites são naturais,

⁷⁸ CHAUI, 2016, p. 292.

⁷⁹ CHAUI, 2016, p. 293.

passíveis de conhecimento, e existe uma razão para torná-los objetos filosóficos e científicos. Exatamente por corresponderem aos desígnios da natureza, são merecedores dos esforços da Ciência. Por isso a escolha de tratar os afetos pelo viés matemático, a partir das leis que fundamentam o mundo, de acordo com o olhar do nosso filósofo.

Em vista do que se considerava sobre os afetos, Espinosa diz assertivamente sobre aqueles que viam nos afetos mais maldição do que componente natural humano, já que foi imensamente recriminado e perseguido por suas ideias: “*Estes, sem dúvida, hão de admirar que eu me proponha a tratar dos vícios e inépcias dos homens à maneira Geométrica e queira demonstrar com uma razão certa aquilo que reiteradamente proclamam ser contrário à razão, vão, absurdo e horrendo.* (E III, p. 235) Seu posicionamento esclarece como deseja entender e conhecer os afetos a partir de uma ideia central: eles são essenciais e necessários à vida humana; portanto, naturais, assim como nascer, procriar e morrer.

Outro aspecto importante da dedicação de Espinosa aos afetos é o papel da razão no que se refere aos afetos. Para vários de seus pares a razão está sob a perspectiva da superioridade, da iluminação, enquanto o afeto do obscuro e inferior que resta ser dominado, e não conhecido. Assim, Espinosa prossegue na sua introdução da parte III da Ética:

Porém, eis minha razão: nada acontece na natureza que possa ser atribuído a um vício dela; pois a natureza é sempre a mesma, uma só e a mesma em toda parte é sua virtude e potência de agir, isto é, leis e regras da natureza, segundo as quais todas as coisas acontecem e mudam de uma forma em outra, são em toda parte e sempre as mesmas, portanto uma só e a mesma deve ser também a maneira de entender a natureza de qualquer coisa, a saber, por meio das leis e regras universais da natureza. (E III, p. 235)

A naturalidade dada aos afetos no seu pensamento é o que o torna tão original; enxergá-los como ciência, como elemento filosófico que se encontra na ordem da natureza, inteligível e primordial à existência. E a Natureza, para Espinosa (2018), é totalmente inteligível e regida por regras únicas de uma mesma essência. Se pode-se conhecer a origem e a natureza de um triângulo por leis da matemática e da geometria, com os afetos não é diferente, porque em ambos os exemplos o conhecimento se dá pela causa e se enquadra nas ordens das conexões das coisas e das ideias estabelecidas pela Natureza.

Sob esta perspectiva, Jaquet (2015) faz alusão ao *Tratado Teológico-Político*, quando Espinosa afirma, sobre os afetos: “Considerado os afetos humanos (*humanos affectus*) como o amor, o ódio, a cólera, o ciúme, a glória, a misericórdia e o resto das emoções da alma (*animi commotiones*) – não como vícios da natureza humana, mas como propriedades que lhe

pertencem a mesmo título que o calor, o frio...”⁸⁰. Uma observação interessante da autora diz respeito à relação com a palavra afeto. Além de o afeto ser constitutivo da natureza não só humana, mas dela inteira seu conceito também se funde nas coisas corpóreas que admitimos como emoção e sentimento. “De outro lado, o conceito de emoção, embora raro, está presente em Espinosa e é sinônimo do de afeto”⁸¹. Portanto, para a comentadora, Espinosa assimila os afetos às emoções.

No que se refere às emoções existem algumas divergências entre especialistas, das quais a pesquisa não abrange. Jaquet considera que Espinosa não dedicou-se a explicar detalhada e separadamente as reações humanas imediatas, causadas por algum estímulo, porque compreende que estas estejam, na sua teoria, no conjunto de afetos que Corpo, Mente e Corpo-Mente sofrem, causando alegria ou tristeza. Pode-se dizer que aqui tanto afeto, quanto emoção fazem parte da pluralidade simultânea do **modo**, que altera sua realidade. O afeto é parte do processo relacional do ser humano, ele diz como nos relacionamos com as coisas e se manifesta de muitíssimas maneiras, produzindo muitíssimos efeitos. Portanto a emoção é um afeto.

Mas é salutar explicar que a inovação espinosana, no que se refere aos afetos, não surge de uma originalidade sem qualquer relação com outros saberes já desenvolvidos. Para chegar às suas próprias conclusões Espinosa se apropria das relações estabelecidas por outros pensadores. Segundo Jaquet (2015), a inovação espinosana passa primeiro pela mudança terminológica: “O caráter inovador da teoria espinosista se manifesta primeiro ao nível do vocabulário, pela substituição das palavras ‘*emotio*’ ou ‘*passio*’ por ‘*affectus*’”⁸². para designar os movimentos afetivos dos homens. Espinosa não apenas muda a nomenclatura, mas dá um sentido cognitivo ao termo.

Jaquet aponta o nexó entre emoção e afeto:

Assim, na parte IV da *Ética*, é dito que “o verdadeiro conhecimento do bem e do mal excita emoções da alma (*animi commotiones*) (E IV, propor. 17, esc.). Ora, visto que o verdadeiro conhecimento do bem e do mal é definido como um afeto, é claro que os dois termos remetem um ao outro e se recobrem.”⁸³

Neste sentido, o caráter inovador de Espinosa se encontra no emprego do termo *affectus* e pelo fato de seu significado estar associado a todas as coisas que o Corpo sente e sofre uma alteração, tal como a emoção. Assim, o afeto pode ser visto como uma análise axiológica – o que faz bem ao Corpo é o que de fato é o bem, e o que faz mal ao Corpo é o que de fato é o

⁸⁰ JAQUET, 2015, p. 102.

⁸¹ JAQUET, 2015, p. 101.

⁸² JAQUET, 2015, p. 101.

⁸³ JAQUET, 2015, p. 102.

mal. No afeto está a origem da ideia adequada (o bem). Ele modifica o indivíduo e suas partes, em virtude da natureza corpórea, para depois a Mente apreender as operações entre o impacto e as impressões deixadas no Corpo, segundo suas respectivas qualidades (aumento ou diminuição do *Conatus*). Em função do processo inerente ao conhecimento, os indivíduos apenas apreenderão distintamente e optarão pelo bem conhecendo, *a priori*, a natureza do seu Corpo. A prioridade da corporeidade na apreensão do conhecimento não impede que Corpo e Mente tenham o mesmo grau de importância. Jaquet alerta que “A igualdade, por conseguinte, não exclui as prioridades e repousa aqui sobre um primado corporal; tanto é verdade que não poderia haver ideia sem objeto”⁸⁴. Como a Mente é ideia do Corpo, o Corpo é o único objeto da Mente.

Ainda sobre as implicações do afeto, Jaquet explica:

O afeto é uma realidade psicofísica. Compreender os afetos é, portanto, analisar simultaneamente o homem enquanto modo do atributo pensamento e enquanto modo do atributo extensão. Enquanto une uma afecção corporal e uma afecção mental que modificam a potência de agir, o conceito de “*affectus*” em Espinosa possui então uma significação que não recobre exatamente as acepções tradicionais do termo “paixão”.⁸⁵

Conforme já apresentado, o termo “afeto” está ligado tanto ao Corpo quanto à Mente. Cabe, aqui, trazer de volta a citação de Espinosa: “Por Afeto entendo as afecções do Corpo pelas quais a potência de agir do próprio Corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou coibida, e simultaneamente as ideias destas afecções.” (E III, Definições III) E, quanto às paixões, Espinosa esclarece: “*Assim, se podemos ser causa adequada de alguma destas afecções, então por Afeto entendo ação; caso contrário, paixão*” (E III, Definições III) O que nos leva a pensar que o afeto é o condutor da razão e o regulador da felicidade. Ele monitora os estados mentais e corporais dos indivíduos, gerando Tristeza ou Alegria, ação ou passividade. E, além disso, é o meio pelo qual a liberdade pode ser alcançada, fazendo do ser humano uma totalidade de ideias e sentimentos, adequados ou não; uma realidade inconstante, contraditória, ambígua e extremamente complexa, mas com potência voltada à perfeição e à divindade. O afeto diz respeito ao **modo** da substância e sua relação com as coisas.

Mediante a natureza própria da Mente e do Corpo é que existe distinção nas afecções. Na parte III da *Ética* destinada à definição dos afetos, Espinosa explica: “Pois por afecção da essência humana entendemos uma constituição qualquer desta mesma essência, seja ela inata, seja concebida pelo só atributo Pensamento, seja pelo da Extensão, seja enfim referida a ambos

⁸⁴ JAQUET, 2015, p. 122.

⁸⁵ JAQUET, 2015, p. 104.

simultaneamente” (E III, Denições I, Exp., p. 339). A afecção da essência humana é relativa ao esforço do ser para os cuidados com a vida. Ela é inata (porque o *Conatus* é a essência mesma dos entes) e “adquirida” (através da experiência com as outras coisas), e pode ser referida ao Corpo no instante em que esse busca o que lhe causa Alegria, à Mente no instante em que o indivíduo reflete sobre sua natureza, e à Mente e ao Corpo, no instante em que o Corpo é afetado por outro Corpo e a Mente produz uma ideia dessa afecção, buscando estados mentais positivos. E, tangencialmente, a afecção pode se fazer presente pela memória do indivíduo, no instante em que ele busca se lembrar do que lhe é hedônico. A afecção da essência humana diz respeito aos atributos de Deus.

Jaquet chama à discussão quanto ao uso das palavras, seus conceitos e à complexidade delas no pensamento do nosso filósofo:

A afecção da essência humana em geral designa, portanto, seja um estado mental que se explica por referência ao pensamento, seja um estado psicofísico que se explica por referência aos dois atributos. Esses estados são inatos ou adquiridos e remetem tanto a uma constituição dada quanto a modificações no decorrer do tempo. A esfera do conceito de afecção é portanto larga, pois não somente ela engloba todo estado, quer seja inato ou não, mas também envolve toda a realidade humana e seus diversos modos de apreensão.⁸⁶

A afecção pode ser referida nos seus diversos modos de apreensão, ao Corpo e à Mente, ao Corpo somente, à Mente igualmente sozinha. Jaquet explica: “Assim, o tremor, a lividez, o riso e as lágrimas são afecções que se remetam ao corpo sozinho [...]”⁸⁷. Uma mesma afecção pode conceber-se enquanto objeto de maneira simples (ou só o Corpo ou só a Mente), dupla (a Mente e o Corpo) e até tripla (ao esforço da Mente, a Mente e o Corpo). Espinosa nomeia cada uma das afecções conforme elas sejam referidas. Por exemplo: a imagem de uma coisa singular se refere somente à Mente; no caso do apetite, ele se forma a partir da relação psicofísica do ser humano que engloba tanto a Mente quanto o Corpo e só deve ser explicado pelo **modo** desses dois atributos. As ideias são produzidas mediante todas as composições.⁸⁸

Espinosa considera afetos aqueles impactos sofridos pelo Corpo (afecções), que concatenados às imagens produzidas na Mente causam Alegria ou Tristeza. Eles seguem uma ordem de substituição conforme o *Conatus* (esforço da Mente para perseverar na existência) seja alterado, ou seja: se o indivíduo sente Tristeza com um afeto, pode buscar outro que lhe traga Alegria. Assim, a Mente, ao contemplar uma coisa, pode substituir por outra que aumenta ou diminui a potência de agir. Na Tristeza, a Mente irá se esforçar para ficar alegre de novo,

⁸⁶ JAQUET, 2015, p. 124.

⁸⁷ JAQUET, 2015, p. 124.

⁸⁸ Cf. JAQUET, 2015, p. 125.

daí a substituição do pensamento que a deixou triste por outro que a deixa alegre. Por sofrer um afeto da Alegria e em seguida a Mente recordar de algo que a entristece e em consequência diminuir sua potência de agir, a natureza humana buscará recordar de algo que aumente a potência de agir. É uma vigilância da alma para que a nossa espécie viva.

Para Espinosa, há apenas três afetos primitivos: Alegria, Tristeza e Desejo; todos os demais são derivações desses afetos primários. Desses três afetos definem-se os afetos ativos e os afetos passivos. Chamados de afetos ativos aqueles que aumentam a potência de agir do ser humano e afetos passivos todos aqueles que diminuem ou coíbem a potência de agir. Mais adiante será visto como os afetos da Alegria podem ser passivos e como os afetos da Tristeza, apesar de, geralmente, trazer impotência, podem ser utilizados como sinalizadores dos encontros que não são benéficos ao nosso ser, ou reflexões para o alcance da felicidade. O que nos remete à complexidade dos afetos e suas aplicações à vida. Quanto ao Desejo, este nos direciona às coisas que nos conservam na existência, e a não consciência dele pode nos fazer movimentar de um lado para o outro sem muito controle da realidade. É o que veremos mais detalhadamente na próxima seção.

Nesta seção, destinada aos afetos, é apresentada a ruptura do pensamento espinosano com a tradição filosófica e religiosa ao tratar o Corpo como peça primordial na totalidade do ser humano, demonstrada pela união do Corpo com a Mente. Foi visto como Espinosa o considera, não só como parte da natureza humana, mas sobretudo na sua função concernente à teoria do conhecimento, podendo produzir na Mente ideias adequadas ou inadequadas. Foi explicado como os sentimentos, as emoções e todas as formas com que um Corpo é afetado são transformados em afeto, porque é a partir de tudo que o Corpo vivencia que a Mente adquire elementos suficientes para direcionar a vida corpórea. Por fim, foi demonstrado que a Mente vive em função do Corpo e o Corpo não tem função sem a interferência da Mente; daí a união necessária entre os dois para a constituição do ser humano.

2.2 A vida afetiva

Para Espinosa (2018), de acordo com o demonstrado, os afetos envolvem as afecções e a variação da potência de agir e da potência de pensar, sendo um fenômeno psicofísico necessário à apreensão do conhecimento. Da potência de pensar, porque estão dentro das categorias e gêneros de conhecimento. Conforme vimos na parte de Mente, no primeiro gênero de conhecimento. Este forma o conhecimento por semelhança dos objetos e mediante essa semelhança constroem-se as noções universais, donde o ser humano pensa por imagens e

palavras. Nesse caso não temos conhecimento da relação entre os corpos e nem do encadeamento das causas. A maior parte da Humanidade se encontra no conhecimento de primeiro gênero e pensa por meio de imagens e palavras no lugar do conhecimento das causas, considerando uma parcela da verdade como se fosse o todo (causa inadequada).

E é por isso que a seção inicia buscando explicar a vida passiva, presa às paixões, porque esse é o primeiro passo para o conhecimento adequado e dela não é possível escapar, mas, sim, ultrapassar. Posteriormente será explicada a vida ativa, quando obtemos o conhecimento pela causa e a liberdade própria de nossa essência, referindo-se aqui à potência de agir do sujeito. Para finalizar, serão abordados alguns afetos a partir de suas causas, uma vez que falou-se muito das causas, mas que não foram demonstradas com a necessária clareza. Ao longo da pesquisa busca-se demonstrar o quanto a vida afetiva é significativa para a existência humana e o meio pelo qual se pode conquistar o equilíbrio e a liberdade, e que para isso se faz necessário vencer as paixões. A intenção é mostrar o caminho que Espinosa nos deixou para alcançar essa façanha tão árdua.

No caso das paixões, Espinosa diz: “*Nenhuma coisa pode ser destruída senão por uma causa externa*” (E III, Prop. IV). Logo, os seres singulares, como o ser humano, são passíveis de destruição quando põem sua atenção nas coisas fora de si, nas causas externas ao seu Corpo e o bom e o mau são qualificados a partir do efeito que o objeto de fora gerou no indivíduo. Esse tipo de julgamento leva a um conhecimento parcial, ou a uma distorção da realidade. Como o Corpo é o único objeto da Mente, os impactos sofridos por ele são o que em primeiro plano causa uma confusão na Mente, fazendo-a imaginar que a causa do afeto gerado a partir do impacto está no Corpo exterior.

Chauí esclarece a seguinte proposição de Espinosa:

há no intelecto infinito o conhecimento de tudo o que se passa no objeto de uma ideia singular e, portanto, nele não pode dar-se uma ideia que exclua existência desse objeto e, pela proposição 13 da Parte II, o que constitui primeiramente a essência de nossa mente é a ideia do nosso corpo existente em ato, portanto, conclui-se que nela não pode dar-se uma ideia que exclua a existência dele ou afirme sua inexistência.⁸⁹

Já foi afirmado que a essência da Mente é a ideia do Corpo em ato, o que impossibilita a existência de uma ideia que desconsidere a sua existência. Tal conceito estabelece perfeita concordância com o esforço (*Conatus*) oriundo do desejo de autopreservação contido em cada ser humano. A Mente trabalha com afirmação e negação das coisas fora de si, baseada na ideia de uma afecção do Corpo, e sua função é tornar útil essa afecção transformando-a em um afeto

⁸⁹ CHAUI, 2016, p. 322.

potente (que afirma a existência do Corpo), porque ela tem em seu poder o esforço para perseverar em seu ser. Por isso Espinosa (2018) considera esse esforço a essência das coisas singulares: elas existem indefinidamente enquanto durar; e a Mente e o seu esforço atuam entre o efeito gerado no Corpo por uma afecção e a ideia construída a partir desse efeito.

Como a Mente e a vontade são uma só e mesma coisa (de acordo com a seção 2 do primeiro capítulo), ideia e vontade são a mesma coisa também, ou seja, afirmar ou negar a existência de algo. Se a Mente nega a existência do Corpo, temos um problema, porque se trata de uma discrepância que elimina qualquer possibilidade de existência. O que a Mente faz é afirmar ou negar ideias que estão na ordem da Natureza. E esforçar-se para a preservação da vida e essa perseverança na existência é o apetite, ou o Desejo, donde compreendemos a afirmação de Espinosa de que “[...] não nos esforçamos, queremos, apeteçemos, nem desejamos nada porque o julgamos bom; ao contrário, julgamos que algo é bom porque nos esforçamos por ele, o queremos, apeteçemos e desejamos” (E III, Prop. IX, Esc.)

Sobre o esforço da Mente e o movimento do Corpo na produção de uma ideia que conserva a vida das coisas singulares, Chauí esclarece que o afeto é relativo à potência interna humana, o *Conatus*, que é definido por Espinosa como o esforço que a Mente faz para perseverar na existência:

São modificações da vida do corpo e significações psíquicas da vida corporal e mental fundadas no desejo de perseverar na existência, força vital que faz o corpo se mover (afetar e ser afetado por outros corpos) e a mente, pensar. Com a vida afetiva, a união da mente com seu corpo se exprime na singularidade do *ingenium*, temperamento ou índole de cada indivíduo na relação com as coisas, os outros e consigo mesmo, aquilo que os gregos designavam *éthos*.⁹⁰

O *éthos*, antes apresentado como disposição natural ou o caráter de alguém, na filosofia de Espinosa se apresenta no movimento do Corpo com outros corpos produzindo experiências na qual a razão se abre para a realidade de perseverar-se na existência e preservar a vida na sua plenitude. A riqueza das experiências e o papel da razão serão os melhores meios para se chegar a uma vida ética. Só que o *éthos* espinosano não existe sem o afeto. O afeto é a ponte para a Mente pensar e fazer o Corpo agir; no entanto, ele também produz causa inadequada, e é aí que se encontra o que o ser humano precisa vencer: as paixões. E vencê-las seria não deixar dominar-se por elas, de forma que a Mente possa substituir uma paixão por um afeto mais forte e potente (que causa alegria), dando ao indivíduo experiências mais felizes e condizentes com a sua natureza.

⁹⁰ CHAUI, 2016, p. 283.

Segundo Espinosa, “*As ações da Mente se originam apenas das ideias adequadas; já as paixões dependem apenas das inadequadas*” (E III, Prop. III). Espinosa não atribui positividade ou negatividade a nenhum afeto, mas os distingue entre os que são adequados, provocando ação, que se traduz em alegria, bondade e toda sorte de bons sentimentos que movem o indivíduo para a sua existência e para a vida no planeta. E os inadequados, que Espinosa chama de paixão, são afetos que o Corpo percebe mas que a Mente não explica, colocando o ser humano em condição de passividade diante da vida. Assim, o ser humano vive de paixões e de afetos, estando ora em ação, ora em imaginação.

Chauí analisa essa ideia da seguinte forma:

Assim como somente corpos exteriores contrários ao nosso podem destruí-lo, assim também somente as ideias desses corpos, exteriores à essência de nossa mente, podem ser contrárias a ela e destruí-la. A contrariedade se estabelece entre a ideia que a mente é (ideia de seu corpo) e as ideias que ela possa *ter* que contrariem seu ser; trata-se, pois, da ideia de um outro corpo que, afetando o seu, é imaginada pela mente como se fosse expressão de seu corpo próprio. A mente confunde a ideia de seu corpo (aquilo que ela é) com a imagem que dele forma um outro corpo ao afetá-lo, uma ideia imaginativa que pode ora concordar ora contrariar a ideia que a mente é. Isto possui um nome: chama-se paixão.⁹¹

Essa contrariedade Espinosa define na parte III da *Ética*, destinada à Teoria dos Afetos, na definição geral dos Afetos. “O Afeto que é dito Pathema do ânimo é uma ideia confusa pela qual a Mente afirma de seu Corpo ou de uma de suas partes uma força de existir maior ou menor do que antes e, dada [esta ideia], a Mente é determinada a pensar uma coisa de preferência a outra” (E III, D.G.A). Espinosa (2018) define os afetos pela constituição atual do Corpo a partir dos conflitos que ele experimenta, que mostra a natureza desse Corpo, bem mais do que dos Corpos externos, e que a Mente sempre opta por pensar algo que aumente seu esforço, já que constantemente se depara com afetos contrários devido à sua vida relacional, que coíbe sua potência de pensar.

Para Espinosa, “*O que quer que aumente ou diminuía, favoreça ou coíba a potência de agir de nosso Corpo, a ideia desta mesma coisa aumenta e diminui, favorece e coíbe a potência de pensar de nossa Mente*” (E III, Prop. XI). Logo, nosso filósofo considera que a Mente pode padecer de grandes mudanças, e essa oscilação entre contrários é o que faz a diferença na vida do sujeito. Espinosa compreende que “[...] a ideia que forma do afeto afirma algo que na verdade envolve mais ou menos realidade do que antes” (E III, Exp., p.367) Uma vez que a essência da Mente e do Corpo é perfeita, não existe imperfeição na filosofia de Espinosa. No pensamento espinosano não se concebe o conceito de imperfeição, isso porque mesmo o

⁹¹ CHAUI, 2016, p. 325.

indivíduo submetido às paixões se encontra dentro de sua natureza, que é parte de Deus. O que transcorre é a passagem de uma perfeição menor (imaginação, passividade) à uma perfeição maior (ideias ativas). Nosso filósofo sugere a razão como a ponte para a maior perfeição.

A passagem de um estado ou outro é feita à medida que a Mente oscila entre os afetos que aumentam ou diminuem sua potência, buscando sempre aqueles que exprimem maior realidade. Portanto, a Mente forma uma ideia de seu Corpo, ou de uma de suas partes, que exprime uma determinada realidade de acordo com o que ela afirmara de seu Corpo; assim, ela pensa algumas coisas em lugar de outras, exprimindo seu Desejo de se fortalecer toda vez que ela experimenta a Alegria ou a Tristeza.

Todos os seres humanos, por serem parte da Natureza, experimentam os afetos e suas paixões, o contato físico e psicofísico com esses afetos. O problema, para o nosso autor, são as paixões que derivam desses afetos, porque esses afetos-paixões vieram do encontro entre os corpos e das causas inadequadas, e não das ações. Segundo Espinosa, “Daí segue que a Mente está submetida a tanto mais paixões quanto mais tem ideias inadequadas e, ao contrário, tanto mais age quanto mais tem ideias adequadas” (E III, Prop. I, Corol.) Como as paixões são causas que vêm de fora (efeitos dos impactos com outros corpos), Espinosa busca as causas que partem da interioridade do sujeito (efeitos das reflexões próprias da Mente) e daí a sua preocupação em não sermos governados pelas causas externas. Ele compreende a nossa sujeição às paixões, mas busca promover o sujeito livre, portanto, ativo.

A passividade é elemento natural da finitude humana e a experiência passional envolve a dependência e a carência, porque muitas vezes a Mente não afirma quem ela é. Ela é vontade e o ser humano é Desejo; ele deseja o tempo todo, deseja até sem ter consciência, e esse desejo não implica nenhuma falta, e sim afirmação de nossa essência. A carência é um efeito que se dá no Corpo e na Mente simultaneamente, quando negado à potência natural humana. Onde Espinosa (2018) reconhece que existem os afetos ativos e os afetos passivos; eles são relativos às causas e suas realidades ou graus de perfeição. E quando o ser humano, sob o efeito do afeto ativo, Espinosa argui: “E assim, enquanto prestamos atenção à própria coisa, e não a causas externas, nada nela poderemos encontrar que possa destruí-la” (E III, Prop.IV, Dem.) Ratificando que a passividade é uma condição do indivíduo reprimido intelectualmente e que pouca realidade conhece. Cabe lembrar que para Espinosa (2018) realidade e perfeição são o mesmo.

Optou-se por explicar o que são os afetos e como nos relacionamos com eles (através do Corpo e da Mente) para, agora, adentrarmos na epistemologia espinosana. De certa forma foi demonstrado, no primeiro capítulo, o caminho para se chegar ao conhecimento e o processo

necessário pelo qual ele é realizado. Daqui em diante, serão abordadas as questões relativas à ausência do conhecimento claro e preciso, considerado pela passividade da Mente, e a presença desse tipo de conhecimento, representado pela liberdade de pensamento, que exprime no Corpo e na Mente ação diante dos desafios impostos pela Natureza. Espinosa (2018) parte dos três afetos primários: Desejo, Alegria e Tristeza, apesar da infinidade de alegrias e tristezas que experimentamos, para entendermos como os estados mentais interferem nas escolhas que fazemos ao longo da vida e em como essas escolhas interferem na maneira como lidamos com as coisas e apreendemos a realidade.

Nosso filósofo holandês define: “A alegria é a passagem do homem de uma perfeição menor a uma maior” (E III, p. 341). Lembrando que para Espinosa (2018) seguimos sendo perfeitos, mesmo quando somos desfavorecidos na potência de agir do Corpo e da Mente, por isso o uso do termo perfeição menor ou maior. Assim, ele afirma: “Digo passagem. Pois a Alegria não é a própria perfeição” (E III, p. 341). A alegria pode conduzir o indivíduo a uma maior perfeição, pelo que ela gera no instante em que é sentida (aumento da potência de agir), mas Espinosa adverte que ela não é a perfeição, e pode ser um problema na vida humana se não for bem usada, conforme veremos adiante.

Quando o indivíduo afetado de Alegria tem seu desejo favorecido, e tem também consciência de sua alegria e da imagem do Corpo que julga tê-la causado, ele imagina que o Corpo que lhe causou Alegria se encontra isolado na natureza, desconhecendo o encadeamento de corpos e as determinações da natureza. Por isso, liga a causa da sua alegria ao Corpo exterior. Logo, sua Mente irá se esforçar para manter esse Corpo próximo a si; ele não escolheu esse sentimento, pois sentir é parte da sua determinação. Como esse Corpo aumenta a sua potência de agir, ela, naturalmente, irá desejar conservar esse Corpo para continuar a aumentar sua potência de agir; assim, o indivíduo se mantém na ignorância e se prende ao primeiro gênero de conhecimento e se torna servo daquele Corpo. Isso pode ser comparado à comida, ao álcool, etc.

Há inúmeras alegrias, mas seria imprudente nomeá-las, pela infinidade de maneiras com que nos alegramos. Entretanto, Espinosa classifica a Alegria em duas categorias: a Alegria enquanto carícia e a Alegria enquanto hilaridade. Quando uma parte do Corpo e da Mente é mais afetada que as outras partes, está sob o domínio da carícia. Quando todas as partes da Mente e do Corpo são igualmente afetadas, é a Alegria enquanto hilaridade. Neste caso, a potência é aumentada no indivíduo como um todo. Assim explica Espinosa:

Assim, por Alegria, entenderei na sequência a paixão pela qual a Mente passa a uma maior perfeição. Por Tristeza, a paixão pela qual ela passa a uma menor perfeição.

Em seguida, *o afeto de Alegria simultaneamente relacionado à Mente e ao Corpo*, chamo *Carícia* ou *Hilaridade*; *o de Tristeza*, por sua vez, *Dor* ou *Melancolia*. Contudo, cumpre notar que a Carícia e a Dor são referidas ao homem quando uma das partes dele é afetada mais do que as outras; já a Hilaridade e Melancolia, quando todas as partes são igualmente afetadas. (E III, Prop. XI, Esc.)

A Alegria, portanto, pode ser passiva se me excedo, e somente uma parte do meu Corpo é contemplada por ela; e pode ser ativa caso o indivíduo perceba que o objeto da razão não é a coisa em si, e sim o seu Corpo, e daí compreender a ordem das coisas que aumentam e diminuem a sua potência de agir. Esse indivíduo, por meio do pensamento, se certificará que o sentido está no modo como ele se relaciona com as coisas e não a coisa em si. Daí, quando acontece algo com o Corpo (afecções) que deixa a Mente alegre, é natural que o Corpo e a Mente desejem mais essa Alegria; se essa Alegria atende parte do Corpo, ela pode ser nociva se a busca é excessiva do contato com o Corpo que a provocou. Onde ocorrem os exageros e os vícios.

Daí a relação confusa que o ser humano tem com o amor, por exemplo. A definição de Espinosa (2018) de Amor é: “O Amor é a Alegria conjuntamente à ideia de causa externa” (E III, p. 343). Ou seja, o amor é a Alegria acompanhada da ideia de uma coisa exterior, ideia imaginária. O indivíduo tem consciência dessa imagem (o Corpo externo) e dessa Alegria (afeto), mas desconhece a causa real dela. A imagem que se formou é a imagem do Corpo externo. Se uma pessoa ama outra, ela é cônica disso, e é cônica da Alegria que esse amor provoca; ela imagina que a causa da sua Alegria é a pessoa, e não o modo como se interage com ela. Naturalmente, essa pessoa passa a ter um esforço para conservar o que considera objeto da sua Alegria, porque aumenta a sua potência de agir e ignora o encadeamento dos Corpos. Ela passa a imaginar que a outra pessoa se encontra isolada na Natureza (fora do curso da causalidade), ou seja, ela não compreende o vínculo entre o afeto e a afecção sofrida e considera somente o que sentiu no primeiro momento e como que presente a pessoa que a afetou. Diante disso, o indivíduo passa a deixar de desfrutar da experiência integral do amor e pode vir a desfrutar de sentimentos que nada têm a ver com o amor, como por exemplo o ciúme, a posse...

Na Tristeza ocorre o inverso, pois a imagem que se forma coíbe a potência de agir do indivíduo, já que a Tristeza é a passagem da Mente a uma perfeição menor. Para Espinosa, “[...] o afeto de Tristeza é um ato, que por isso não pode ser nenhum outro senão o ato de passar a uma menor perfeição, isto é, o ato pelo qual a potência de agir do homem é diminuída ou coibida”. (E III, p. 341) Observe-se que Espinosa considera a Tristeza um “ato” e não a própria imperfeição. Quanto às espécies de Tristeza, também são em grande escala. Mas por falta até de vocabulário, Espinosa se atém às que considera mais importante. Temos a dor, que é quando

uma parte é mais afetada que as outras, e a melancolia, que é quando são afetadas da mesma forma todas as partes do Corpo, de acordo com a citação acima.

Como a Tristeza diminui ou coíbe a potência de agir do ser humano, é natural que quando afetado de Tristeza o indivíduo se esforce para afastar de si o que lhe entristece. Este é o Desejo originado da Tristeza: destruir o objeto que considera a causa da Tristeza. O ser humano, quando sob o domínio do afeto de Tristeza, tende a acreditar que a causa da sua tristeza está no Corpo que o afetou, isto é, fora dele. Um exemplo é o ódio. Ele é uma Tristeza acompanhada de uma causa exterior imaginária, o que irá produzir um Desejo de destruir o que se acredita ser a causa da diminuição da potência de agir e de perseverar na existência. Nas palavras de Espinosa, “Quem imagina que aquilo que odeia é destruído, se alegrará” (E III, Prop. XX). Aqui, o esforço da Mente é o de imaginar o que exclui o que coíbe sua potência de ser, e para isso o indivíduo imagina algo que destrua a causa da sua Tristeza, o que lhe dará a sensação de Alegria.

Espinosa parte da ideia de que a Mente trabalha de forma a criar uma ideia que exclui a outra. A Mente se esforça para excluir o que a entristece. Tais ideias são opostas, já que uma aumenta e a outra diminui a potência de agir. Segundo Chauí, “Ao definir o afeto como aumento ou diminuição da potência singular, Espinosa já indica algo que será nuclear para a compreensão das paixões: a contrariedade, apresentada na própria definição de alegria e tristeza como afetos primários dos quais todos os outros se derivam”⁹². Assim, as paixões são sempre opostas referindo-se ao que completa ou não a realidade que envolve o indivíduo. E sempre opostas também porque geram Alegria ou Tristeza e podem ou não completar o sujeito, porque pode elevá-lo a um estágio de perfeição maior ou menor, isto é: a Alegria é a passagem a uma maior perfeição e a Tristeza a passagem a uma menor perfeição. Havendo alteração na sua essência (menor potência ou maior potência), mesmo não se transformando em outra essência que não o esforço, a potência de se perseverar na existência⁹³, sendo a potência de se perseverar na existência o esforço da Mente em excogitar o que a faz se sentir bem.

A Mente pode excluir uma ideia por uma opinião ou por um conhecimento adequado, o que leva um afeto a ser destruído por outro mais forte, por uma dessas duas vias. Isso porque na flutuação do ânimo a dúvida pode surgir para a imaginação e o sujeito passa a desacreditar de algo em que acreditava antes. A Mente tem recursos para produzir ideias contrárias e passa a considerá-las falsas ou verdadeiras. Isso se dá pela vontade da Mente de produzir ideias. O Desejo, o tempo todo, é favorecido ou constrangido conforme vivenciamos com outros corpos,

⁹² CHAUI, 2016, p. 326.

⁹³ Cf. CHAUI, p. 326-327.

conforme experimentamos as afecções. O Desejo sofre variações e mudanças porque somos desejos a partir do que conhecemos com o nosso Corpo e com a nossa Mente. Então, essa passagem de uma perfeição maior para uma menor, ou o contrário, envolve decisivamente o Desejo, que é o de viver.

Espinosa define o Desejo: “Desejo é a própria essência do homem enquanto é concebida determinada a fazer [agir] algo por uma dada afecção sua qualquer”⁹⁴. Tal definição serve tanto para Desejo, apetite, volições ou ímpeto, que nada mais são do que os esforços da natureza humana. Espinosa explica:

Portanto, entendo aqui pelo nome de Desejo quaisquer esforços, ímpetos, apetites, volições de um homem que, segundo a variável constituição do mesmo homem, são variáveis e não raro tão opostos uns aos outros que ele é arrastado de diversas maneiras e não sabe para onde voltar-se. (E III, p. 339)

A definição de Desejo como apetite, que a Mente é cônica dele, indica a consciência do indivíduo da ideia da afecção de seu Corpo, o que não impede que essa afecção seja adequada ou inadequada, donde somos cônica das nossas alegrias e tristezas e apetecemos o tanto quanto podemos por experimentar certas afecções. Essa consciência, no sentido de fazer algo, segundo Chauí é o Desejo enquanto conduta, comportamento e uma causa eficiente:

A definição completa do desejo como a própria essência do homem apresenta, portanto, a causa pela qual se pode concebê-lo como o apetite do qual a mente é consciente, na medida em que se trata de um “fazer algo” ou realizar uma operação (*ad agendum*) pela determinação de uma dada afecção qualquer e é desta exatamente que a mente é consciente, pois é ideia das afecções de seu corpo e de suas próprias afecções e essa consciência se manifesta em condutas e comportamentos dirigidos a si, aos outros e a todas as coisas.⁹⁵

Chauí (2016) adverte para o fato de o afeto aumentar ou diminuir a potência de pensar da Mente e a potência de agir do Corpo estarem unidas ao ato de desejar. Assim, o modo humano na filosofia espinosana é movido a fazer algo em função do encadeamento das causalidades eficientes, onde as paixões se explicam a partir das condições do cruzamento entre causa-afeto. O que permite a existência dos desejos alegres e dos desejos tristes.

Veja-se o exemplo da esperança e o do medo e como esses desejos envolvem Tristeza ou Alegria. Segundo Espinosa, “Segue destas definições que não se dá Esperança sem Medo, nem Medo sem Esperança” (E III, p. 347). No caso do Amor, o esforço é o de conservar a coisa amada; no entanto, não é garantido que essa coisa será conservada, donde a esperança é a Alegria instável, porque junto dela vem o medo de perder o objeto que se imagina amar. Assim, ela é sempre acompanhada do medo ou da perda. Para algo que é odiado, a esperança é a de

⁹⁴ ESPINOSA, 2018, p. 339.

⁹⁵ CHAUI, 2016, p. 329.

destruir aquilo que imagino ser a causa do meu ódio, e o medo se refere à possibilidade de a coisa não ser destruída.

Espinosa conclui sobre a esperança e o medo: “Pois a *Esperança* é nada outro que a *Alegria inconstante originada da imagem de uma coisa futura e passada, de cuja ocorrência duvidamos*. O *Medo*, ao contrário, é a *Tristeza inconstante originada da imagem de uma coisa duvidosa*” (E III, Prop. XVIII, Esc. II). Portanto, esperança e medo andam uma ao lado do outro. Para Chauí, quando se refere ao medo e à esperança, Espinosa

[...] nos permite falar no *sistema medo-esperança*, uma vez que essas paixões são complementares e uma não surge sem a presença da outra: tristeza e alegria inconstantes, medo e esperança são expressões máximas de nossa finitude e de nossa relação com a contingência, tempo descontínuo, imprevisível e incerto, encontros acidentais na ordem comum da Natureza.⁹⁶

Chauí explica porque no modo humano são possíveis as contingências, impossível quando se trata de expressões divinas. As ausências e os acidentes são atemporais na filosofia de Espinosa porque a memória é instrumento fundamental dos afetos. Recordamos de um afeto passado e nos alegramos ou nos entristecemos com isso, ou imaginamos aquilo que nos alegra presente em nosso futuro, ou aguardamos o futuro cheios de esperança e medo. Tudo isso carregado de dúvidas e incertezas. Esse é o universo humano e é nesse universo que Espinosa acredita que devemos prestar atenção.

Espinosa nos demonstra que a origem dos afetos se encontra em nossa própria natureza. Todos, inclusive o sábio, vivenciam as paixões, pois todos são partícipes da Natureza. Ninguém escolhe ser afetado; os afetos estão na ordem da Natureza. No entanto, a Natureza trabalha para que desfrutemos da Alegria na composição e encadeamento dos corpos e como podemos aprender com essa relação. Ela nos deu a força necessária para agirmos de modo que nos sintamos mais alegres do que tristes.

Nas paixões, imaginamos que a origem da Alegria e da Tristeza se encontra nas coisas exteriores e que os nossos apetites são caprichos do Corpo. É deles, desses apetites, que vem a crença de que a Humanidade tem livre vontade para decidir sobre a sua relação com as coisas do mundo. A liberdade, na filosofia espinosana, não se relaciona com o querer uma coisa ou outra, sem qualquer vínculo com os desígnios da Natureza. A liberdade passa pela ação livre de influências externas, para viver plenamente a sua essência, daí o entendimento de vontade e intelecto ser a mesma coisa, isso porque a Mente sempre se esforça para ir de encontro ao que a leva ao seu âmago. Para Chauí, “A gênese da imagem da liberdade encontra-se, pois, numa

⁹⁶ CHAUI, 2016, p. 338-339.

única causa ensinada pela experiência e pela razão: os seres humos são cômicos de suas ações, mas ignorantes das causas que as determinam. É por privação de conhecimento, portanto, que essa imagem se forma”⁹⁷. Espinosa explica: “Donde revela-se que somos agitados por causas externas de muitas maneiras e que flutuamos tal qual ondas do mar agitadas por ventos contrários, ignorantes de nosso desenlace e do destino” (E III, Prop. LIX, Esc.). Na ignorância, o Desejo e a Alegria, embora favoreçam a potência de agir, é nociva à vida humana, por ser buscada nas coisas fora do sujeito, até que ela passe de Alegria à Tristeza.

A maior parte dos seres humanos vive como servos de suas paixões, da Alegria passiva, na excitação e no Desejo de conservar aquilo que acreditam ser a causa da Alegria. A condição de ignorância exclui do pensamento o valor dos encontros entre os Corpos e cria uma rede imaginária envolvendo simultaneidade e semelhança, ou associações de imagens através de transferência afetiva e flutuação do ânimo, deixando a Mente mais inerte do que ativa. Mas como é possível regular a contrariedade à qual estamos expostos? Conhecendo os afetos ativos (que leva a perseverar na existência) e retraindo os afetos passivos (impotência para perseverar na existência). É importante, na teoria de Espinosa (2018), a distinção entre os afetos. Isto se dá devido aos afetos exercerem diferenças nos estados mentais, podendo contribuir para a ação do indivíduo ou para a sua passividade frente às coisas exteriores a si. É dito ação todo movimento em direção à essência da coisa singular, e passividade ou escravidão (dependendo do comentador) toda situação em que o indivíduo se deixa levar pelas paixões, sem qualquer distinção ou reflexão sobre as causas e os efeitos que elas geram.

Nos afetos ativos, o objeto da razão não é a coisa em si; há compreensão da relação e da ordem das coisas que aumentam a potência de agir do sujeito. Esse estado pode ser chamado também de “Alegria ativa”. Se há o aumento da potência de agir, consciente do encadeamento dos corpos – Corpo se relacionando com Corpos e ideias se relacionando com ideias –, o sujeito altera o modo como se relaciona com as coisas externas a si e permite à Mente exercer o seu protagonismo, e ao invés de se apegar às palavras e às opiniões, o indivíduo pensa sobre as coisas, mesmo quando elas são apresentadas em forma de verdades, dogmas e crenças. Nesse estágio do conhecimento a Alegria é também do indivíduo consigo mesmo, mas não uma alegria voltada para a vaidade a partir dos elogios de outrem, e sim do contentamento de ser livre no pensamento e no Corpo.

Espinosa diz: “*Quando a Mente contempla a si própria e a sua potência de agir, alegra-se, e tanto mais quanto mais distintamente imagina a si e a sua potência de agir*” (E III, Prop.

⁹⁷ CHAUI, 2016, p. 310.

LIII). A Mente conhece o Corpo pelas afecções que ele sofre; quando ela contempla a si própria, passa a uma perfeição maior e sente-se alegre. De acordo com Nadler, “Podem os seres humanos, porém, alcançar algum grau de autonomia e libertação de seus distúrbios na medida em que sejam ativos e guiados pela razão, com isso adquirindo um entendimento do modo pelo qual tudo na Natureza deve ocorrer como ocorre, inclusive atos de volição humana. Dessa forma, a potência das afeições passivas é pelo menos reduzida”⁹⁸. Portanto, a razão é o caminho para o verdadeiro conhecimento das coisas e de nós mesmos.

Sobre os afetos que contribuem para a razão humana, Espinosa diz: “*Dentre todos os afetos referidos à Mente enquanto age, não há nenhum senão os referidos à Alegria ou ao Desejo*” (E III, Prop. LIX). Nosso filósofo explica que, como a Tristeza diminui a potência da Mente de pensar, não pode ser referida à Mente quando está em atividade. No caso da Alegria e o Desejo, estes sim são referidos à Mente, bem como ao Corpo. Para exemplificar a vida racional, afirma:

Todas as ações que seguem dos afetos referidos à Mente enquanto entende eu refiro à Fortaleza, que distingo em Firmeza e Generosidade. Pois por *Firmeza* entendo o *Desejo pelo qual cada um se esforça para conservar seu ser pelo só ditame da razão*. Por *Generosidade* entendo o *Desejo pelo qual cada um se esforça para favorecer os outros homens e uni-los a si por amizade pelo só ditame da razão*. (E III, Prop. LIX, Esc.)

No excerto, Espinosa apresenta os afetos ativos que colocam a Humanidade diante de sua potência para o bem e o bom e para o alcance da felicidade. E mostra como a vida humana não é estática; muito pelo contrário, a essência humana se altera, se aperfeiçoa à medida que nos deparamos com as adversidades e as complexidades da vida impostas pela afetividade. A maneira como nos comportamos e nos relacionamos com os afetos definem o tipo de conhecimento que teremos da realidade e os graus de aperfeiçoamento a que estaremos sujeitos.

Segundo ele, “os afetos podem compor-se uns com os outros de tantas maneiras, e daí originar-se tantas variações que não podem ser definidos por nenhum número” (E III, Prop. LIX Esc.). Assim, o que interessa não são os afetos em si e quantos são, mas o estar disposto deles nas suas inúmeras formas de ser afetado e que renegá-los não passa pelo livramento do “mal”, mas sim pela abstinência da razão. Na filosofia de Espinosa, a ciência moral é a compreensão da vida afetiva.

⁹⁸ NADLER, 2011, p. 33.

Jaquet (2015) explica que Espinosa trata dos afetos sem distingui-los positivamente ou negativamente, a não ser quando se refere à potência da Mente sobre eles. Fora isso, seu interesse é definir a origem do afeto e como este pode ser traduzido em “bem” ou “mal”. Assim, afirma Espinosa: “O Desejo que se origina do conhecimento verdadeiro do bem e do mal, enquanto versa acerca de coisas contingentes, pode ser ainda mais facilmente coibido pelo Desejo de coisas que estão presentes” (E III, Prop. XVII). No escólio da proposição, Espinosa comenta como os homens são mais facilmente comovidos pela opinião do que pela razão e porque conhecer o bem e o mal distante da sua causa pode influenciar muito mais o mal do que o bem. O intento do nosso autor é dizer da necessidade de se conhecer verdadeiramente tanto ao que potencializa à vida humana, quanto ao que a enfraquece.

Quanto aos afetos derivados do Desejo, Alegria, Tristeza conheceremos alguns que nos ajudem a compreender a forma como se apresentam no sujeito (potencializando ou enfraquecendo) e a sua aplicação no cotidiano de cada indivíduo, remetendo sempre ao diálogo entre os afetos e à ética e a possíveis análises de o quanto eles conduzem a sociabilidade humana em todos os âmbitos, principalmente na política e na religião.

Aprendemos que para Espinosa (2018) a Mente, enquanto tem ideias adequadas ou inadequadas, esforça-se para perseverar em seu ser, por uma duração indefinida, sendo consciente do seu esforço, e que é pelas imagens que se formam os afetos. A seguir serão mostradas as imagens e suas correlações com os afetos da Alegria e da Tristeza, como essas imagens conduzem a vida humana privada e em sociedade e como através da consciência do tipo de afeto gerado por essas imagens detidas no Corpo podemos dominar os afetos tristes e participarmos mais daqueles que aumentam nossa potência de ser, compartilhando com nossos semelhantes tal experiência.

É apenas pela imagem de uma coisa, seja ela presente, passada ou futura, que o indivíduo pode ser afetado por Alegria ou Tristeza. Neste sentido, quando desejamos realizar algo que julgamos ser importante para a nossa vida, só de imaginarmos realizando-a nos sentimos alegres e somos conscientes dessa Alegria e, por isso, nos esforçaremos para alcançá-la. E se sentimos Tristeza ao imaginar que não a realizaremos, seremos afetados por impotência, mas ainda assim teremos recursos para afastar o sentimento que coíbe ou diminui o esforço da Mente em se conservar.

A respeito dos afetos que remetem sentimentos por imagens passadas ou futuras, Espinosa esclarece:

Pelo que assim foi dito, entendemos o que são Esperança, Medo, Segurança, Desprezo, Gozo e Remorso. Pois a *Esperança* é nada outro que a *Alegria inconstante originada da imagem de uma coisa futura ou passada, de cuja ocorrência duvidamos*. O *Medo*, ao contrário, é a *Tristeza inconstante originada da imagem de uma coisa duvidosa*. Além disso, caso a dúvida seja suprimida desses afetos, da Esperança faz-se a *Segurança*, e do Medo, o Desespero; a saber, a *Alegria ou a Tristeza originada da imagem de uma coisa que tínhamos ou esperávamos*. O *Gozo*, ademais, é a *Alegria originada da imagem de uma coisa passada, de cuja ocorrência duvidára-mos*. O *Remorso*, enfim, é a *tristeza oposta ao gozo*. (E III, Prop. XVIII, Esc. II)

A saber, pelo modo como funcionam nossa Mente e nosso Corpo, no que tange à memória e à fabulação entendemos como os afetos relacionados a elas se fazem no indivíduo, de forma a trazer conforto ou desconforto. Logo essas imagens, quando não assimiladas corretamente pela Mente, transportam o indivíduo para situações das quais ele pode padecer – ou por crer na sua miséria ou por se alimentar de esperanças, em vez de agir. Daí Espinosa ver no medo e na esperança grandes perigos e grandes instrumentos nas mãos de grupos sociais dominantes. Trazendo um pouco à nossa realidade, indivíduos constantemente são iludidos pela possibilidade de uma vida próspera e rica, quando em seus meios poucas chances podem ter para isso. É comum apetermos de segurança diante das adversidades da vida, mas é mais comum ainda as sociedades viverem sob o temor de que coisas ruins aconteçam ou que seus governos alimentem esse temor para garantir seus objetivos de dominação. A violência e o terrorismo são fortes meios de controle pelo medo.

A esperança vem sempre de algo de que duvidamos mas que desejamos que se concretize, e quando isso ocorre gozamos dessa realização, e quando não mais temos esperanças nos encontramos em estado de segurança, o que é raro, principalmente em um mundo que busca alimentar os indivíduos de conquistas, estimulando sempre mais e mais o querer. E na segurança podemos entregar nossa liberdade em troca dela, o que pode ser meio de manipulação para algumas formas de governos ou até facções criminosas que atuam em comunidades onde a ausência do estado é grande. Quando, numa guerra e no caos, pode ocorrer de o desespero se instalar pelo medo ter se tornado realidade o que se temia, e o sentimento experimentado diante da catástrofe é o remorso, porque há sempre um sentimento de fracasso envolvido, que pode ser transferido dos governantes à sociedade. O mesmo acontece na vida individual: gozamos daquilo que esperávamos que se realizasse e que se concretizou e sentimos segurança em função disso, ou nos desesperamos quando o que mais tínhamos tornou-se realidade e sentimos remorso diante da nossa impotência.

Quanto ao amor e ao ódio, pode-se afirmar que a Mente se regozija ou padece quando aquilo a que ama é afetado de Alegria ou Tristeza, gerando o zelo e a preservação do que se ama. Com isso, a importância de saber o que se ama, a partir de observação própria e não por

condução de qualquer espécie, seja por valores familiares, religiosos ou materiais, para que o indivíduo possa colocar sua energia no que realmente lhe é útil ao seu bem-estar e felicidade. Neste sentido, Espinosa alerta:

“[...] logo, as imagens das coisas que põem a existência da coisa amada favorecem o esforço da Mente pelo qual ela se esforça para imaginar a coisa amada, isto é [...], afetam de Alegria a Mente; e as que, ao contrário, excluem a existência da coisa amada coíbem o mesmo esforço da Mente, isto é [...] afetam a Mente de tristeza.” (E III, Prop. XIX, Dem.)

Uma vez consciente do que se ama, ao imaginar que a coisa amada seja destruída o indivíduo se entristecerá e, o contrário, se alegrará se ela for preservada. Desta relação com as coisas que amamos vem a maioria das ações humanas, por isso a relevância de conhecermos o efeito dos afetos em nossa Mente e daquilo que desejamos. Podemos ser tomados por sentimentos relacionados não somente a nós mesmos mas também a outrem, conforme o que nutrimos ou não por ele. No escólio da proposição XXII do livro III da *Ética*, Espinosa afirma:

A Proposição 21 nos explica o que seja *Comiseração*, a qual podemos definir como sendo a *Tristeza originada do dano a outro*. Já quanto ao nome pelo qual chamar a Alegria que se origina do bem do outro, ignoro. Além disso, o *Amor por aquele que fez bem ao outro* chamaremos *Apreço* e, ao contrário, o *Ódio por aquele que fez mal ao outro*, *Indignação*. Enfim, cabe notar que não nos comiseramos apenas da coisa que amamos (*Como mostramos na Prop. 21 desta parte*), mas também daquela pela qual nunca tivemos nenhum afeto, contanto que a julguemos semelhante a nós (como abaixo mostrarei). E por isso também temos apreço por aquele que fez bem ao semelhante e, ao contrário, nos indignamos com aquele que trouxe dano ao semelhante. (E III, Prop. XXII, Esc.)

Nos alegramos e nos entristecemos com e por nossos semelhantes. Ao que hoje damos o nome de empatia, Espinosa já alertava sobre essa capacidade humana de se reconhecer no outro. Apreço, Indignação são sentimentos oriundos dessa relação, se fazem presentes no encontro com o afeto da Alegria e da Tristeza, em circunstâncias que beneficiam ou prejudicam a quem está ao nosso lado. Sentimo-nos alegres quando nosso semelhante é afetado de Alegria e tristes quando é afetado de Tristeza, e sentimos indignação pelo que quer destruir o nosso semelhante e apreço pelo que o faz bem.

Em contrapartida, existem sentimentos que alimentam o indivíduo de Alegria, quando o que ele odeia é afetado de Tristeza, e se ao contrário acontecer o que ele odeia seja afetado de Alegria, sentirá Tristeza. É o que Espinosa denomina de Inveja. Observemos sua colocação quanto a esse afeto: “Estes e semelhantes afetos de Ódio são referidos a *Inveja*, que em vista disso é nada outro que o próprio Ódio, enquanto é considerado dispor o homem de tal maneira

que se regozije com o mal de outro e, ao contrário, se entristeça com o bem dele” (E III, Prop. XXIV, Esc.)

Na filosofia espinosana, é natural afirmarmos tudo que nos afeta e a quem amamos de Alegria e negar tudo que nos afeta e a quem amamos de Tristeza, e em sentido inverso esforçamo-nos por afirmar o que afeta de Tristeza o que odiamos e negar o que os afetam de Alegria. Donde nasce a soberba e a superestima, conforme explicação de Espinosa:

A partir disso vemos facilmente acontecer que o homem estime além da medida a si e à coisa amada e, ao contrário, aquém da medida à que odeia; imaginação que, quando diz respeito ao próprio homem que se estima além da medida, é chamada Soberba. [...] *Soberba é pois a Alegria que se origina de o homem estimar-se além da medida. Ademais, a Alegria que se origina de o homem estimar outrem além da medida chama-se Superestima; enfim Despeito, aquela que se origina de estimar outrem aquém da medida.* (E III, Prop. XXVI, Esc.)

Pela explicação acima, verifica-se o quanto é fácil o afeto da Alegria ser também uma paixão, embora ele, inicialmente, envolva o esforço humano numa potência. Tanto a soberba quanto a superestima refletem um desequilíbrio e até mesmo um delírio, pois destoa da concepção humanista de nosso filósofo, que afirma a igualdade em potência e amor entre todas as coisas na natureza. Acreditar que tenhamos um valor superior aos demais e amar a uns em detrimentos de outros consiste num processo imaginário que precisa ser analisado e refletido para se chegar à verdade. Apesar da singularidade dos seres, não há uma hierarquia na totalidade do real, mas um estágio de perfeição.

Como a imaginação é composta de ideias que envolvem a natureza do Corpo e simultaneamente a natureza presente de outro Corpo externo, é possível, na ordem da natureza, um indivíduo imaginar junto ao seu semelhante. A isso Espinosa dá o nome de “imitação dos afetos”. *“Por imaginarmos afetada por algum afeto uma coisa semelhante a nós e pela qual jamais nutrimos nenhum afeto, somos então afetados por um afeto semelhante”* (E III, Prop. XXVII). Quando se imagina que algum semelhante seja afetado por qualquer afeto, a imaginação, a partir disso, exprimirá uma afecção semelhante. Quando essa imitação dos afetos envolve a Tristeza, tem-se o nome de “comiseração”, e quando envolve o Desejo, tem-se o nome de “emulação”. Este último refere-se ao Desejo ao imaginar que alguém semelhante a si tenha o mesmo Desejo. No caso da comiseração, a referência se assemelha a empatia, pois sugere comiserar-se da miséria dos que são nossos próximos, fazendo com que os seres humanos afetados por ela se esforcem para libertar da miséria os que estão à sua volta. É uma vontade da Mente que remete o amor ao próximo, porque ela aflora mesmo quando não se nutre

nenhum afeto, de foro íntimo, pelo nosso semelhante. No entanto, quando dela se deseja tirar algum benefício próprio, é tida como “benevolência”.

Diante desses afetos que podem causar contentamento consigo mesmo, como a comiseração, atente-se ao seguinte argumento de Espinosa:

Se alguém fez algo que imagina afetar os outros de Alegria, será afetado de Alegria conjuntamente à ideia de si como causa, ou seja, contemplará a si próprio com Alegria. Se, ao contrário, fez algo que imagina afetar os outros de Tristeza, inversamente contemplará a si próprio com Tristeza. (E III, Prop. XXX)

Como o ser humano é consciente de si por meio das afecções que sofre, terá como causa da Alegria ou da Tristeza, nesta circunstância, do outro a si mesmo. O contentamento consigo mesmo é um dos pontos cruciais na filosofia de Espinosa, porque remete ao indivíduo cômico de sua essência, isto é, desejoso do bem para si e para todos, em sintonia com Deus. Esse contentamento é denominado “glória”, e, em contrapartida, quando o indivíduo consciente de ser causa da Tristeza de outrem, o sentimento dele é de vergonha para consigo mesmo. Entretanto, o indivíduo que se julga glorioso pode apenas imaginar ser a causa da Alegria de alguém, sendo ele verdadeiramente soberbo ao crer, erroneamente, afetar de Alegria o seu semelhante, quando é preciso cautela da Mente para compreender a relação que o indivíduo tem com os afetos. Daí a importância do método reflexivo para obtenção de conhecimento adequado.

Outro aspecto importante dos afetos é o fato de que todos os indivíduos se esforcem o quanto podem para que os outros amem aquilo que ele ama e odeiem o que ele odeia. Tal fato é comum e natural também quando o assunto é a ambição, que é o esforço para se ter aquilo que os outros desfrutam com prazer. Sendo assim, os seres humanos comiseram dos que estão na miséria e invejam os que estão bem. Mediante a natureza contraditória da espécie humana é que se compreende a flutuação do ânimo da qual a maioria dos indivíduos se encontra, sem ter consciência de como se libertar.

Sobre os tipos de afetos e como eles se dão nos seres humanos, cabe dizer que é de nossa natureza desejar que os outros vivam conforme o que se acredita. Assim, a ambição, por exemplo, tem sua origem no desejo de que os outros aprove o que se ama ou tenham aversão ao que se odeia. Se tais sentimentos não são bem trabalhados e pensados pelo indivíduo, há o perigo de que uns sejam colocados contra os outros, como se houvesse uma única verdade, desconsiderando as singularidades, por exemplo. Logo, o surgimento de grupos antagônicos e conflitantes que não respeitam o direito alheio pode ser instalado, principalmente em sociedades que não cultivam a sabedoria e a liberdade. Segundo Espinosa, “Vemos, ainda, que da mesma

propriedade da natureza humana da qual segue que os homens são misericordiosos, segue também que são invejosos e ambiciosos” (E III, Prop. XXXII, Esc.)

Assim, uma vez mais pode-se afirmar que para a filosofia de Espinosa o mal não se encontra nas coisas e muito menos nas pessoas, mas em como nos envolvemos com elas. A experiência afetiva é terreno fértil à Mente, na medida em que esta reflete sobre o que estamos realmente dispostos ou disponíveis, o que realmente deve-se valorizar e o que ajuda a construir a vida e o que contribui para a sua destruição. Buscando o útil, o indivíduo mais sábio pode desejar as coisas que compartilham de sua essência, mais consciente e conhecedor de suas paixões. Por isso a importância de observar o que amamos e como amamos as coisas e as pessoas.

Retornando ao valor do amor à existência, o amor que recobre os que estão à nossa volta se faz pelo Desejo de reciprocidade ou gratidão. Espinosa (2018) diz que o esforço de fazer o bem àquele que nos ama e que se esforça para nos fazer bem chama-se Reconhecimento ou Gratidão. Já a retribuição do ódio se faz pela ira e pela vingança, que são, respectivamente, de acordo com nosso filósofo, o esforço de fazer mal a quem odiamos; e o esforço de retribuir o mal que nos foi feito⁹⁹. Como a Humanidade, de modo geral, não saiu da imaginação, é comum a dominação das paixões sobre os indivíduos, o que revela maior disposição à vingança do que à gratidão. Mas o interessante é pensar o poder do amor, uma vez que o que move os seres humanos são os *Conatus* – esforços para o bem –, o amor pode apagar o ódio ou qualquer afeto de Tristeza.

Não tem remédio melhor, na filosofia espinosana, para todas as paixões que acorrentam as almas humanas do que a contemplação de si mesmo. Assim, afirma Espinosa: “*Quando a Mente contempla a si própria e a sua potência de agir, alegra-se, e tanto mais quanto mais distintamente imagina a si e a sua potência de agir*” (E III, Prop. LIII) Ou seja, o ser humano que conhece a si próprio é tanto mais apto ao bem e ao amor do que os que se deixam conduzir por forças contrárias ao seu ser. Esse indivíduo colocará sua mente para imaginar aquilo que aumente sua potência, e será exemplo aos seus semelhantes por carregar em si um contentamento que produz, cria e gera conceitos benéficos à natureza, na sua totalidade.

Porém, os indivíduos que contemplam sua impotência, mais impotentes, invejosos e raivosos são. Enquanto os seres humanos se defrontam com as paixões, se relacionam desconexos com as verdades divinas, e no que diz respeito aos modos singulares se mostram desconexos em seus gêneros. Vale observar a inferência de Espinosa quanto às discrepâncias

⁹⁹ Cf. ESPINOSA, 2018, p. 303.

individuais provenientes dos afetos e seus reflexos na vida social humana: “*Enquanto se defrontam com os afetos que são paixões, os homens podem ser contrários uns aos outros.*” (E IV, Prop. XXXIII) A guerra, a discórdia são consequências das tristezas que colocam os indivíduos contrários entre si, depositando suas energias no desejo de fazer mal uns aos outros, de perseguirem-se e de destruírem-se, sem qualquer remorso aparente.¹⁰⁰

Contudo, o indivíduo contemplativo é dotado de amor-próprio, que é o contentamento consigo, que afeta de Alegria todas as partes do seu Corpo, provedor de amor e generosidade para com o mundo à sua volta. Por isso, no pensamento de Espinosa a virtude consiste em afetar-se de amor e Alegria da mesma forma e intensidade com que se afeta dos mesmos sentimentos os seus pares. E a virtude é consequência do esforço pelo que é útil, como bem explica nosso filósofo holandês: “*O sumo bem daqueles que seguem a virtude é comum a todos, e todos podem igualmente gozar dele*” (E IV, Prop. XXXVI) e o útil é conduzir-se pela razão, e todos os seres humanos estão aptos a isso; o esforço da Mente é a balança que pesa nossa Alegria e nossa Tristeza, sinalizando o que é bom ou útil à conservação da vida.

Para finalizar esta seção dirigida aos afetos, como parte central da vida racional, e conforme será visto na última seção, como parte central da vida ética, buscou-se apontar o caminho percorrido até aqui, primeiro pela percepção de Espinosa do lugar de pouco destaque e relevância dado pelos seus antecessores, integrantes ilustres da História do Pensamento aos afetos, e posteriormente pelos conceitos e conexões promovidas pela filosofia de nosso filósofo, sobretudo em obra sua *Ética*, com pequenos exemplos que remetem à era moderna e com pequenas associações ao nosso tempo. Foi descrito o que para o nosso filósofo são os afetos, sua consideração no processo do autoconhecimento e da produção de conceitos fundamentais à experiência humana terrena e como essas relações ser humano – mundo externo e mundo interno – afecções – indivíduos componentes de seu ser – ideias, afetos – *modus vivendi* – sabedoria ou ignorância – liberdade ou servidão – o bem ou o mal (*modus operandi*) completam ou fragmentam a realidade do sujeito. Buscou-se mostrar as causas dos afetos e como a vida é impactada pela maneira como estamos em contato com eles e a importância do método reflexivo para que a razão tome as rédeas do Corpo. Para fechar o capítulo, o enfoque é sobre como o sábio se difere e se destaca na multidão, tendo autoridade para nos ensinar o caminho a ser percorrido.

¹⁰⁰ Cf. ESPINOSA, 2018, p. 425.

2.3 A sabedoria para Espinosa

Em vista da realidade passional e racional que envolve o universo humano, Espinosa difere o sábio do ignorante. Num primeiro momento, o sábio é aquele que por esforço de si mesmo distingue os afetos a partir do que eles lhes provocam, e por meio do entendimento racionaliza a sua realidade, fazendo a passagem do primeiro gênero de conhecimento para o segundo. Nessa passagem, ele abandona a vida imaginativa e procura dar à razão um lugar de destaque, trazendo à sua vida e à conexão que tem com os outros indivíduos e corpos, na Natureza, liberdade de pensamento e expressão favoráveis à construção de laços de amor e civilidade. O sábio, mesmo se ocupando de algumas experiências passionais, vence tantas outras, de modo que se torna mais apto à vida social, aos cuidados consigo mesmo. Se enxerga na totalidade de seu ser de forma a perceber melhor a sua realidade. Sua vida racional possibilita edificar os valores necessários à elaboração de conceitos, à preservação e à compreensão de sua existência, dando potencial para saberes mais aprofundados e próximos da verdade.

Assim pode-se descrever o sábio: 1. Indivíduo inclinado à vida racional; 2. Indivíduo crente e conhecedor de sua potencialidade e verdade; 3. Indivíduo que se tornou livre para pensar e se expressar sem contradizer a Natureza 3. Indivíduo que se vê como parte de um todo da Natureza e parte responsável pelo equilíbrio dela. O sábio, portanto, preserva sua singularidade, valoriza sua razão, defende a vida e o bem-estar de si e dos outros entes que o circundam e adquire consciência das ideias e causas que são adequadas à sua essência.

O sábio experimenta as paixões, porém está mais apto a refreá-las, embora tenha nascido ignorante das causas de seus afetos, assim como todos os seres humanos. Porém, ao se deparar com os efeitos das paixões, se faz atento. Diante dos encontros que a vida lhe proporciona, ele escolhe aqueles que lhes são úteis, realizando a passagem do conhecimento do primeiro gênero para o de segundo gênero, saindo da imaginação para a ação. A passagem a uma perfeição maior se dá por não se prender aos efeitos dos afetos e por buscar o entendimento de toda relação que o cerca. O sábio diminui o quanto pode sua dependência das causas externas e goza das coisas sem danos a si ou a outrem; ele se autorregula e considera a Natureza *apenas em si mesma*.

Quando já sábio, pode fazer a passagem ao mais alto grau de perfeição, o que raríssimas almas alcançaram, isso se levarmos em conta que alguns indivíduos conquistaram a santidade. Para Espinosa esse é o terceiro gênero de conhecimento, ou o conhecimento por intuição. Por uma simples observação do contexto atual, percebe-se que embora com todo avanço da Ciência, a Humanidade encontra-se em dificuldades extremadas diante dos signos imaginativos característicos dos grupos sociais humanos. Apesar de mentes brilhantes sempre existirem, o

acesso aos saberes mais lapidados é ainda um grande obstáculo. A partir desse ponto da pesquisa será explanada a filosofia espinosana nas circunstâncias políticas e sociais, de forma ilustrativa, de maneira que o leitor possa situar-se na contemporaneidade do nosso filósofo holandês e, claro, se procurará localizar toda essa universalidade da vida humana na questão central do nosso estudo: como a vida afetiva, sob o ponto de vista de Espinosa, é pertinente para se pensar a ética hoje.

Nas palavras de Espinosa, “Agir por virtude é agir sob a condução da razão e tudo aquilo que nos esforçamos para fazer [agir] pela razão é entender, e por isso o sumo bem daqueles que seguem a virtude é conhecer Deus, isto é, o bem que é comum a todos e que pode ser possuído igualmente por todos os homens enquanto são de mesma natureza” (E IV, Prop. XXXVI, Dem.) Assim, aceitar a determinação da natureza humana é o que conduz à vida sábia, que ao abrir espaço para a Mente agir compreende a intrínseca relação entre a realidade humana e a realidade da Natureza. A contemplação de si e da sua singularidade é a mesma que a contemplação da rede de ideias que tecem a existência e compõem um universo de distintos sob o mesmo teto e as mesmas leis.

Ao refletir a natureza das coisas o sábio reconhece o quanto os afetos interferem na duração da sua existência ou no tipo de existência que eles podem lhe proporcionar: alegre ou triste, ou mais triste que alegre, caso não faça uso da razão para refrear os afetos nocivos. Por isso, no início da parte IV da *Ética* destinada à força dos afetos, Espinosa infere: “*Chamo Servidão à impotência humana para moderar e coibir os afetos; com efeito, o homem submetido aos afetos não é senhor de si, mas a senhora dele é a fortuna, em cujo poder ele está de tal maneira que frequentemente é coagido, embora veja o melhor para si, a seguir porém o pior*” (E IV, Pref.)

O sábio de Espinosa é o que entende os afetos de acordo com o aumento e a diminuição da sua potência de pensar e de agir. Ele consegue se organizar buscando aquilo que o alegra sem que essa alegria o destrua. Quando o indivíduo se encontra apto a realizar a tarefa de organizar os seus encontros, ele é ação. Ação porque está agindo em prol da sua potência de ser. Portanto, o sábio é aquele que faz da sua experiência afetiva o encontro com os afetos ativos, movido pelo Desejo ativo. Uma vez consciente dos efeitos provocados pelos afetos e a consequência deles na sua existência, o sábio terá os recursos necessários (a racionalidade) para debruçar-se na vida reflexiva e direcionar o seu Desejo. Imerso em seu universo próprio, fará com segurança a distinção entre o que de fato é real e significativo a si mesmo e o que são os costumes, hábitos, normas, regras e leis fundadas sob a égide da ordem para se evitar a guerra,

da ideologia de grupos sociais dominantes para manterem seus privilégios e da religião para o controle das massas, de forma a saber lidar com estas questões com mais clareza.

O Desejo ativo, aquele que escolhe os melhores encontros e tem relação saudável com as coisas exteriores, refreia as paixões tristes a ponto de evitar a melancolia, gerando contentamento ou hilaridade, tornando o ser humano livre. Embora ninguém nasça livre na filosofia de Espinosa, no conceito habitual da palavra, porque está submetido às determinações da Natureza, o sábio pode vir a ser em sua essência, quando se volta para a necessidade de sua natureza, fazendo-se potencialmente o que ele, de fato, pode ser: dois **modos** da natureza perfeitíssima de Deus e, portanto, com aptidão para todas as coisas belas e boas de Deus. Daí a afirmação de Espinosa: “Eu disse ser livre aquele que é conduzido pela só razão; portanto, quem nasce livre e livre permanece não tem senão ideias adequadas...” (E IV, Prop. LXVIII, Dem.). Ideias adequadas movidas pela vontade de ir ao encontro da essência das coisas. A vontade é a Mente em busca do que lhe é útil ou do que lhe proporciona Alegria.

A questão será sempre em como manter-se livre, pois mesmo o sábio não está, em todo momento, isento de um descuido. Espinosa, no *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar* define a liberdade humana:

[...] é uma existência firme que nosso intelecto obtém por sua união imediata com Deus para produzir em si mesmo ideias e, fora de si mesmo, efeitos que concordem com sua natureza, sem que esses efeitos estejam submetidos a causas externas pelas quais eles possam ser alterados ou transformados.¹⁰¹

O homem sábio, sabendo daquilo que está em seu poder e das contingências do modo humano, é livre em seu ser e no conhecimento de Deus. Onde há o encontro entre a vontade, que é o intelecto humano buscando responder à sua essência, e a liberdade, que é agir em conformidade com sua natureza, sempre a partir da sua singularidade. No entanto, não ser prisioneiro das paixões e das contingências da vida humana é tarefa árdua, mesmo porque o mundo construído pela Humanidade, ainda com dizeres de progresso e racionalidade, está longe de ser um lugar onde o indivíduo se vê no direito e na dignidade de conduzir sua vida pelos ditames da razão. Como é o caso da esperança e do medo e à relação desses afetos com o amor e o ódio, ao nos mostrar o quanto é difícil não se tornar refém de certos afetos em sociedades de estruturas tão inseguras e pautadas em valores e esquemas que agridem a racionalidade e a dignidade humana.

O sábio busca insistentemente vencer a superstição, aqui colocada como resultado da vida dominada pelo medo e pela esperança, em oposição à natureza das coisas singulares e

¹⁰¹ ESPINOSA, 2014, p. 152.

vinculadas ao Desejo de riqueza, concupiscência e honra. Mas não significa que, de alguma forma ou em algum momento, não a vivencie, pois todos os seres humanos são partícipes das superstições, enquanto alguns jamais atingirão o patamar do conhecimento claro e distinto porque tem ou lhes faltam o mínimo a sobrevivência. O papel do sábio é não ser prisioneiro da esperança e do medo.

Sobre como a esperança e o medo influenciam a vida social e criam situações das quais o sábio precisa enfrentar e são utilizados estrategicamente, por determinados grupos sociais, para armar um cenário que implica em verdadeira guerra que o confronta, apresentaremos os riscos que os indivíduos enfrentam, segundo a filosofia de Espinosa, sem grande parte das vezes terem consciência. As superstições constituem o alicerce das opiniões que devastam a Humanidade. Pois vêm das superstições os males da espécie humana e somos presas fáceis porque, assim como alguns afetos, elas são causadas também acidentalmente.

Para Espinosa, “coisas que são, por acidente, causas de Esperança ou Medo, são chamados bons ou maus presságios” (E III, Prop. L, Esc.). Os afetos por acidente ocorrem quando a Mente é afetada, por exemplo, por dois afetos simultaneamente: um que não altera o seu *Conatus* e outro que aumenta ou diminui seu esforço de perseverar na existência. Assim, toda vez que ela for afetada por esse afeto neutro, será afetada de Alegria ou de Tristeza do outro afeto; por isso, este último será por acidente causa de Alegria ou de Tristeza. Quando as coisas são por acidente, causa de Esperança ou de Medo, serão tidas como presságios. Mas na verdade são recordações da Mente, de um afeto de Tristeza ou de Alegria, tornando esses presságios causas de amor ou de ódio pelas coisas.

Em relação a como o amor e o ódio atuam no indivíduo, é possível dizer que eles geram o Desejo para ter ou não as coisas que por acidente são causas de Alegria e de Tristeza, por perto, para conservá-las ou destruí-las, estimulando-as ou as discriminando além do necessário. Como explica Espinosa: “Disto se originam as Superstições com que os homens se defrontam em toda parte” (E III, Prop. L, Esc.). Logo, as flutuações do ânimo causadas pelo Medo e pela Esperança estão presentes tanto nos indivíduos quanto nas sociedades em que vivem esses indivíduos afetados pelos mesmos medos e pelas mesmas esperanças.¹⁰²

Desta forma, encontra-se o perigo para o nosso filósofo, pois o medo e a esperança são afetos utilizados facilmente para a dominação das Mentes. Sobre esta questão, Silva escreve: “Espinosa defende que se ensinem diretamente as virtudes, o bem agir, em substituição a esse empreendimento de domesticação baseado no medo. Esses ‘supersticiosos’ não são nomeados

¹⁰² Cf. ESPINOSA, 2018, p. 313-314.

por Espinosa, mas pela descrição dada; não é difícil apontar algumas figuras e mecanismos que nela se enquadram”¹⁰³. Está claro que para Silva, Espinosa alertava, à sua época, sobre os mecanismos de controle social que inibiam e, hoje, continuam a inibir a maioria esmagadora à liberdade de pensamento.

Trazendo Espinosa para a atualidade, Silva acrescenta à discussão: “Mais contemporaneamente, a justificativa para todos os dispositivos de controle a que estamos submetidos coloca em jogo, invariavelmente, o medo dos indivíduos e aponta para uma promessa de segurança”¹⁰⁴. O medo e a esperança são, muitas vezes, estrategicamente utilizados pelas religiões, pelos estados, pelas instituições e pelo mercado. A Humanidade constantemente se depara com inseguranças implantadas para que a lógica do mundo permaneça a mesma.

Outra virtude necessária ao sábio, que está relacionada a formas de dominação, é a sua relação com o Corpo e o entendimento de que ele deve ser explorado, conhecido e cultivado. Mas para isso é necessário não agir em função do medo, porque enquanto a cultura humana condena as coisas corpóreas, o sábio espinosano reconhece a utilidade do Corpo (já que a Mente sabe tudo o que se passa com o Corpo) para o desenvolvimento da intelectualidade e o bom uso da razão. Sobre isso, Silva contribui para a lógica Mente-Corpo:

A partir deste postulado, pode-se estabelecer uma regra prática para a vida que consiste em buscar nutrir o corpo sempre com “alimento novo e variado” para cada uma de suas partes, de modo a desenvolvê-las uniformemente, que resulta num florescimento da mente também. Assim sendo, é perfeitamente compatível com a sabedoria “usar das coisas e deleitar-se nelas (não até a náusea, pois isto não é deleitar-se)”¹⁰⁵.

Assim, o riso, a brincadeira, a leitura, a preguiça na rede, o filme, a pipoca, o beijo, o vinho e tantos outros prazeres carnavais são favorecimentos da potência de agir e de pensar voltados para o bem. A alegria, para Espinosa, estimula o Corpo, o amor enquanto afeto ativo e até querer dividir com o outro as belezas da vida, diminuindo a inveja, o ódio, a melancolia, o preconceito e tantas outras paixões tristes que são parte da perfeição da Natureza, não como sofrimento em vão, mas como experiência de compreensão das determinações da vida humana e fonte fecunda de recursos para o crescimento pessoal.

A vida fornece os nutrientes necessários a uma maior perfeição, conforme argumentos do próprio filósofo holandês:

A utilidade que extraímos das coisas que existem fora de nós, além da experiência e do conhecimento que adquirimos por observá-las e por mudá-las de forma, é

¹⁰³ SILVA, 2013, p. 47.

¹⁰⁴ SILVA, 2013, p. 47.

¹⁰⁵ SILVA, 2013, p. 49.

principalmente a conservação do corpo; por esta razão, as coisas mais úteis são aquelas que podem alentar e nutrir o Corpo para que todas as suas partes consigam cumprir corretamente suas funções. Pois quanto mais apto é o Corpo para poder ser afetado de múltiplas maneiras a afetar outros corpos exteriores de múltiplas maneiras, tanto mais apta é a Mente para pensar (ver Prop. 38 e 39 da parte 4) (E IV, Cap. XXVII)

Daí o empreendimento de Espinosa ao escrever a *Ética*. Assim, as coisas ditas do Corpo não constituem em si elementos que devam ser vistos como nocivos. A *Ética*, sobretudo a parte III, que aborda a Teoria dos Afetos, foi gerada para tais esclarecimentos, além de conter o caminho que acreditava o nosso filósofo ser percorrido para se chegar à autonomia do sujeito na sua vida privada, no seu papel de cidadão. As opiniões limitantes à experiência do Corpo, como é o caso da ideia do pecado, estão ligadas diretamente à relação esperança/medo/superstições.

Segundo Nadler (2011), em função dos esclarecimentos sobre a vida afetiva e sua relação com a sabedoria, a *Ética* é uma obra em que a liberdade é pautada na autonomia do ser humano. Para isso é preciso libertar-se das irracionalidades, como os afetos da esperança e do medo e das superstições acarretadas por eles. Assim ele argumenta:

À medida que o homem avança para uma maior racionalidade, para um entendimento adequado da natureza e do seu lugar nela, a potência dos afetos passivos diminui e ele se torna um indivíduo mais autônomo. O que ele faz deriva menos do modo fortuito como as coisas externas venham a acontecer, e mais da sua apreensão da verdade concernente ao mundo. O indivíduo livre descrito na *Ética* age a partir do conhecimento, não da emoção.¹⁰⁶

Esse indivíduo sábio é visto também como o cidadão guiado pela liberdade que à razão proporciona ao ser aquele que entende o seu lugar no mundo e na sociedade onde vive, donde se completa a *Ética* ao *Tratado Teológico-Político* que aborda o teológico-político pela perspectiva da liberdade racional para a construção de sociedades mais racionais e livres.

O sábio não imagina as coisas relacionadas à vida isoladas na Natureza, muito menos a sua vida social. Ele, por meio da razão, contempla todas as coisas relativas à vida considerando-as como parte do universo relacional oriundo do pensamento de Deus ou da Natureza e da extensão desse pensamento. Compreenderá que o que vem de Deus é perfeito em si mesmo, que ele é uma parte inteligente desse universo e, por isso mesmo, é capaz de se iluminar ao longo da vida. Na interpretação de Nadler, a obra *Ética* é

[...] primordialmente até, uma obra de filosofia moral. A metafísica, a teoria do conhecimento e a psicologia das partes I a III pavimentam o terreno para a argumentação de Espinosa sobre a liberdade e a virtude humanas e sobre o caminho para a felicidade. O objetivo de Espinosa é iluminar o que constitui o bem viver, como

¹⁰⁶ NADLER, 2011, p. 54.

alcançar algum grau de florescimento num universo determinístico que é indiferente à felicidade humana.¹⁰⁷

Espinosa, a partir da *Ética*, mostra como a realidade se confronta com o nosso esforço de se perseverar na existência e como a superstição, a opinião, os costumes e a tradição são forças exteriores contrárias à nossa felicidade. Nadler compreende que a virtude, para o nosso autor, é regida pela razão e não por dogmas e mitos presentes nas estruturas sociais que são erguidas, grande parte das vezes, pela ignorância ou pelo desejo de ignorância como meio de controle.

Scruton (2000), filósofo britânico, também comenta a obra *Ética* e a Teoria dos Afetos em seu livro *Espinosa* e contribui com algumas reflexões acerca do sábio espinosano. Ele argumenta que a sabedoria “requer, porém, arte e vigilância, pois os homens são mutáveis – são poucos os que vivem de acordo com os preceitos da razão – e, em geral, são invejosos e mais inclinados à vingança que à compaixão”¹⁰⁸. Essa vigilância é um esforço contínuo, uma vontade que merece expandir e buscar meios para que ela floresça por toda parte. Assim completa Scruton, com citação de Espinosa:

Por conseguinte, nós não temos um poder absoluto para adaptar ao nosso uso as coisas que estão fora de nós. Mesmo assim, nós suportaremos com equanimidade todas as coisas que nos acontecem e que são contrárias à nossa vantagem, desde que tenhamos consciência de ter feito o que devíamos e de que o poder que possuímos não poderia ter sido estendido a fim de evitá-las, e de que nós fazemos parte do todo da natureza, cuja ordem seguimos. Se compreendermos isso de maneira clara e distinta, então aquela parte de nós que é definida pelo entendimento – a nossa melhor parte – estará plenamente satisfeita e esforçar-se-á por preservar essa satisfação [...] Por conseguinte, na medida em que compreendemos essas coisas corretamente, o esforço da nossa melhor parte está de acordo com a ordem do todo da natureza.¹⁰⁹

O autor reforça que a potência e a virtude humanas são o pensamento e a liberdade, onde cada ser humano pode contribuir para o todo da Natureza com sua inexorável singularidade, acolhendo a sua melhor parte: a razão.

Daí segue que somos na Natureza uma parte dela com potencial de comungar com o perfeitoíssimo que ela é. Das utilidades do pensamento de Espinosa sobre a relação humana com Deus, ele cita no *Breve Tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*: “Todo o contrário é o que vemos agora, a saber, que dependemos do perfeitoíssimo, de tal maneira que somos como uma parte do todo, isto é, *Dele* mesmo; e por assim dizer, contribuímos em certa medida para a realização de tantas obras habilmente ordenadas e perfeitas que dependem dele”¹¹⁰. Donde

¹⁰⁷ NADLER, 2011, p. 39.

¹⁰⁸ SCRUTON, 2000, p. 43.

¹⁰⁹ SCRUTON, 2000, p. 44-45.

¹¹⁰ ESPINOSA, 2014, p. 127.

esse raciocínio remete ao início da pesquisa: a Natureza é a causa eficiente de tudo que julgamos construir e executar. Aquilo que acreditamos ser nosso livre-arbítrio, para Espinosa não passa de mera determinação de nossa natureza perfeita.

Diante de nossa essência tão bem delimitada que o pensamento de Espinosa julgou conhecer é que as paixões são consideráveis em sua significância. Assim, cita Espinosa :

Para tratar antes de tudo deste último ponto, como *se livrar das paixões*, digo que, se supomos que elas não têm outras causas além das que estabelecemos e se fazemos bom uso de nosso intelecto – e podemos lográ-lo muito facilmente, visto que possuímos uma medida da verdade e da falsidade – jamais sucumbiremos às paixões.¹¹¹

Logo, entende-se que em nosso ser temos um conhecimento claro e distinto do bem e do mal, do que é verdadeiro e do que é falso, e que cuidarmos do nosso Corpo e da nossa Mente nos permite conhecer a causa primeira dos afetos e das paixões, e o que nesse limite da nossa existência pode levar à nossa destruição e ao nosso favorecimento.

Ao esclarecer os modos em que consiste o ser humano, Espinosa (2014) explica resumidamente os graus de conhecimento da sua filosofia e mostra a diferença daqueles que estão na ignorância, dos que creem com o uso da razão (o sábio), e daqueles que, por seguirem o Pensamento de Deus, simultaneamente as determinações da Natureza, agem com santidade, através do conhecimento intuitivo.

1] Para começar o tratamento dos modos em que o homem consiste, diremos: 1. O que são; 2. Seus efeitos; 3. Sua causa. Com respeito ao primeiro ponto, comecemos por aqueles que primeiro nos são conhecidos, a saber, *alguns conceitos ou a consciência do conhecimento de nós e das coisas que estão fora de nós*. [2] Adquirimos esses conceitos. 1. Simplesmente por crença (que provém ou da experiência ou do ouvir dizer). Ou bem por uma verdadeira crença. Ou bem por intelecção clara e distinta.¹¹²

A saber, pelo modo como adquirimos conhecimento e recursos para lidar com os que já nascemos com eles, o primeiro contato que o ser humano tem com o conhecimento é quando a Mente busca entender a sua relação com o mundo; ela funciona imaginariamente e associa a causalidade natural às coisas exteriores e as agrupam por semelhança. À medida que ela ganha um pouco mais de consciência sobre essas causas, tem a crença na sua potência, elabora conceitos a partir do encadeamento dos fatos e das experiências, e a partir disso ajuda a construir o mundo dos humanos. Assim, ser humano, em ambiente propício, para Espinosa (2014) implica em produzir opiniões e palavras, em aprender com elas, refletindo-as, em colocar em

¹¹¹ ESPINOSA, 2014, p. 129.

¹¹² ESPINOSA, 2014, p. 92.

prática as conclusões das reflexões e, por fim, viver desfrutando de tudo que nossa natureza permite, com sabedoria e amor.

Donde o nosso filósofo raciocina:

Para entender mais claramente tudo isso, proporemos um exemplo tirado da regra de três: *Alguém somente ouviu dizer que se, de acordo com a regra de três, se multiplica o segundo número e o terceiro, e se divide então o total pelo primeiro número, se encontra um quarto número que tem como terceiro a mesma razão que o segundo tem com o primeiro.* Sem advertir que quem o ensinou podia ter mentido, esse alguém dirigiu suas ações de acordo com aquilo, sem ter mais conhecimento da regra de três do que um cego, da cor; e assim repetiu tudo que poderia ter dito a respeito como um papagaio repete o que lhe ensinaram. Um outro, de discernimento melhor, não se contenta com o ouvi dizer, mas busca verificação em alguns cálculos particulares, e, encontrando que esses cálculos estão em acordo, lhes dá sua crença. Porém temos motivo para dizer que esse modo está igualmente sujeito a erro; com efeito, que segurança tem de que a experiência de alguns casos particulares possa lhe servir como regra para todos?¹¹³

Aqui, temos duas maneiras de conhecer que resultam na opinião: o que conhece por ouvir dizer e o que crê por ouvir dizer e pela experiência. Cabe observar que a crença, para Espinosa, tem sentido voltado para a observação e verificação intelectual sobre os fenômenos, ou seja, ela advém da razão e consiste num estágio intelectual-reflexivo, onde a Mente analisa as respostas dadas pelo âmbito do raciocínio lógico-matemático, buscando a causa, e não se satisfaz com o “ouvir dizer”, ou senso comum. Uma vez a Mente afirmando a veracidade da resposta ou negando a mesma, já se encontra no segundo gênero de conhecimento e, por isso, tem mais realidade dos que se encontram presos na imaginação e mais próximo está também de Deus e suas verdades.

Um exemplo clássico, da modernidade, foi quando Galileu afirmou que a matemática era a linguagem da natureza e, mediante esse raciocínio, pode constatar que a Terra não era o centro do cosmos. E, mesmo negando a veracidade de sua descoberta diante do tribunal da Inquisição, sabia da ilusão que seus contemporâneos viviam. Provavelmente, sabia também o quanto os seres humanos são conduzidos por ventos contrários, que mais os perturbam do que contribuem, essencialmente, à suas vidas pessoais e sociais. Daí o dever de nos atentar para estratégias políticas que minam a capacidade lógica dos indivíduos, ou para estruturas sociais que limitam o acesso ao conhecimento de modo geral, impedindo que os indivíduos, por meio de outros saberes, tenham ambiente favorável ao exercício mental mais apurado.

Assim, visando formas mais precisas para conhecer, Espinosa aponta, com sua autoridade de sábio:

¹¹³ ESPINOSA, 2014, p. 93.

Um terceiro, que não se satisfaz com o ouvir dizer, porque pode enganá-lo, nem com a experiência, de alguns casos particulares, porque ela não pode ser uma regra, consulta a verdadeira razão, a qual jamais enganou a quem a usou bem. Esta lhe diz que, *de acordo com a propriedade dos números proporcionais, é assim e não poderia ser de outro modo.*¹¹⁴

Ele se refere à verdadeira crença, ou seja, a racionalidade que não engana e nem ilude, que está presente em todos nós e em que o sábio deposita credibilidade. Por fim, ele apresenta o sábio que, guiado pela razão, alcança o que ele considera a **beatitude**. “Mas o quarto, que tem o conhecimento mais claro, não precisa do ouvir dizer, nem da experiência, nem da arte de raciocinar, porque com sua intuição, enxerga imediatamente a proporcionalidade e todos os cálculos”¹¹⁵. Esse sábio contempla a si e à Natureza em si mesmos. Ele não imagina e não crê; ele alçou voo para além, como *Fernão Capelo Gaivota*, na literatura, como Jesus (se o cremos humano que conquistou o grau maior de perfeição) e como Buda na religiosidade.

O encerramento desta seção é destinado ao sábio recorrendo às estratégias que a Mente tem para vencer as paixões e construir os pilares que sustentam a razão, a estar e a permanecer no seu lugar de direito. É pela via racional que o ser humano se encontra, cada vez mais, ligado a Deus. É pelo entendimento que a experiência terrena ganha sentido e valor, e onde, de acordo com o que será apresentado no último capítulo da pesquisa, a Mente encontra adubos necessários à experiência em sociedade. O homem sábio não discrepa da natureza e nem tem em seu semelhante um inimigo; nele se encontra a gratidão pelo que a vida lhe oferece ao seu destino; ele busca o útil e tem nele sua maior virtude, porque compreende a potência de seu ser.

Finaliza-se, assim, o segundo capítulo, destinado aos afetos, com a seguinte proposição:

O sumo bem daqueles que seguem a virtude é comum a todos, e todos podem igualmente gozar dele. (E IV, Prop. XXXVI)

Agir por virtude é agir sob a condução da razão (*pela Prop. 24 desta parte*) e tudo aquilo que nos esforçamos para fazer [agir] pela razão é entender (*Pela prop. 26 desta parte*), e por isso (*pela Prop. 28 desta parte*) o sumo bem daqueles que seguem a virtude é conhecer Deus, isto é (*pela Prop. 47 da parte 2 e seu Esc.*), o bem que é comum a todos e que pode ser possuído igualmente por todos os homens enquanto são de mesma natureza. C.Q.D. (E IV, Prop. XXXVI, Dem.)

Daí a compreensão da racionalidade absoluta de Espinosa, pertencente à totalidade do real e, portanto, a totalidade do ser humano. Uma vez consciente do seu papel, o sábio encontra nos afetos o caminho para conhecer as paixões, a ponto de não se deixar levar por ideias que confrontam sua liberdade e fomentam o ódio, a inveja, a ira, que colocam os seres humanos uns

¹¹⁴ ESPINOSA, 2014, p. 93.

¹¹⁵ ESPINOSA, 2014, p. 93.

contra os outros, onde “Os ânimos, no entanto, não são vencidos pelas armas e sim pelo Amor e Generosidade”¹¹⁶.

3 A ÉTICA A PARTIR DA TEORIA DOS AFETOS

Até aqui a pesquisa buscou reunir elementos que possam contribuir para o entendimento do que representa a Teoria dos Afetos e sua correlação com a vida cognitiva. O objetivo, neste capítulo, é mostrar o valor da teoria de Espinosa para a discussão do *éthos* e, também, ratificar o imenso empreendimento de uma filosofia e de uma ética que fortaleçam a humanidade, aniquilando a “culpa” e os “malfeitos” que embutiram em nossa natureza, apresentada no livro III da *Ética*.

Ao discutir a ética a partir dos afetos em Espinosa, optou-se por estabelecer o diálogo entre Espinosa e Gilles Deleuze (1997, 2002). Serão utilizadas, para reflexão, as obras *Espinosa – Filosofia Prática* e o texto “As três éticas de Espinosa”, contido no livro *Crítica e Clínica*, de Gilles Deleuze. O filósofo francês considera a filosofia de Espinosa primeiro pela tese central de seu pensamento, a ideia da **única substância**; segundo, por suas teses implicarem numa tripla denúncia: da consciência, dos valores e das paixões tristes. Da consciência por ser tido como um materialista, dando ao Corpo lugar de destaque; dos valores, por desvalorizar a concepção tradicional de bem e mal, sendo, por isso, chamado de imoral, e a desvalorização de todas as paixões, dando lugar Alegria, sendo apontado, à época, como ateu.

A escolha de Deleuze pela reflexão da noção de ética em Espinosa, a partir da Teoria dos Afetos, é, precisamente, por ser ele um filósofo contemporâneo que se empenhou em lançar luz a questões não muito compreendidas na filosofia de Espinosa, principalmente no campo moral. Em segundo lugar, por existir uma estreita comunicação entre a filosofia do pensador francês e a do nosso pensador holandês: a ética da alegria e do encontro. Deleuze entrega à História da Filosofia, além de mais uma releitura da “maldição” imposta à filosofia de Espinosa, por ser mal analisada, um olhar generoso aos esforços do filósofo holandês de tentar proporcionar à vida humana, individual e sobretudo coletiva; um ato de alegria e de amor, resistindo a todas as formas de opressão contra a potência de afirmação dos seres humanos e seus ambientes, o que remete ao fundamento e constituição da sua leitura sobre a vida política.

É claro que se esse tema – ética da alegria e do encontro – é inerente aos dois filósofos; logo, pode-se considerar a grande influência do pensamento espinosano nas ideias deleuzianas e a divulgação de Deleuze do sistema espinosista. É importante para Deleuze essa aproximação,

¹¹⁶ ESPINOSA, 2018, p. 499.

não só pela sua visão historiográfica-filosófica, mas, inclusive, pelo olhar voltado para os seres e para as coisas que os circundam, por meio da ideia de univocidade, conceito central da filosofia de Espinosa, podendo dizer que tanto para um filósofo como para o outro o caminho para a compreensão dos valores que conduzem à vida humana parte da ideia de totalidade. Em sintonia com Marilena Chauí, outra grande intérprete, consultada ao longo da pesquisa, Deleuze compreende a filosofia de Espinosa mediante a isonomia entre a teoria, a experiência e a prática, chegando a classificar a filosofia espinosana como uma “filosofia prática”, que rompe paradigmas com a superioridade teórica.

Sabendo que Espinosa elabora conceitos e uma visão de mundo onde os afetos cotidianos e as experiências do dia a dia constituem o mapa rumo à vida ética e feliz, recorre-se à análise deleuziana do que seria a ética no sistema espinosista e de como são erguidas as barreiras que impedem os indivíduos de desfrutarem os valores úteis à vida, a partir dos três gêneros de conhecimento. É importante ressaltar que a epistemologia espinosana desemboca tanto na ética quanto na política, uma vez que o conhecimento somente faz sentido no todo da Natureza e no que diz respeito aos seres humanos, nos corpos sociais e na maneira como eles são organizados. Deleuze, a partir de suas análises, não deixará de fora o argumento político de nosso filósofo holandês.

3.1 Espinosa no olhar de Deleuze: a ética da alegria e dos afetos

Será estebelecido o diálogo entre Espinosa e Deleuze, no que concerne à ética, partindo da interpretação deste sobre a filosofia daquele como aquela que procura sentido na vida e não fora dela, distante da perspectiva de um lugar para os virtuosos, segundo preceitos religiosos. Será dada ênfase à relação entre os afetos e a razão, como demanda o tema. Serão comentados o entendimento e as ideias de Deleuze no que diz respeito à prática filosófica proposta por nosso filósofo holandês, através da intrínseca relação entre a ontologia e a epistemologia, caracterizadas pela união Corpo-Mente, e que as determinações naturais a que estamos submetidos, causadas pela imanência substancial, se expandem para as esferas constitutivas das sociedades. Sejam elas quais forem estão, na visão de Espinosa, na maneira como conhecemos as coisas e nos concatenamos com elas, via imaginação.

Uma vez esclarecidos os conceitos e as ideias de Espinosa acerca dos afetos e como eles são responsáveis por dar significado à vida humana, a proposta agora é mostrar, na prática, como a sua filosofia ajuda a pensar o indivíduo em si mesmo e em sociedade e, principalmente, a pensar novos modelos éticos que atendam as demandas da atualidade e nos ajudem a romper

com os signos, apropriando o termo deleuziano, que bloqueiam a racionalidade e cerceiam as mentes de liberdades, que venham enriquecer o universo humano. Escolhemos o Espinosa de Deleuze não só pela grandeza de sua filosofia, mas sobretudo pela sua leitura atualizada. O que desperta interesse é a sua contribuição à discussão da ética dos afetos e à reflexão da filosofia de Espinosa sobre os afetos, embora exista tantos outros aspectos que podem ser pensados e discutidos.

Nas palavras de Deleuze, “Há efetivamente, em Espinosa, uma filosofia da vida; ela consiste precisamente em denunciar tudo o que nos separa da vida, todos esses valores transcendentais que se orientam contra a vida, vinculados às condições e às ilusões da nossa consciência”¹¹⁷. E é sobre essa filosofia que será direcionado o enfoque, com a ajuda de Deleuze: o que são as ilusões, onde elas se encontram, como elas se formam, o que não é ilusão, como viver sem elas nos transformam em seres felizes, realizados e livres.

Gilles Deleuze fez questão de deixar explícito o amor à filosofia espinosana. Ele mesmo afirma: “Nenhum filósofo foi mais digno do que Espinosa [...]”¹¹⁸. Por essa admiração ele se inclina ao sistema espinosista, à prática da expressão, pela dinâmica imanente da **única substância**: seus atributos e modos. A ideia de univocidade em Espinosa é o traço fundamental para o filósofo francês ao pensar uma ontologia que tem a ética como prática; sua preocupação era, também, a de esclarecer os conceitos que julgava mal compreendidos e desmistificá-los, se fosse possível. Observe-se o excerto:

É nesse sentido que se pode apreender, por exemplo, a escrita de Deleuze, notadamente em sua tese complementar de doutorado sobre Espinosa, a partir de um duplo movimento cujos interlaces se efetuam de maneira quase indiscernível: ela pode ser lida como uma monografia que prefigura a futura tematização deleuziana da imanência, porque torna a expressão um conceito central que permite pensar a univocidade do ser de uma forma una, sem hierarquização, as determinações fundamentais de uma ontologia, de uma teoria do conhecimento e de uma teoria de uma ação política; mas, sob o ângulo, ela se mostra como audaz, embora sutil, subversão dos critérios canônicos de interpretação dos textos de Espinosa, ao propor retificar equívocos sobre o filósofo holandês, ainda que sob o risco de introduzir termos reconhecidamente ausentes, ao menos no sentido literal, na obra espinosana.¹¹⁹

A sua tese de doutoramento pode ser lida no livro *Espinosa e o problema da expressão*, onde o autor francês fortalece seus laços com Espinosa e deixa rastros do seu futuro como filósofo. Às vezes pode parecer que Deleuze se mistura à filosofia de Espinosa; às vezes pode parecer o jeito deleuziano de pensar seus autores; mas o que vemos é uma tentativa, como já

¹¹⁷ DELEUZE, 2002, p. 32.

¹¹⁸ DELEUZE, 2002, p. 23.

¹¹⁹ RIBEIRO, 2016, p. 212.

apontamos, de lançar luz aos apelos do nosso filósofo holandês: chamar a atenção para uma filosofia que possa ser aplicada no contexto em que se encontra o indivíduo.

O ponto de partida, inicialmente, é a proposta deleuziana de considerar o caráter materialista do nosso filósofo holandês, de forma atenta a outros valores, além dos transcendentais, que consistem na interpretação de Deleuze, um olhar mais apropriado para aquilo que Espinosa de fato tinha interesse em realizar.

Em Espinosa, é pelo Corpo que o espírito humano pode voltar-se para a essência das coisas e de si mesmo; os afetos vêm cumprir o papel de apresentar à razão o seu lugar no universo humano. Um lugar que as paixões tristes e os tormentos cotidianos – que trazem ressentimentos e ódios que afetam destrutivamente cada ser que no mundo habita, e no mais letal de todos eles, o ódio e o ressentimento contra si mesmo, – não ocupa. Um lugar onde a Alegria ativa traz os desejos que pertencem à razão, que nos qualificam como seres com sapiência para atuar em prol de nosso destino, imersos na perfeição da Natureza, atentos ao que o Corpo tem a nos ensinar com seu dinamismo inerente, interligado a todas as demais coisas de mesma e única Natureza por um sistema relacional de ideias e corpos que nos compõe de singularidade e de alteridade; e, mesmo que pareça controverso, de uma ética regulada pela individualidade, mas de uma individualidade entendida no pensamento de Espinosa e no seu sistema conceitual, tão rigorosamente trabalhado dentro da Natureza imanente. Portanto, não se trata de um individualismo no modelo contemporâneo. E é diante de tais pensamentos que Deleuze vai se empenhar, não só em compreender e interpretar Espinosa, como para se apropriar de algumas ideias que servirão de amparo à elaboração de seu próprio pensamento.

Deleuze (2002) analisa o sistema conceitual de Espinosa pelos três gêneros de conhecimento e percebe a desvalorização que o filósofo holandês faz do bem e do mal, da consciência e das paixões tristes em proveito do bom e do mau, do pensamento e da alegria. Mediante sua percepção, ele admite uma diferença em Espinosa entre a Moral e a Ética, ao descartar a Moral voltada para os valores transcendentais e se concentrar em teses práticas voltadas para a Ética, donde pode-se observar nesta passagem da *Ética*:

Quanto ao bem e ao mal, também não indicam nada de positivo nas coisas consideradas em si mesmas, e não são nada outro além de modos de pensar ou noções que formamos por compararmos as coisas entre si. Pois uma e a mesma coisa pode ao mesmo tempo ser boa e má e também indiferente. [...] E assim, por bem entenderei, na sequência, o que sabemos certamente ser meio para nos aproximarmos mais e mais do modelo de natureza humana que nos propomos. Por mal, porém, aquilo que certamente sabemos que nos impede de reproduzir o mesmo modelo. Ademais, diremos que os homens são mais ou menos imperfeitos enquanto aproximam-se mais ou menos desse modelo. (E IV, Pref.)

Deleuze (2002) sinaliza que Espinosa, tirando a ideia de bem e de mal, outrora vista nas coisas, e dando à natureza autonomia para encontrar os valores que lhes são úteis, a partir das experiências do Corpo, descarta a Moral (valores fora do indivíduo), e busca a diferença qualitativa dos modos de existência, desconstruindo a ilusão dos valores transcendentais. A posição de Deleuze pode ser averiguada na presente citação:

Eis pois que a Ética, isto é, uma tipologia dos modos de existência imanentes, substitui a Moral, a qual relaciona sempre a existência a valores transcendentais. À oposição dos valores (Bem-Mal), substitui a diferença qualitativa dos modos de existência (bom-mau). A ilusão dos valores forma uma unidade com a ilusão da consciência: porque a consciência é essencialmente ignorante, porque ignora a ordem das causas e das leis, das relações e suas composições; porque se contenta em esperar e recolher os seus efeitos, desconhece toda a Natureza.¹²⁰

A diferença qualitativa corresponde a como o Corpo irá se sentir: alegre ou triste, a partir de uma afecção, não existindo assim, tanto para o Corpo quanto para a Mente, uma relação bem/mal que não seja a maneira como o Corpo se compõe com as coisas. A Mente nem sempre é consciente das causas do que a afetou, donde Deleuze se refere às ilusões apontadas por Espinosa que atrapalham a Mente. A consciência não é composta de valores prontos, ela é a percepção do que alegra ou do que entristece a Mente e o Corpo. E o que alegra ou entristece o indivíduo é o que interfere na sua existência, daí a relevância da discussão: a distinção entre preceitos morais e valores éticos.

Deleuze compreende a ética espinosana como um sistema que torna inseparável a teoria da prática, e é pela Teoria dos Afetos que a ética espinosana desponta através de uma etologia na sua visão: “A ética de Espinosa não tem nada a ver com uma moral, ele a concebe como uma etologia, isto é, como uma composição das velocidades e das lentidões, dos poderes de afetar e de ser afetado nesse plano de imanência”.¹²¹ Quando Deleuze se refere ao plano da imanência, ele entende que há aí uma relação com as leis da Natureza no ato de afetar e ser afetado e o quanto isso compõe ou decompõe o indivíduo e o constitui, tornando-o lento ou ágil nas questões da vida. Essa composição é como uma relação química entre as coisas exteriores e como o Corpo reage quando entra em contato com elas.

Deleuze acrescenta: “Definiremos um animal, ou um homem não por sua forma ou por seus órgãos e suas funções, e tampouco como sujeito: nós o definiremos pelos afetos que ele é capaz”.¹²² Por isso, o filósofo francês entende que a ética dos afetos de Espinosa não passa pelo campo da Moral; ela rompe, definitivamente, com a metafísica da transcendência, com o

¹²⁰ DELEUZE, 2002, p. 34.

¹²¹ DELEUZE, 2002, p. 130.

¹²² DELEUZE, 2002, p. 129.

dualismo substancial cartesiano, apresentando um novo modelo de Corpo sem qualquer relação de hierarquia com a Mente. Este é, portanto, o retrato da filosofia de Espinosa para Deleuze: a consideração do papel do Corpo nos gêneros de conhecimento que articulam os termos ontológicos às questões éticas.¹²³ Para o filósofo francês, “A tríade expressiva ou completa”¹²⁴: um modo singular, afecção; *Conatus* tem seu sentido apenas na concatenação necessária dos efeitos dos atributos da substância, que tem sua causa na imanência, sem qualquer finalidade moral. Ela é a afirmação da relevância do Corpo para a produção de saberes, que respeita uma ordem causal ao seu efeito, mais pela expressão de Deus do que pela expressão do ser humano, dando a entender que a harmonia está na ordem e na posição necessárias a cada essência singular na totalidade.

Resumindo, o Corpo, ao estar em atrito com outro Corpo, tem uma reação que lhe provoca um efeito que aumenta sua potência ou o deixa mais impotente; isto só ocorre porque o Corpo é estritamente relacional, por ser parte extensa da Natureza; ele é físico e vive da ordem das leis físicas, donde Deleuze (2002) usa os termos “compor” ou “decompor”. Deleuze demonstra que para Espinosa este é o ponto de partida dos valores que devem nortear a vida humana e que esses valores são parte de um encadeamento da própria Natureza, que se faz por meio da expressão. A substância exprime suas qualidades, que se exprimem também, gerando os efeitos, que são os **modos**: formas de pensar e formas de sentir. Portanto, o **modo** humano também seguirá dessa conexão de expressões; logo, o que é bom ou mau não está em outro lugar que não seja na relação que as coisas da Natureza estabelecem, mais próximas ou mais distantes de suas realidades, físicas e mentais, no tempo de sua existência.

Daí as exigências que a vida imaginativa (corpórea) impõe ao sujeito: ser ativo (veloz, sagaz, inteligente) ou ser passivo (lento, alienado, dominado pelo discurso hostil da maioria). Espinosa coloca o afeto no centro do sujeito: ele determina o que ele pensa, como ele age, que vida leva, e é daí que Deleuze explora seu pensamento para a compreensão da vida ética.

Diante do cenário que a Natureza coloca o ser humano (afetar e ser afetado), Deleuze aponta em Espinosa uma noção de bem e de mal como modos de pensar pautados no que é útil ou não à potência de ser de cada indivíduo, ou seja, cabe ao *Conatus* definir o que agrega ou não à existência do Corpo e da Mente. Conforme esclarece Deleuze:

O bom e o mau são duplamente relativos: um diz-se em relação ao outro, e ambos em relação a um modo existente. São estes os dois sentidos da variação da potência de agir: a diminuição desta potência (tristeza) é má, o seu aumento (alegria) é bom (E; IV, 41). Objetivamente, é bom o que aumenta ou favorece a nossa potência de agir, e

¹²³ Cf. RIBEIRO, 2016, p. 224.

¹²⁴ DELEUZE, 2002, p. 197.

mau, o que a diminui ou impede; não conhecemos o bom e o mau a não ser pelo sentimento de alegria ou tristeza de que estamos conscientes (IV, 8). Como a potência de agir é o que possa ser afetado de um maior número de maneiras (IV 38); ou então aquilo que mantém a relação de movimento de repouso que caracteriza o corpo (IV, 39). Em todos estes sentidos, o bom é o útil, e o mau, o nocivo (IV, def. 1 e 2). Mas o importante é a originalidade desta concepção espinozista do útil e do nocivo.¹²⁵

Portanto, Deleuze vem dizer que o bom e o mau, em Espinosa, substituem o bem e o mal, porque os valores não estão nas coisas em si; estão na maneira como elas compõem o Corpo humano ou o decompõem. E essa composição ou decomposição é o que leva o Corpo à lentidão ou ao movimento, dando a ele potência (Alegria) ou impotência (Tristeza).

Até aqui, constatou-se que para Deleuze (2002) há uma diferença para Espinosa entre a Moral (valores pré-estabelecidos) e Ética (valores refletidos). Porque apenas pela experiência do Corpo é que se pode chegar a uma conclusão do que é verdadeiramente benéfico ao ser humano. No entanto, para ter o *status* de Ética é necessário que a Mente trabalhe junto ao Corpo, sendo este um processo que requer um esforço intelectual, onde entra no **modo** humano o Pensamento.

Deleuze afirma que “Em Espinosa a vida não é uma ideia, uma questão de teoria. Ela é uma maneira de ser, um mesmo modo eterno em todos os atributos”¹²⁶. Ou seja, a vida só é compreendida pelo pensamento, por isso a escolha do método geométrico pelo nosso filósofo holandês, da busca das causas para se chegar a uma resposta. Ele enxerga a possibilidade que a filosofia de Espinosa dá: ver a vida além das aparências, das paixões, do medo da morte. Por isso o conceito de virtude em Espinosa tem um outro sentido: a virtude é pensar; e tudo o que é útil à vida humana, é útil ao que a preserva. A ideia de preservação das coisas e dos seres é fundamental para Espinosa.

Daí, na concepção de Deleuze, Espinosa tomar o Corpo como modelo para a Mente conhecer; é o que ele chama de desvalorização da consciência em proveito do pensamento. Onde ele afirma: “Trata-se de mostrar que o corpo supera o conhecimento que se tem dele, e que o pensamento nem por isso deixa de ultrapassar a consciência que dele se tem”¹²⁷. Tem coisas na Mente que não temos clareza, porque tem coisas no Corpo que não conhecemos. Sem adentrar a discussão entre paralelismo ou simultaneidade, Deleuze (2002) interpreta o movimento uno do Corpo e da Mente, na filosofia espinosana, da seguinte forma: procuramos o conhecimento da potência do Corpo para paralelamente descobrirmos a potência da Mente,

¹²⁵ DELEUZE, 2002, p. 60.

¹²⁶ DELEUZE, 2002, p. 19.

¹²⁷ DELEUZE, 2002, p. 24.

de forma que podemos comparar o efeito sentido pelo Corpo ao se relacionar com outro Corpo: afeto e as ideias na Mente produzidas por esse afeto.

A consciência aparece no momento que o *Conatus* sofre uma alteração, aumenta ou diminui. O ser humano sabe quando está alegre e quando está triste; no primeiro caso, quando um Corpo se compõe com o nosso deixando-o mais potente, e no segundo quando há um processo de decomposição que diminui nossa potência. A consciência, portanto, recolhe unicamente os efeitos das relações entre os corpos. Apenas o pensamento pode conhecer a causa da Alegria ou da Tristeza. Daí Deleuze (2002) dizer que em Espinosa a consciência é o lugar da ilusão, porque ela adquire uma parte da realidade, o que acontece ao Corpo no ato do atrito (Alegria ou Tristeza). Já pelo pensamento é possível conhecer as leis complexas da natureza, a ordem das causas.

A consciência, afirma Deleuze, “recolhe os efeitos sem saber as causas”¹²⁸. Assim, somos conscientes de nossa Alegria, mas não sabemos ao certo o que a causa, onde tomamos como que presentes corpos externos ao nosso, tomando o outro como a causa da alegria, o que é uma ilusão. Para Deleuze (2002), Espinosa já indicava a descoberta do inconsciente, mas do inconsciente do pensamento, e do desconhecido do corpo. “Em suma, as condições em que conhecemos as coisas e tomamos consciência de nós mesmos condenam-nos a *ter apenas ideias inadequadas*, confusas e mutiladas, efeitos distintos de suas próprias causas”¹²⁹. O inconsciente do pensamento é uma causa desconhecida ou parcialmente conhecida que nos bloqueia e limita, que tem relação direta com o desconhecimento do Corpo.

Pode-se recorrer a Espinosa (2018) no que se refere à vida afetiva para ilustrar o que Deleuze quis apontar sobre as ideias de Espinosa acerca do papel do Corpo no processo do conhecimento:

Por isso são dadas tantas espécies de Alegria, Tristeza, Amor, Ódio, etc. quantas são as espécies de objetos pelos quais somos afetados. Ora, o Desejo é a própria essência ou natureza de cada um, enquanto concebida determinada a fazer [agir] algo por uma dada constituição sua, seja qual for (*ver Esc. da Prop. 9 desta parte*); logo, conforme cada um é afetado por causas externas com esta ou aquela espécie de Alegria, Tristeza, Amor, Ódio, etc; isto é, conforme sua natureza é constituída desta ou daquela maneira, assim seu Desejo diferirá da de outro tanto quanto diferem entre si os afetos de que cada um se origina. Portanto, dão-se tantas espécies de Desejo quantas são as espécies de Alegria, Tristeza, Amor, etc. e, conseqüentemente (pelo já mostrado), quantas são as espécies de objetos pelos quais somos afetados. (E III, Prop. LVI, Dem.)

Diante da infinidade de afetos aos quais estamos submetidos, nosso Desejo ou nossa essência vai se direcionando para aqueles afetos que nos colocam em ação perante as

¹²⁸ DELEUZE, 2002, p. 25.

¹²⁹ DELEUZE, 2002, p. 25.

adversidades da vida. Entretanto, para a grande maioria de nossas ações, sequer sabemos o que de fato nos move ou paralisa. São tantos os desejos que ilusoriamente supomos ser escolhas nossas, mas que nada mais são do que determinações de nossa natureza ir em busca das alegrias que nos potencializam. Deleuze alerta que até para a consciência Espinosa tratou de dar uma causa: o Desejo é o apetite que dele temos consciência, o que faz as coisas se tornarem boas porque a desejamos e não as desejamos porque elas são boas.

A desvalorização da consciência é a forma como Deleuze (2002) aponta a contribuição de Espinosa no campo da ação humana, como o nosso filósofo holandês vai além do que cremos à primeira vista na compreensão do comportamento humano. Há, portanto, em Espinosa, forças ocultas ao nosso saber que impulsionam ou retardam nossa jornada rumo ao conhecimento, e elas são muito mais propensas a imobilizar os indivíduos em uma existência incompleta e, acima de tudo, mais infeliz quando não dão às questões do Corpo sua devida relevância, pois vem dele o sinal para o que de fato é bom ou ruim.

Sobre a desvalorização de todos os valores e sobretudo do bem e do mal, o que deu a Espinosa, em seu tempo, o adjetivo de “imoral”, Deleuze explica: “Espinosa insiste com obstinação: todos os fenômenos que nós agrupamos sob a categoria do Mal, tais como as doenças e a morte, são deste tipo: mau encontro, indigestão, envenenamento, intoxicação, decomposição de relação”.¹³⁰ O filósofo francês analisa como em Espinosa os valores ganham outro sentido, o que favorece a vida e o que não a favorece. O que pode parecer superficial, se não conhecermos a fundo o pensamento de Espinosa.

Donde Deleuze acrescenta à discussão:

E conseqüentemente, bom e mau têm um segundo sentido, subjetivo e modal, qualificando dois tipos, dois modos de existência do homem: dir-se-á bom (ou livre, ou razoável, ou forte) aquele que se esforça, enquanto persiste em si mesmo, por organizar os encontros, por se unir ao que convém à sua natureza, por compor a sua relação com as relações combináveis, e, através disso, se esforça por aumentar a sua potência. Dir-se-á mau, ou escravo, ou fraco, ou insensato, aquele que vive ao acaso dos encontros, que se contenta em sofrer os efeitos, mesmo quando se lamenta e acusa, sempre que o efeito sofrido se mostra contrário e lhe revela a sua própria fraqueza.¹³¹

Essa desvalorização dos valores, de acordo com Deleuze (2002), também pode ser vista pela negação dos preceitos e afirmação das composições corpóreas que atendem à essência humana: o que é bom é uma percepção interna, não é determinado fora do sujeito; é determinado, inclusive, por todos os pequenos corpos que o formam, para no pensamento daquele que é livre se articular em ideias generosas com seu ser, equilibrando-se, fortalecendo-

¹³⁰ DELEUZE, 2002, p. 28.

¹³¹ DELEUZE, 2002, p. 29.

se em harmonia com os outros seres da sua cadeia relacional e atrelando a noção de liberdade e de escravidão à posição do sujeito diante dos encontros que a vida lhe obriga a ter.

Neste segundo sentido se encontra o ponto fundante da Teoria dos Afetos: descobrir, pelos afetos, o que compõem e o que não compõem cada indivíduo na duração de sua existência, permitindo a ele escolher seus melhores encontros. Esses valores não podem ser transferidos de um ser humano ao outro, porque vai de acordo com a composição de cada ser; o que os une e forma um valor global é a essência mesma de cada um, que se compõe com a **única substância** e a sua perfeição. Assim, se diz livre do indivíduo que dá conta de organizar seus encontros de acordo com que é útil ao seu Corpo e à sua singularidade e servo ou escravo o indivíduo que, desatento à sua vida e aos ditames de seu Corpo e de sua essência, deixa-se levar por valores que destoam da sua verdade. Deleuze (2002) adverte que é aqui que Espinosa lança luz à ética da alegria, quando compreende que o bem e o mal são esclarecidos pela autonomia de pensamento do sujeito.

Por enfatizar a Alegria como o meio de combater a servidão ou escravidão, no entendimento de Deleuze (2002) Espinosa propõe a desvalorização de todas as paixões tristes em detrimento dos afetos ativos. Valorizar os afetos e elevá-los ao patamar de virtude foi demasiado atrevido, tanto que rendeu a Espinosa o título de ateu. De acordo com Deleuze, essa crítica está totalmente estruturada na Teoria dos Afetos:

É o conjunto dessa teoria das afecções que estabelece o estatuto das paixões tristes. Sejam elas quais forem, justifiquem-se como se justificarem, representam o grau mais baixo de nossa potência: o momento em que estamos separados ao máximo de nossa potência de agir, altamente alienados, entregues aos fantasmas da superstição e às mistificações do tirano. A *Ética* é necessariamente uma ética da alegria: somente a alegria válida, só a alegria permanece e nos aproxima da ação e da beatitude da ação.¹³²

Todo o caminho traçado por Espinosa em sua obra magna e nas obras complementares tem como intuito mostrar que é completamente viável nos afastarmos dos maus encontros e alcançarmos o máximo de paixões alegres, uma vez que nosso Corpo indica o que nos alegra e o que nos entristece, o que nos potencializa e o que nos torna impotentes diante da vida. Conjuntamente, isto é, em sociedade, se afastar das paixões tristes é o mesmo que resistir, recorrendo à razão, às superstições que fortalecem o tirano, governo dos impotentes, e enfraquecem os cidadãos. Essa é uma forma de demonstrar como os afetos interferem diretamente na vida política e nas formas de organizações sociais.

¹³² DELEUZE, 2002, p. 34.

As paixões tristes que dominam os indivíduos em condição de servidão, assinaladas por Espinosa, na leitura de Deleuze (2002) nada mais são do que signos de impotência. Esses signos estão por toda parte nas culturas, nas religiões e nos estados, prontos para coibirem os indivíduos; por isso há um nexo entre a teoria e a prática, porque há uma conexão necessária entre as coisas do mundo e as ideias na Mente. Deleuze diz que os signos (as paixões) têm seus sentidos, que são voltados ao processo de inadequação das ideias. Assim explica Deleuze: “A unidade de todos os signos consiste no fato de que formam uma linguagem essencialmente equívoca e de imaginação, a qual se opõe à linguagem natural da filosofia, feita de expressões unívocas”.¹³³ Os signos são ideias inadequadas, desprovidas de clareza, como são as ideias formadas pela razão.

Sobre o signo, Deleuze (2002) explica que eles têm vários sentidos. Para ele, o sentido do signo está relacionado às maneiras como eles se apresentam, ou à maneira como ele os pensa, remetendo à geometria quando se trata de grandezas, aumento ou diminuição do *Conatus*, sempre em sentidos e direções que podem ser opostas: Alegria ou Tristeza. E à biologia quando se trata do estado do corpo no momento da afecção. “Num primeiro sentido, o signo é sempre a ideia de um efeito captado em condições que o separam das suas causas.”¹³⁴ Ora, Espinosa já dizia que o que separa o objeto da causa são as paixões; elas constituem a problemática que envolve o processo do entendimento, não uma problemática em si mesma, mas necessariamente em condição de ser ultrapassada, uma etapa a ser vencida na existência. É neste sentido que Deleuze irá destacar que as questões morais em Espinosa não são puramente teóricas; elas encarnam personagens. Ele afirma que “A *Ética* traça o retrato do homem do ressentimento”¹³⁵, isto é, dominado pelas paixões. Esse homem do ressentimento é aquele extremamente preocupante e quase sempre aparece na figura do tirano, pois contamina de ilusão os que põem sob si. Ele entende as relações pelo poder.

O que Deleuze intenciona quando trata a filosofia de Espinosa como uma desvalorização das estruturas das sociedades humanas, formadas até aqui, é se colocar junto a Espinosa nessa denúncia de uma falsificação da realidade. Para o filósofo francês, Espinosa preocupou-se com o mundo dos signos ao criticar abundantemente os equívocos dos seres humanos a respeito da vida e de si mesmos, levando essa inadequação às organizações políticas. Sua proposta acerca da filosofia de Espinosa passa pelo estudo dos signos imaginativos mantenedores da ordem social, conforme podemos verificar no excerto:

¹³³ DELEUZE, 2002, p. 113.

¹³⁴ DELEUZE, 2002, p. 111.

¹³⁵ DELEUZE, 2002, p. 31.

Espinosa segue passo a passo o terrível encadeamento das paixões tristes: em primeiro lugar a própria tristeza, a seguir o ódio, a aversão, o escárnio, o temor, o desespero, o **morus conscientiae**, a piedade, a indignação, a inveja, a humildade, o arrependimento, a humilhação, a vergonha, o desgosto, a cólera, a vingança, a crueldade... A sua análise vai tão longe que, até na **esperança** e na **segurança**, acaba por encontrar esse grãozinho de tristeza que as converte em sentimentos escravos. A verdadeira cidade deve então propor aos cidadãos o amor a liberdade mais do que a esperança das recompensas ou mesmo a segurança dos bens, uma vez que “é aos escravos e não aos homens livres que se dão as recompensas pela sua boa conduta”¹³⁶

A vida, no pensamento de Espinosa, é para Deleuze uma maneira de ser, relativa ao método geométrico que busca na causa a razão de ser, sendo indissociável a ciência da natureza. Daí a Teoria dos Afetos ser uma ciência da Mente-Corpo. O objetivo dessa ciência é a transformação individual e coletiva da situação de impotência, fase dos signos (primeira etapa do entendimento para a liberação da Mente) para a liberdade fundada na potência de pensar e agir. O caráter político de Espinosa se desponta, na percepção de Deleuze, no desmascaramento das ordens fundadas em deveres, que nada servem ao cidadão a não ser a sua servidão, para atender aos domínios dos que comandam pelas paixões tristes.

Em outros sentidos dos signos, Deleuze diz que este é o efeito do afeto, porém, sem muita compreensão por parte do indivíduo, isto é, o primeiro sentido é a afecção e o segundo é alteração que essa afecção gera no Corpo e na Mente. “Por exemplo, Deus revela a Adão que o fruto o envenenará, porque agirá sobre o seu corpo decompondo a sua relação”¹³⁷. Neste caso, Adão, por ignorância, assimila essa decomposição como uma proibição, sem conhecimento do efeito que o fruto pode causar em si. Isso ocorre quando, nas muitas paixões tristes que afetam a Humanidade, não se relaciona corretamente a sua causa e criam-se assim mandatos e ordens morais que comprometem a noção de lei embasada em elementos racionais, avaliados assertivamente ou próximos disso. As leis de princípios teológicos são exemplos históricos, fundadas nas proibições, condenações e pecados criados mediante ignorância das causas da existência, dos sentimentos, dos desejos característicos da condição humana.

Assim, o signo imaginativo, no primeiro sentido, é a ideia de um efeito captado: nele o que há é um efeito de mistura entre os corpos. Segundo Deleuze (1997), esses signos são **indicativos**. O segundo sentido do signo é a causa do afeto sem compreensão da natureza dela, signos **abstrativos**, donde surge a lei moral sob a égide da obediência, que oculta o conhecimento de sua existência, chamados de signos **imperativos**. No terceiro sentido o signo “é o que garante de fora essa ideia desnaturada da causa ou esta mistificação da lei”¹³⁸, sendo

¹³⁶ DELEUZE, 1970, p. 38.

¹³⁷ DELEUZE, 1970, p. 128.

¹³⁸ DELEUZE, 2002, p. 113.

eles efeitos das superstições. Estes signos são **interpretativos** e geralmente são apresentados como uma revelação pelos profetas, mas são sempre construídos mediante opiniões. Para Deleuze (1997), neles constituem os índices sensíveis, os ícones lógicos, os símbolos morais e os ídolos metafísicos.

3.1.1 O bom e o mau e o papel dos signos

Para entender como a Mente pode se relacionar com os signos, mostraremos o lugar das paixões e da razão (embora a paixão seja o meio que se chegue ao conhecimento). O que fica compreendido é que, para o filósofo holandês, o Corpo é o objeto da Mente para se expressar ativamente, graças à condição psicofísica do ser humano, conforme está escrito nas definições na parte III da *Ética* II: “O Corpo humano pode padecer muitas mudanças, retendo, contudo, as impressões ou vestígios dos objetos (*sobre isso, ver Post. 5 da parte 2*) e, conseqüentemente, as mesmas imagens das coisas *sobre cuja Def; ver Esc. Prop. 17 da parte 2*” (E III, Post.). Essa relação inexorável que Espinosa aponta da vida humana tanto pode compor como decompor as partes constituintes de nossa natureza, podendo ser criadas ideias mais ou menos próximas da verdade do que somos, nos tirando da situação de impotência ou nos afundando nela. E é falando sobre isso que Deleuze escreve:

Quando um corpo “encontra” outro corpo, uma ideia, outra ideia, tanto acontece que as duas relações se compõem para formar um todo mais potente, tanto que um decompõe o outro e destrói a coesão das suas partes [...] Mas nós, como seres conscientes, recolhemos apenas os efeitos dessas composições e decomposições: sentimos alegria quando um corpo se encontra com o nosso e com ele se compõe, quando uma ideia encontra com nossa alma e com ela se compõe; inversamente sentimos tristeza quando um corpo ou uma ideia ameaça nossa própria carência.¹³⁹

Deleuze fala de algo que pode-se entender como o princípio da noção de ética em Espinosa, onde não encontramos nenhum sentido de bem e mal, como nos termos habituais, mas sim um sentido de “bom” e “mau” a partir do que nos compõe ou potencializa, ou seja, acrescenta e aumenta nosso *Conatus*, e do que nos decompõe, ausência de potência ou diminuição dela, que deixam os indivíduos mais carentes do que completos.

Segundo Deleuze (2002), o sentido de bem e mal está, na filosofia de Espinosa, nos estados em que os Corpos se encontram no instante das relações afetivas ou mediante algum tipo de memória. No que se refere ao estado dos Corpos, Deleuze afirma:

As afecções dadas de um modo são, portanto, de dois tipos: estados do corpo ou ideias que indicam esses estados. Variações do corpo ou ideias que envolvem essas

¹³⁹ DELEUZE, 2002, p. 25.

variações. As segundas se encadeiam com as primeiras, variam ao mesmo tempo: podemos adivinhar como é que nossos sentimentos, a partir de uma primeira afecção, se encadeiam com nossas ideias, de maneira a preencher, a cada instante, todo nosso poder de ser afetado.¹⁴⁰

Portanto os efeitos sentidos pelos corpos através das afecções alteram seus estados, mais alegres ou menos alegres, mais potentes ou menos potentes, assim como alteram suas ideias, mais perfeitas ou menos perfeitas. Esse encadeamento é o que determina as virtudes. Será uma virtude todo afeto que seja compatível com a Alegria do sujeito e com o aumento do seu *Conatus*, produzindo ideias adequadas com a realidade da Natureza.

Daí a discussão proposta por Deleuze do que seria o bom e o mau em Espinosa:

O bom existe quando um corpo compõe diretamente a sua relação com o nosso e, com toda ou com uma parte de sua potência, aumenta a nossa. Por exemplo, um alimento. O mau para nós existe quando um corpo decompõe em relação do nosso, ainda que se componha com as nossas partes, mas sob outras relações que aquelas que correspondem à nossa essência: por exemplo, como um veneno que decompõe o sangue.¹⁴¹

No texto, pode ser visto como o bom e o mau estão no que convém e não convém à natureza humana. Aquilo que pelo exterior adentra o Corpo e interfere nas partes que o compõe. Cada parte reflete as impressões dessa afecção; essa ação exterior pode ou não decompor o Corpo, pode ser destrutiva mas também pode ser extremamente benéfica. Esse é o funcionamento da relação Corpo/afeto, uma vez que a Mente irá, de alguma maneira, interpretar essa relação de forma adequada ou inadequada. E diante do que ela imaginar ou pensar a vida poderá ser preservada ou aniquilada.

Contudo, para Deleuze, há outra forma de analisar o bom e mau no pensamento espinosano. Pode ser dito bom todo aquele que se empenha em reunir para si os melhores encontros, aqueles que lhe causam o afeto da Alegria, pois segundo o nosso filósofo contemporâneo, em Espinosa “a bondade tem a ver com o dinamismo, a potência e a composição de potência”¹⁴², sendo dito mau aquele que se deixa escravizar pelos afetos passivos, que promove a impotência e é causador de ódios e ressentimentos, seja consigo mesmo, seja com o próximo. Observe-se que o mau não segue um conceito moralizador, mas revela-se, muito mais, como uma negação da potência humana que impede o indivíduo de ser a sua melhor versão, de se amar e contentar-se mais.

¹⁴⁰ DELEUZE, 2002, p. 149.

¹⁴¹ DELEUZE, 2002, p. 28.

¹⁴² DELEUZE, 2002, p. 29.

Mas como esse indivíduo se enche de ressentimento? Deleuze alerta que na filosofia de Espinosa “o mau é quando partes extensivas que nos pertenciam sob uma relação são determinadas do exterior a entrar sob outras relações”¹⁴³. Seria como um envenenamento que decompõe partes de nosso Corpo. O mau é também “quando uma afecção nos toca ou excede nosso poder de ser afetado”¹⁴⁴. Isso significa que nosso poder de ser afetado foi destruído e a autoafecção, necessária à Alegria ativa, que coloca o indivíduo diante de sua própria essência, é negligenciada. Desta forma o indivíduo perde a capacidade crítica e elabora sua relação com o mundo, negando as potencialidades humanas. Portanto, da mesma forma que somos envenenados podemos envenenar, podemos destruir o poder de ser afetado de outros. É neste sentido que Espinosa, ao combater as paixões tristes, denuncia as personagens que não cessam de produzi-las, impedindo que sociedades mais livres se expandam.

Buscando elementos para análise desses personagens, Deleuze explica:

Espinosa, em toda sua obra, não cessa de denunciar três espécies de personagens: o homem das paixões tristes, o homem que explora essas paixões tristes, que precisa delas para estabelecer seu poder; enfim, o homem que se entristece com a condição humana e as paixões do homem em geral (que tanto pode zombar como se indignar, essa mesma zombaria constitui um mau risco). O escravo, o tirano e o padre ...trindade moralista.¹⁴⁵

Sobre as personagens das paixões tristes, Deleuze diz que depois de Epicuro e Lucrécio ainda não havia se mostrado melhor o vínculo existente entre os tiranos e os escravos ¹⁴⁶. Nesse tipo de relação o que é comum é a forma do tirano de enganar os indivíduos sob o disfarce da religião, pelo temor imposto a eles de qualquer tipo de retaliação divina, donde os escravizados lutam por suas vidas na escravidão. E o escravizado ou o servo adquire tal atitude em função do quanto estão dominados pelas paixões tristes, tão bem trabalhada por essas personagens. Os seres humanos confundem a sua escravização com sua libertação; é uma inversão de valores profundamente alicerçada, capaz de adormecer almas por uma vida ou gerações inteiras.

Deleuze explica como o tirano precisa da Tristeza dos demais indivíduos:

É que a paixão triste é um complexo que reúne o infinito dos desejos e a confusão da alma, a concupiscência e a superstição. “Os mais zelosos em abraçar qualquer espécie de superstição são inevitavelmente os que mais imoderadamente desejam os bens exteriores”. O tirano necessita da tristeza das almas para triunfar, tal como as almas tristes necessitam de um tirano para se acolherem e propagarem. O que de qualquer modo os une é o ódio a vida, o ressentimento contra a vida.¹⁴⁷

¹⁴³ DELEUZE, 2002, p. 48.

¹⁴⁴ DELEUZE, 2002, p. 48.

¹⁴⁵ DELEUZE, 2002, p. 31.

¹⁴⁶ Cf. DELEUZE, 1970, p. 37.

¹⁴⁷ DELEUZE, 1970, p. 38.

A paixão triste está intrinsecamente ligada aos desejos frustrados e mal direcionados, fazendo com que o indivíduo se ressinta com a vida, busque alegrias momentâneas, passivas, como os bens materiais, ganância, poder. Esse indivíduo, fragmentado de sua realidade, diverge daqueles que são mais plenos com sua essência, pois são como venenos, acreditam em valores ilusórios e impõem aos demais com quem convivem suas ideias inadequadas, criam leis em cima de suas abstrações.

Por isso a lei precisa ser compreendida, pois é pela compreensão que uma conduta pode ser dita boa ou má. Ela pode ser necessária e até mesmo bem aplicada, mas nem sempre oferece espaço para o conhecimento ou, em casos extremos, até o supre. Na história humana perderíamos de vista as que podem ser citadas. Vale ressaltar que Espinosa se refere às leis como instâncias transcendentais devido ao contexto da modernidade, caracterizado pelas monarquias absolutistas, amparadas pelo discurso do poder divino dos reis, mas seu sentido pode ser ampliado a toda moral embasada na imaginação, isto é, estabelecida por critérios da opinião, apesar de, o tempo todo, na contemporaneidade os valores transcendentais imaginativos flertarem com a política. Ele mesmo diz que “a superstição, ao contrário, parece sustentar que é bom o que traz Tristeza e é mau o que traz Alegria” (E IV, Cap. XXXI) e que “[...] nada é dado de mais útil ao homem, para que conserve seu ser e frua a vida racional, do que o homem conduzido pela razão” (E IV, Cap. IX) .

Quanto às leis e os domínios da Natureza na filosofia de Espinosa, Deleuze argumenta:

Não obstante, é fácil separar os dois domínios, o das verdades eternas da Natureza, e o das leis morais de instituição, ainda que somente pelos seus efeitos. Tomemos consciência destas palavras: a lei moral é um dever, o seu efeito e a sua finalidade é apenas a obediência [...] A lei, moral ou social, não nos traz conhecimento algum, não dá nada a conhecer. [...] A lei é sempre a instância transcendente que determina a oposição dos valores Bem – Mal, mas o conhecimento é sempre a força que determina a diferença qualitativa dos modos de existência bom-mau.¹⁴⁸

A diferença entre a lei moral e a lei da Natureza é que uma se pauta em valores de fora do sujeito, estipulada por um determinado grupo social, buscando o equilíbrio ou o domínio de seus privilégios, por mandamentos, enquanto a outra tem sua base na essência do ser, na relação deste com todos os elementos que formam o conjunto da Natureza, ou Deus, sugerindo que há mais verdades nesta última do que na primeira. Se a moral se pauta mais na imaginação do que na razão, as personagens citadas pelo nosso filósofo conseguem facilmente seu intento, e aquilo que há de melhor na humanidade – sua essência – se dissipa.

¹⁴⁸ DELEUZE, p. 34-35.

O que separa esses domínios é a passagem aos outros gêneros de conhecimento; melhor dizendo, a razão. Se num primeiro momento conhecemos as coisas via imaginação, adquirindo um entendimento obscuro da nossa realidade, a passagem para os outros gêneros de conhecimento exige um esforço individual e até mesmo coletivo. É necessário aprender com as experiências tristes e as alegres; é necessário voltar-se a si mesmo e com a mesma generosidade voltar-se para os outros. Daí o argumento de Espinosa:

Já dissemos antes que todas as coisas são necessárias e que *na Natureza não existe bom nem mau*. De modo que tudo que queremos do homem deverá ser do seu *gênero*, que não é senão um *ente de razão*. Por conseguinte, quando compreendemos em nosso intelecto uma ideia de um homem perfeito, isso poderia ser uma causa para ver (quando nos examinamos a nós mesmos) se há também em nós um meio de alcançar uma perfeição semelhante.¹⁴⁹

Para Espinosa, um indivíduo é uma potência para a vida. No entanto, sem os ditames da razão, os desejos oriundos de nossa espécie se alinham às paixões, que também são inerentes à nossa natureza, mas para o que a Natureza oferece ao gênero humano: o alcance de sua essência. Se há no **modo** humano um meio pelo qual ele compartilha das ideias perfeitas de Deus, esse meio deve ser explorado. Quando essa realidade não é vivida, as paixões tristes se apoderam dos indivíduos e do próprio estado. O *Conatus*, seja ele em um único ser humano, ou em um grupo que divide o mesmo ambiente é diminuído, acarretando tragédias como as guerras, ideologias de dominação, destruição à natureza, a criação do outro, no sentido do diferente, como inimigo ou invisível, etc. É quando as personagens da tirania – o escravo, o governante e o “padre” – encontram espaço e força.

Os perigos dessas paixões passivas podem ser observados na seguinte leitura de Deleuze sobre o pensamento de Espinosa: “É que a paixão triste é um complexo que reúne o infinito dos desejos e o tormento da alma, a cupidez e a superstição”.¹⁵⁰ Portanto, o que as almas tristes têm em comum são o ódio e o ressentimento contra a vida. Diante disso o *Conatus* coletivo enfraquece e propicia a formação de estruturas regidas na oposição bem/mal, certo/errado, dentro de um esquema de promessas e recompensas efêmeras, de seguranças e esperanças escravizadoras, dando espaço às arbitrariedades e às sociedades de massa, onde as singularidades, aos poucos, vão sendo eliminadas ou deturpadas. Nessas sociedades ou indivíduos os desejos não são construídos e elaborados, muitas vezes, conscientemente; pelo contrário, são estimulados apetites que fortalecem o *status quo*. Já dizemos que há um consenso entre os dois filósofos quando Deleuze se dispõe a pensar a ética pela experiência da alegria.

¹⁴⁹ ESPINOSA, 2014, p. 99.

¹⁵⁰ DELEUZE, 2002, p. 30.

Portanto, desvalorizar as opiniões falsificadoras da vida é de extrema importância também para o nosso filósofo francês, que foi tão engajado politicamente.

A ética de Espinosa surge para desarticular essa oposição bem/mal; ela é diferente da moral instituída. O que a difere é que ela passa pela análise da razão, conforme citação anterior, e não se molda no “deve ser”. Ela não é erguida pela obediência, mas pelo processo de percepção e valor do sujeito à sua essência, pelo método reflexivo frente à sensibilidade corpórea, a partir do que lhe causa contentamento, principalmente consigo mesmo. Isto é, ela é apreendida quando ocorre a passagem da Tristeza à Alegria ou da Alegria passiva para a Alegria ativa. Ela pode ser medida somente pelo indivíduo, através da concatenação de suas ideias. A ética do “deve ser” é compreendida por Espinosa como algo que vem de fora do sujeito. As ações e os valores, para serem definidos como éticos, precisam, efetivamente, passar pelo aval do indivíduo. Neste sentido, qualquer lei que venha de seres transcendentais não passa de superstição.

O sujeito ético de Espinosa floresce do conhecimento claro e distinto, a partir dos desafios que o seu Corpo e a Natureza lhe impõem, o que é chamado por Deleuze de “Ética da alegria e dos encontros alegres”. Essa forma de se pensar a ética permite aos indivíduos – por reflexões próprias e pela compreensão do que é comum a todos, sem fazer acepção das muitas formas de existir – encontrar os melhores meios de se viver. Atenção ao argumento de Deleuze:

O que é bom, é todo o aumento da potência de agir. Deste ponto de vista, a posse formal desta potência de agir, e também do conhecer, aparece como o **summum bonum**; é neste sentido que a Razão, em vez de flutuar ao acaso dos encontros, procura unir-vos às coisas e aos seres cuja relação compõem diretamente com a nossa. A Razão busca o soberano bem ou “o útil próprio”.¹⁵¹

O primeiro passo para se determinar o caminhar ético na filosofia de Espinosa, na leitura de Deleuze, é transgredir as noções universais, abstratas e imaginárias através da reação do *Conatus*. E o ser humano, ao conhecer sua natureza, respeitando seus desejos mais profundos, se aproxima da verdade eterna de Deus, se aproxima daquilo a que é designado: pensar a sua existência. Entretanto, a oposição pode ser entendida a partir do vocábulo de uma única maneira. Observemos a colocação de Espinosa:

Quanto ao bem e ao mal, também não indicam nada de positivo nas coisas consideradas em si mesmas, e não são nada outro além de modos de pensar ou noções que formamos por compararmos as coisas entre si. pois uma e a mesma coisa pode ao mesmo tempo ser boa e má e também indiferente. Por exemplo, a Música é boa para o Melancólico, má para o lastimoso; no entanto, nem boa nem má para o surdo.

¹⁵¹ DELEUZE, 1970, p. 58.

Contudo, por mais que seja assim, cumpre conservarmos esses vocábulos. Pois, porque desejamos formar uma ideia de homem que observemos como modelo da natureza humana, nos será útil reter estes mesmos vocábulos no sentido em que disse. E assim, por bem entenderei, na sequência, o que sabemos certamente ser meio para nos aproximarmos mais e mais do modelo de natureza humana que nos propomos. Por mal, porém, aquilo que certamente sabemos que nos impede de reproduzir o mesmo modelo.(E IV, Pref.)

Portanto, é dito bem aquilo que nos é útil à existência. O bem e o mal não estão nas coisas em si; estão na relação que os seres têm com elas, ou seja, nas ideias e noções que formamos delas e como as colocamos em nossas experiências; daí a necessidade da razão, para que essa relação não venha a ser danosa aos indivíduos, e isso varia de indivíduo para indivíduo. Algumas pessoas podem ter boas experiências com determinadas coisas, enquanto outras podem ter experiências ruins ou sem qualquer efeito. Por isso são tantas as alegrias e as tristezas que não atendem aos vocábulos, e que são realmente boas as coisas que sintonizam com nossa essência, com o modelo humano a que estamos determinados a ser. O mal só pode ser o que nos impede ou coíbe de alcançarmos a nós mesmos.

Esse modelo de humano perseguido por Espinosa e defendido por Deleuze se faz na autonomia de ser a si mesmo, de conhecer a sua singularidade e o que lhe é benéfico ou não. É claro que esse conceito proposto por Espinosa se estende à esfera pública. Quanto mais próximos os cidadãos se encontram das verdades da Natureza e da espécie à qual pertencem, melhores políticas e com maior alcance são produzidas. À medida que temos melhores condições e possibilidades de saberes, nos aproximamos do que nos propomos, e somos propostos pela natureza de nosso ser. Quanto mais racional é o sujeito, maior é a percepção de opressão por aqueles que querem suprimir a razão e mais consegue sentir a dissonância entre o que é apresentado a si como verdade e o que é a verdade para si.

Espinosa, quando traz o debate dos afetos à vida do ser humano, não deixa de pensar na vida social. Seria incoerente se assim o fizesse. A ética em Espinosa passa pela vida política por ser um divulgador da liberdade, e para seus comentadores Espinosa não deixa de ser um possível defensor da democracia. Para entender como no pensamento espinosano é feita a transição da ética para a política, pode-se analisar sob dois aspectos: 1. A filosofia de Espinosa passa pela dimensão da totalidade. 2. A ética tem como uma de suas finalidades conduzir os indivíduos a pensarem a política e as melhores estruturas de governança. Em Espinosa o ato de governar deve estar no amor à liberdade de expressão e de pensamento. Diz o próprio Deleuze, ao refletir sobre o pensamento de Espinosa:

Em toda a sociedade, mostrará Espinosa, trata-se de obedecer e nada mais; por isso as noções de falta, de mérito e desmérito, de bem e de mal, são exclusivamente sociais,

e referem-se à obediência e à desobediência. A melhor sociedade será portanto aquela que isenta o poder de pensar do dever de obedecer, e em seu próprio interesse se resguarda de submetê-lo à regra do Estado, que apenas vale para as ações. Quando o pensamento é livre, portanto vital, nada está comprometido; quando o deixa de ser, todas as opressões são também possíveis, e uma vez realizadas, qualquer ação se torna culpável, e toda a vida ameaçada. É certo que o filósofo encontra no Estado democrático e nos meios liberais as condições favoráveis. Porém, em nenhum caso ele confunde os seus fins com os do Estado ou com os objetivos de um meio -, uma vez que solicita ao pensamento forças que escapam tanto à obediência com à falta, e apresenta a imagem de uma vida para além do bem e do mal, rigorosa inocência sem mérito nem culpabilidade.¹⁵²

Embora veja na democracia um ambiente propício à filosofia de modo geral e, sobretudo a de Espinosa, Deleuze não deixa de ressaltar que a força do filósofo e do seu pensamento vai além da própria perspectiva do Estado¹⁵³. No entanto, é sabida a preocupação política de Espinosa, donde nascem o *Tratado Teológico Político* e *O Tratado Político*, onde propõe um estado que favoreça a liberdade de pensamento e expressão, onde os cidadãos tenham espaço e condições de exercerem suas crenças e comungarem suas qualidades.

Daí pensar a importância da Teoria dos Afetos, por apresentar o meio pelo qual somos acorrentados às paixões e como através do entendimento delas é possível alcançar o bem-estar e o bem comum. Donde nascem os escritos de Deleuze sobre Espinosa, apontados na introdução deste capítulo. E é por isso que Deleuze (2002) indica que a crítica de Espinosa à tradição filosófica e religiosa tem suas raízes na Teoria dos Afetos. Pois é por ela que nos deparamos com as explicações das paixões tristes, das ilusões que forjam a vida e a depreciam, das promessas que nunca serão cumpridas. É a partir dessa crítica de Espinosa que Deleuze observa as denúncias feitas pelo filósofo holandês, conforme já citamos. Podemos dizer que Deleuze (1970, 2002), ao dizer que Espinosa propõe um novo modelo de Corpo, já indicou o caminho pelo qual percorreria sua interpretação ou até mesmo sua preocupação em chamar a atenção para o sistema espinosista: a demonstração dos tipos de falsificação da vida, dos homens tiranos e dos estados com leis supersticiosas. E, por fim, em como a imaginação cria armadilhas para a Mente, que só podem ser vencidas pelo pensador.

Deleuze esclarece que “Antes de Nietzsche, ele denuncia todas as falsificações da vida, todos os valores em nome dos quais nós depreciamos a vida: nós não vivemos, mantemos apenas uma aparência de vida, pensamos apenas em evitar a morte e toda a nossa vida é um culto a morte”¹⁵⁴. Para Espinosa, na leitura de Deleuze, o ser humano quase sempre está

¹⁵² DELEUZE, 1970, p. 10.

¹⁵³ Deleuze em *Espinosa – Filosofia Prática* se refere ao pensamento de Espinosa como aquele que defende a liberdade de pensamento e expressão, no entanto, ele deixa claro a diferença entre o Estado e o filósofo, entre o liberalismo contemporâneo e a ideia de a melhor sociedade ser aquela que isenta o poder de pensar do poder de obedecer. (2002, p. 10)

¹⁵⁴ DELEUZE, 2002, p. 32

afastado de uma profundidade fecunda à existência. Interessante que Deleuze ressalta que essa aparência e falsidade em que a Humanidade está inserida passa pelo medo e culto à morte. Medo alimentado pelas promessas de vida após a morte. A Humanidade condena à vida terrena e passa a ver no paraíso o refúgio ao seu padecimento, ao invés de combater toda forma de opressão e miséria.

Assim, analisa o filósofo francês:

Essa crítica das paixões tristes está profundamente enraizada na teoria das afecções. Um indivíduo é antes de mais nada uma essência singular, isto é, um grau de potência. A essa essência corresponde uma relação característica; a esse grau de potência corresponde certo poder de ser afetado. Essa relação, finalmente, subsume partes, esse poder de ser afetado é necessariamente preenchido por afecções.¹⁵⁵

A análise aqui passa pela compreensão de como os indivíduos se mantêm no mundo imaginário dos signos. Quando o poder de ser afetado do indivíduo é destruído ou diminuído, sua Mente age menos, porque tem menos recursos para pensar. Pense nisso numa multidão que tem seu grau de potência diminuído. O que acontece aos modos singulares afeta a sociedade, e se as sociedades são erguidas por noções universais abstratas, negando as partes que totalizam os indivíduos, mais distantes elas estão dos valores, que são comuns aos seres constituintes da Natureza. Essa crítica de Espinosa, que Deleuze vem trazer, é para ser pensada com profundidade, porque são esses elementos tristes que dominam as mentes e que fazem com que grandes mudanças no mundo não ocorram.

Deleuze (2002) diz que Espinosa não se cansa de denunciar as personagens que cerceiam as sociedades dos afetos. Isto se deve à grande preocupação política do filósofo holandês e do seu “colega” francês ao alertarem sobre as formas de alienação das Mentes por figuras de autoridade que mais dificultam o encontro com a verdade do que a propagam. Daí a compreensão das proibições, dos pecados, dos preconceitos que reduzem a vida humana a poucas experiências produtivas e reflexivas. O que essas almas fazem é criar estruturas de governos que alimentam seus ódios à vida. E é claro que podemos entender o escravo, o tirano e o padre sob outras perspectivas, buscando nas personagens atuais representações semelhantes. A própria sociedade capitalista, com sua demanda de consumo, assume perfeitamente essa trindade, limitando a qualidade dos afetos ou direcionando-os a futilidades, impedindo os indivíduos de conhecerem mais e melhor o seu envolvimento com o mundo. Essa é uma questão relevante da filosofia de Espinosa para Deleuze: mostrar a relação entre a ignorância e a escravidão.

¹⁵⁵ DELEUZE, 2002, p. 33.

Privar os indivíduos dos afetos significa privá-los do esforço da Mente de compreendê-los, limitando os indivíduos, de forma que são mais facilmente domináveis. A maldade ou a infelicidade estão na ausência de domínio sobre as coisas com que nos relacionamos. Assim, afirma Deleuze: “O que pertence a uma essência é sempre um estado, isto é, uma realidade, uma perfeição que exprime uma potência ou poder de ser afetado. Ora, alguém não é malvado, ou infeliz, em função das afecções que tem, mas em função das afecções que não tem”¹⁵⁶. Conforme a explicação, quanto mais afecções sofre um Corpo mais realidade ele tem, o que quer dizer que quanto mais o nosso Corpo sente e interage com o mundo exterior, mais próximo ele está da perfeição, isso porque Corpo e Mente apreendem mais das verdades divinas. Onde o único sentido para o pecado, nesta perspectiva, seja mais político do que ético, no sentido de controle das massas. Deleuze (2002) nos esclarece que o mal, em Espinosa, não está nas coisas em si, mas em como essas coisas chegam em nós e se relacionam conosco. Daí a importância dos efeitos singulares a cada indivíduo ser algo a ser levado, efetivamente, em conta. Universalizar as ideias, ao invés de buscar elementos que nos são comuns, torna uma sociedade muito mais ineficaz, porque ela perde o fundamental para o bem-estar geral: a liberdade de pensamento e de expressão de seus cidadãos.

Sobre a análise política na filosofia de Espinosa, Deleuze explica:

Espinosa segue passo a passo o terrível encadeamento das paixões tristes: em primeiro lugar a tristeza em si, a seguir o ódio, a aversão, a zombaria, o temor, o desespero, o *morus conscientiae*, a piedade, a indignação, a inveja, a humildade, o arrependimento, a abjeção, a vergonha, o pesar, a cólera, a vingança, a crueldade ...A sua análise é tão profunda que consegue encontrar, até na esperança e na segurança, o grão de tristeza que basta para fazer delas sentimentos de escravos. A verdadeira cidade propõe aos cidadãos o amor a liberdade de preferência à esperança das recompensas ou mesmo a segurança dos bens; pois “é aos escravos, não aos homens livres, que damos recompensas por boa conduta”. Espinosa não é daqueles que pensam que uma paixão triste tem algo de bom.¹⁵⁷

Deleuze indica o caminho trilhado por Espinosa para explicar como as paixões tristes deterioram a qualidade de vida do indivíduo e das sociedades, e para tal são utilizadas como instrumentos de controle das multidões, como é o caso da esperança e da segurança. Há sempre um sentimento que tira o indivíduo do presente e um sentimento de medo que o fragiliza. São com esses sentimentos de impotência que as autoridades governam e fazem a massa acreditar que tem algo de bom na Tristeza.

As paixões tristes se distinguem das ações não só pelo empobrecimento das almas de afetos ativos, mas pelo que as separam do conhecimento da realidade, apresentada pelas teorias

¹⁵⁶ DELEUZE, 2002, p. 45.

¹⁵⁷ DELEUZE, 2002, p. 32.

da Ética: “unicidade da substância, univocidade dos atributos, imanência, necessidade universal, paralelismo, etc. – não são separáveis das três práticas acerca da consciência, dos valores e das paixões tristes” ¹⁵⁸. Mas o que precisa o ser humano, no olhar de Espinosa, segundo Deleuze (2002, 1997), para alcançar a sua essência? Autonomia para ser essa realidade perfeita, liberdade para viver as experiências, nas paixões tristes e nas paixões alegres, na Natureza. Conceber leis e normas condizentes com as muitas maneiras de ser e existir, pensadas, buscando conhecer seus fundamentos, no diálogo e no respeito mútuo. Deleuze, diante das ideias apresentadas na *Ética*, se posiciona propício ao abandono dos valores das paixões tristes e do desdobramento das ilusões causadas por elas, conforme veremos no desenrolar de seu raciocínio.

Para o indivíduo viver essa potência e autonomia na filosofia de Espinosa, Deleuze interpreta o termo espinosano de **noções comuns**, que se caracteriza pela composição dos corpos, mais pela parte biológica do que pela relação abstrata. Deleuze analisa:

As noções comuns (**E; II, 37 -40**) não se chamam assim por serem comuns a todos os espíritos, mas sobretudo porque representam qualquer coisa de comum aos corpos: seja a todos os corpos (extensão, o movimento, o repouso), seja apenas a alguns corpos (dois no mínimo: o meu e um outro). Neste sentido, as noções comuns não são de forma alguma ideias abstratas, mas ideias gerais (elas não constituem a essência de alguma coisa singular, **II, 37**); e segundo a sua extensão, conforme se aplicam a todos os corpos ou apenas alguns, são mais ou menos gerais (**T.T.P; cap 7**)¹⁵⁹

Deleuze se refere ao conjunto de potência, demonstrado por Espinosa, em que os corpos são capazes e essas noções comuns são realizadas a partir da composição dos corpos, ou seja, dos encontros e dos afetos alegres, por essas noções mais gerais que se chegam às ideias do que é conveniente ou não, onde se encontram as diferenças e semelhanças e quando se chega à decisão de quando elas acrescentam ou não. São “[...] necessariamente ideias adequadas [...]”¹⁶⁰ que são representadas por unidades de composição. Desta forma, são pelas noções comuns, observadas pela atenção da Mente à razão, que consensos, acordos e contratos se constroem com bases nas garantias humanas. Mas para que as noções comuns se estabeleçam é necessário vencer os afetos contrários ao bem-comum, representados pelas paixões tristes, e dar espaço aos indivíduos de pensarem por si mesmos, o que de fato deve ser tido como benéfico ou maléfico para o meio social.

O filósofo francês explica que as noções comuns na filosofia de Espinosa são, necessariamente, ideias adequadas, pois elas agem nas partes do Corpo e num todo do

¹⁵⁸ DELEUZE, 2002, p. 34.

¹⁵⁹ DELEUZE, 2002, p. 98.

¹⁶⁰ DELEUZE, 2002, p. 99.

indivíduo. A pergunta que se segue é: como elas podem ser formadas? Elas são, portanto, supostamente dadas, e estão em vários níveis, correspondentes à natureza das afecções. Elas se formam quando encontramos um Corpo que convém com o nosso, e experimentamos um sentimento de alegria-paixão, mesmo não compreendendo, distintamente, o que esse Corpo que nos afetou tem em comum com o nosso. A noção comum só é formada pelo afeto da Alegria, por aumentar a potência de agir, de conhecer do corpo por indução, o que seria uma causa ocasional da noção comum.¹⁶¹

A razão, relativa às noções comuns, se define pela maneira como o ser humano nasce, ignorante das causas mas com potência para ser conhecedor de suas ações e relações com a totalidade que o assegura no mundo. Sua racionalidade é promovida pelo esforço natural para selecionar e organizar os encontros que o compõem e inspiram Alegria, sendo os sentimentos alegres completamente convenientes à razão. Assim, surgem as noções comuns, compreensão e consciência das relações com bons sentimentos, que afetam o todo no seu esforço comum, favorecendo a racionalidade, ocasionando novas relações e experiências de sentimentos afins, provenientes da razão, da vontade e da força da Mente.¹⁶²

Porém, a realidade do Corpo é sempre apta a ser decomposta, da mesma maneira que também é apta a ser regenerada, e a cada decomposição e nova composição o Corpo ganha mais potência e destreza. O que a parte extensiva, corpórea, nos traz de sofrimento, e, também, de alegria, mesmo que momentaneamente, pode ser transformado em liberdade e autonomia de se autoafetar, sem se preocupar com a morte ou com a dor, mas, sobretudo, com acúmulo de ganhos e prazeres reais, afastando a ficção e o medo, sem precisar se apoiar na esperança de um futuro melhor, bastante utilizado pelas ideologias dominantes e pelas religiões com fins políticos.

Daí a relevância da interpretação de Deleuze:

Pertencer à essência assume assim um novo sentido que exclui o mal e o mau. Não que sejamos reduzidos à nossa própria essência; pelo contrário, tais afecções internas, imunitárias, são as formas sob as quais nos tornamos conscientes de nós mesmos, das outras coisas e de Deus, interior e eternamente, de modo essencial (terceiro gênero de conhecimento, intuição).¹⁶³

O filósofo francês entende como essência, na filosofia de Espinosa, todo o composto que forma o ser humano, a parte extensiva e a dependência necessária que ela tem com as afecções e a compreensão da Mente dessas afecções. E mesmo as paixões tristes fazem parte

¹⁶¹ Cf. DELEUZE, 2002, p. 99.

¹⁶² Cf. DELEUZE, 2002, p. 99-100.

¹⁶³ DELEUZE, 2002, p. 49-50.

da essência humana, porque elas atuam na potência de agir do ser humano. É por elas que a afecção externa ou passiva pode se tornar afeto ativo, quando o sujeito pensa sobre o que o afetou e que tipo de efeito foi gerado nele. O afeto ativo ocorre do sujeito com o próprio sujeito; é, portanto, a autoafecção o que permite uma autonomia de si. O pertencer à essência é assumir esse novo sentido moral. É pela autoafecção, processo reflexivo do indivíduo, que o pensamento adquire ideias claras e precisas da realidade do sujeito. Como a realidade do sujeito não se separa da realidade das demais coisas pela característica imanente de Deus, ele toma consciência de si e das outras coisas e seres. O sujeito se torna sujeito porque se enxerga como parte da Natureza e traz para si a responsabilidade da sua vida e da vida de modo geral, o que lhe dá autonomia diante de si e diante do mundo.

A autonomia do indivíduo, para Espinosa (2018), está na capacidade de exploração de si mesmo, na escolha dos seus melhores encontros, a fim de alcançar a sua essência ou melhor versão. É característica do sábio, ao passo que experimenta os afetos, ganhar confiança psíquica para agir. Sem medo, sem culpa, ele recorre ao que lhe é útil, sem se destruir ou destruir aos que consigo se relacionam, pelo menos no que está sob o domínio da sua Mente. Essa autonomia tem a ver com “quais afetos convêm com as regras da razão humana, quais lhes são contrários” (E IV, Prop. XVIII, Esc.). Ou seja, a autonomia está mais relacionada com o agir segundo os preceitos da razão, em harmonia com a essência, com os Desejos que alegram, procurando sempre aqueles que causam contentamento consigo mesmo e um contentamento genuíno, de dentro para fora.

No caso das afecções ou afetos internos, eles dão ao sujeito o conhecimento de si e da Natureza, por via da intuição, terceiro gênero de conhecimento. Nesta forma de conhecimento o sujeito envelhece cercado de ideias adequadas, de bons encontros, organizados por ele mesmo, sem desfazer dos prazeres do Corpo mas potencializando o intelecto pela rica experiência que ele permite, sem carência, sem discriminação, respeitando sua singularidade sem medo de ser feliz, onde o bem e o mal podem ser redefinidos e trazidos para o contexto do sujeito. É diante desse olhar inovador de Espinosa para a ética que Deleuze considera a filosofia espinosana uma filosofia da expressão: “A maior parte dos homens, a maior parte do tempo, permanecem fixados nas paixões tristes, que os separam de sua essência e os reduzem ao estado de abstração. O caminho da salvação é o caminho mesmo da expressão: chegar a ser expressivo, ou seja, chegar a ser ativo.”¹⁶⁴

¹⁶⁴ DELEUZE, 2002, p. 277.

A filosofia da expressão é a filosofia que busca seu sentido na prática, via razão, no fazer, na atuação, pela e para a experiência da existência, fundamentalmente no que concerne à substância, que se expressa por seus atributos, e estes exprimem aos modos um certo poder de expressão. No caso do sujeito, é o exprimir o ser, é o viver de dentro para fora (autoafecção) e de fora para dentro (experiências do Corpo), sem abandonar a essência de si mesmo. Porque somente ela lhe dá a compreensão de sua relação com a perfeição de Deus.

3.1.2 Espinosa e os signos na leitura de Deleuze: do processo epistemológico à razão prática

Nesta seção se procurará compreender – e reconhecer – o esforço de Deleuze para uma sugestiva leitura da filosofia de Espinosa no que diz respeito aos três gêneros de conhecimento: a maneira como conhecemos determina a maneira como viveremos e a maneira como iremos construir o mundo e todos os nossos valores. Nela será utilizado o texto “Espinosa e as três éticas”, retirado do livro *Crítica e Clínica*, onde Deleuze (1997) trata os signos ou os afetos a partir da epistemologia como modos de existência e expressão.

A ideia é demonstrar como o entendimento de Deleuze sobre a ética dos afetos em Espinosa diz respeito às composições e decomposições dos nossos corpos com os outros corpos na natureza, prevalecendo os encontros e composições que remetem ao sujeito afetos de Alegria, produtores de Desejos ativos e alegres. No entanto, para se alcançar a consciência nossa composição física e psíquica desses encontros, a ponto de ter autonomia de escolhê-los, de acordo com intervenção do próprio sujeito, é necessário o processo de aprendizagem com os afetos, distinguindo aqueles que causam impotência e ilusões à Mente. Os processos químicos e biológicos. Os processos químicos e biológicos relativos à nossa composição física e psíquica são instrumentos cognitivos, meios pelos quais a Mente articula as ideias convenientes à sua existência, remetendo, sempre, à união com o que comunga a sua essência, sendo esta, a Mente, a potência singular de cada **modo**. O encadeamento, nesse sentido, passa pela imaginação – signos – abstrações, métodos e noções comuns.

Deleuze diz que “A *Ética* apresenta três elementos que constituem não só conteúdos, mas formas de expressão: os signos ou os afetos, as noções comuns ou conceitos, as essências ou perceptos”¹⁶⁵. Num primeiro momento Deleuze se circunscreve ao primeiro gênero de conhecimento, os signos representados pelos afetos passivos:

¹⁶⁵ DELEUZE, 1997, p. 156.

Um signo, segundo Spinoza, pode ter vários sentidos. Mas é sempre um *efeito*. Um efeito é, primeiramente, o vestígio de um corpo sobre um outro, o estado de um corpo que tenha sofrido a ação de um outro corpo: é uma *afectio* – por exemplo, o efeito do sol no nosso corpo, que “indica” a natureza do corpo afetado e “envolve” apenas a natureza do corpo afetante.¹⁶⁶

Nessa situação o indivíduo conhece somente o efeito resultante dos encontros em si mesmo. Para ele, o sol é uma bola de fogo que aquece seu Corpo, não muito distante de si. Essas imagens ou signos na Mente são traduzidos pela linguagem, e essa expressão verbal passa de um indivíduo ao outro pelas imagens adquiridas a partir das relações que são estabelecidas com o mundo, via percepção sensorial. Essas expressões são associações de imagens ou ideias inadequadas, que vamos construindo sobre a Natureza e nós mesmos. É aqui que todo o desenrolar das ilusões se inicia, mas também são delas a possibilidade de que o conhecimento verdadeiro seja alcançado. Daí a compreensão de, na filosofia de Espinosa, os afetos serem os meios para se chegar ao conhecimento, isto é, a Teoria dos Afetos nada mais é do que o processo epistemológico espinosano. Por isso, no primeiro e segundo capítulos da pesquisa explicamos que o Corpo é o único objeto da Mente.

Deleuze (1997) compreende que é pelos signos, crítica das paixões tristes e como elas são elaboradas, apontadas por Espinosa, que se pode vencer as superstições, as religiões e leis em sentido restrito de obediência, sem passar pelo crivo da razão, para a conquista do conhecimento adequado. Neste exemplo podemos entender como os efeitos sentidos pelos impactos entre os corpos podem gerar um conhecimento inadequado da realidade. Deleuze, pela leitura dos signos, busca compreender a imaginação, a força que ela exerce sobre os indivíduos, enganando o poder da Mente e impedindo que os outros gêneros de conhecimento afloram.

Na leitura deleuziana dos três gêneros de conhecimento de Espinosa, os signos sempre representam o primeiro gênero do conhecimento. Ele os divide, a princípio, em dois tipos, e chama de “escalares” os que indicam nosso estado num momento do tempo, expandindo ou restringindo nossa existência na duração, em relação ao que éramos anteriormente. Nesses casos o que prevalece são as sensações ou percepções do Corpo (efeitos). Outro tipo de signo são os “vetoriais”, que estão ligados à passagem que nosso Corpo e Mente fazem na existência, com maior ou menor grau de verdade (potência).

Os signos escalares, segundo Deleuze (1997), têm quatro subdivisões. A primeira se refere aos “efeitos físicos sensoriais ou perceptivos, envolvem-se tão-somente a natureza de sua

¹⁶⁶ DELEUZE, 1997, p. 156.

causa, são essencialmente *indicativos* e indicam nossa natureza mais do que da outra coisa”¹⁶⁷. Neles, temos as imagens na nossa Mente que indicam que fomos afetados por outro Corpo e nosso Corpo sofreu uma alteração. Para Deleuze, esses signos “são **indicativos**, são **efeitos de mistura**; indicam primeiramente o estado do nosso corpo, e secundariamente a presença do corpo exterior”¹⁶⁸.

O que acontece nos signos indicativos é que só conhecemos a modificação sofrida pelo nosso Corpo, e diante dessa modificação imaginamos uma determinada realidade (conhecimento inadequado). Por exemplo: vejo uma criança chorando no parque, olho à minha volta e não vejo nenhum adulto e imagino que essa criança chora porque se perdeu dos pais. Essa é, portanto, uma imagem que faço, mas que pode não significar a verdade. Segundo Deleuze, “Estas indicações fundam toda uma ordem de signos convencionais (linguagem), que se caracteriza pela sua equivocidade, isto é, pela variabilidade das cadeias associativas em que elas entram”¹⁶⁹. Outro exemplo dessa associação é a ideia de que onde há fumaça, há fogo. Essas indicações correspondem às condições naturais da nossa existência, anterior ao conhecimento adequado.

A segunda subdivisão dos signos, alerta Deleuze, são os abstrativos: “nossa natureza, sendo finita, retém daquilo que a afeta somente tal ou qual característica selecionada”¹⁷⁰. A ideia é construída sem uma compreensão mais clara. Observe-se a citação:

[...] há ideia abstrata quando, excedido o nosso poder de sermos afetados, nos contentamos com imaginar em lugar de compreender: já não procuramos compreender as relações que se compõem, mas contentamo-nos apenas com um signo extrínseco, com um caráter sensível e variável que fere a imaginação e que erigimos em traço essencial negligenciando os demais.¹⁷¹

Diante dos fenômenos que são apresentados, constantemente, pela natureza, os seres humanos imaginam e definem de forma arbitrária ideias tais como: os humanos são racionais, falam, riem, etc. Esse é um conhecimento que existe na Mente humana. A Mente humana permite que seja possível às abstrações e por elas sejam possíveis também formar noções universais: todos os animais que não são humanos são irracionais, e assim por diante. Ao perceber uma semelhança, ocorre a associação de várias imagens na Mente abstraindo essas semelhanças e criando “verdades” baseadas em imaginação. Conforme Deleuze, a abstração “desfigura a reta concepção das causas e das verdades eternas (ordem de composição e

¹⁶⁷ DELEUZE, 1997, p. 157.

¹⁶⁸ DELEUZE, 2002, p. 111.

¹⁶⁹ DELEUZE, 2002, p. 111.

¹⁷⁰ DELEUZE, 1997, p. 157.

¹⁷¹ DELEUZE, 2002, p. 52.

decomposição das relações)”¹⁷². As abstrações são o próprio obscurantismo, causa do erro, da falsidade, da mistificação da realidade e do empobrecimento do *Conatus*, individual e coletivo.

Pelo conhecimento indicativo e abstrato são elaborados os signos imperativos, a terceira subdivisão dos signos escalares e por eles é criado o universo moral de ordem religiosa. Os seres humanos passam a viver subordinados ao “deve ser”. Deleuze cita o exemplo dado por Espinosa, de Adão, ao comer do fruto proibido. Neste estágio do conhecimento os seres humanos tornam-se servis às leis morais imaginárias e inadequadas que distorcem a realidade da Natureza, criando pecado nas coisas naturais e essenciais à vida na Terra:

[...] sendo o signo sempre efeito, tomamos o efeito por um fim, ou a ideia do efeito da causa (visto que o sol esquenta, acreditamos que ele é feito “para” nos esquentar; já que o fruto tem um gosto amargo, Adão acredita que ele não “deveria” ser comido). Neste caso trata-se de efeitos morais, ou de signos imperativos.¹⁷³

Essas leis morais são, na visão de Espinosa, completamente destruidoras. Deleuze afirma que os signos imperativos ou efeitos revelação “não tem outro sentido senão o de nos fazer obedecer. O erro mais grave da teologia consiste precisamente em ter ignorado e ocultado a diferença de natureza entre obedecer e conhecer, em nos ter feito tomar os princípios de obediência por modelos de conhecimento”¹⁷⁴. Na filosofia de Espinosa a moral vem do conhecimento, do respeito à liberdade racional, que deságua na liberdade de expressão. Condutas morais devem ser refletidas, pois não dizem respeito às ideias adequadas. As leis morais se enquadram sempre em um dever, o que não condiz com a natureza da ideia adequada, que é sempre o respeito à ordem natural das coisas.

No caso do conhecimento interpretativo, ou hermenêutico, a quarta e última subdivisão dos signos se encontra na estrutura das superstições. Deleuze assim o qualifica: “Num terceiro sentido, o signo é aquilo que garante do exterior esta ideia desnaturada da causa ou esta mistificação da lei. Pois a causa interpretada como lei moral tem necessidade extrínseca que autentifique a interpretação pseudo-revelação”¹⁷⁵. Pode-se observar que há um sentido teológico aqui expresso, mas que serve muito bem aos “novos deuses” da atualidade, como o dinheiro, por exemplo. Neste estágio do signo o perigo às liberdades e ao conhecimento verdadeiro é sem precedentes; nele o desmonte dessa estrutura, muitas vezes, muito bem definida e articulada, se torna o maior obstáculo dos que lutam pelo conhecimento racional e pelo bem-estar da vida na Terra.

¹⁷² DELEUZE, 2002, p. 111.

¹⁷³ DELEUZE, 1997, p. 157.

¹⁷⁴ DELEUZE, 2002, p. 112.

¹⁷⁵ DELEUZE, 2002, p. 112.

Nesse tipo de conhecimento atribui-se à Natureza coisas que nela não existem. As ideias inadequadas são formadas por ouvir dizer, e nesse “ouvi dizer” castelos de signos, pensamentos místicos, míticos, preconceitos são construídos na Mente dos indivíduos ou dos cidadãos. Outra observação importante se faz no conhecimento do poder do signo que as personagens da vida social utilizam para destilarem seu ódio e ressentimento com suas próprias existências e com a vida no geral. Deleuze exemplifica a questão:

Não comas deste fruto! Põe-te ao sol! Os últimos signos escalares, por fim são efeitos imaginários: nossas sensações e percepções nos fazem pensar em seres supra-sensíveis que seriam sua causa última, e, inversamente, nós nos figuramos esses seres à imagem desmesuradamente aumentada daquilo que nos afeta (Deus como sol infinito, ou então como príncipe legislador). Os profetas, que são os maiores especialistas em signos, combinam de modo primoroso os abstrativos, os imperativos e os interpretativos.¹⁷⁶

Esta é, portanto, a forma como as sociedades são construídas em cima de signos, na filosofia espinosana sob o olhar deleuziano. A forma como o autoritarismo impera, bloqueando o máximo possível os indivíduos e os cidadãos das suas potencialidades racionais. As ilusões correspondem ao arcabouço normativo na grande maioria das sociedades, principalmente se sua autoridade perpassa a religião. Os profetas são homens que julgam as experiências tristes o caminho correto a ser seguido; eles tratam ficticiamente as paixões como valores a partir de suas inadequações com a realidade.

Assim, Deleuze (1997) demonstra que Espinosa, ao tratar dos afetos e da relação Corpo-Mente, vem nos mostrar como são elaboradas as ideias inadequadas, como elas se associam de forma a criar uma estrutura forte de abstração da realidade. Por isso ele trabalha com as ideias imaginativas, expostas na *Ética*, a partir das fases em que elas vão se consolidando, nos indivíduos e principalmente nas sociedades humanas, através dos signos e suas relações. Portanto, a subdivisão dos signos escalares em indicativos, abstrativos, imperativos e interpretativos apresentam como a Mente mistura e confunde os efeitos sentidos pelo Corpo com as verdades acerca das coisas.

No caso dos signos vetoriais, eles atuam no aumento ou na diminuição da potência do indivíduo; são as paixões tristes e as paixões alegres. São essas últimas, que mesmo aumentando a potência de agir do indivíduo, consistem em paixão quando não são conhecidas claramente pela Mente em sua causa. Segundo Deleuze (1997), o aumento e a diminuição do poder de ação do indivíduo representam os dois tipos de signos vetoriais. Assim, “essas duas espécies de

¹⁷⁶ DELEUZE, 1997, p. 157.

signos seriam denominadas potências aumentativas e servidões diminutivas”¹⁷⁷. Potências porque mesmo as alegrias sendo paixões alteram positivamente o indivíduo; e servidões, porque o poder exercido pelas paixões tristes, além de coíberem a potência de agir, se não dominadas pela razão, levam o indivíduo à situação de servidão ou escravidão. Daí o alerta de Deleuze para os perigos dos signos, muito bem demonstrados na *Ética*, e para as ordens sociais pautadas na Tristeza e na redução do poder das afecções.

Portanto, os signos, para Deleuze (1997) são estados de Corpo e variações de potência; são misturas confusas de Corpos e variações obscuras de potência, na ordem finita dos Corpos. Nos vetoriais, se revesam entre o esclarecimento e o assombreamento, donde há a necessidade de se conhecer os efeitos.¹⁷⁸

Nessas formas de conhecimentos inadequados, Deleuze (1997) afirma que ainda se articulam os signos ambíguos, causadores de flutuações de ânimo, que levam os indivíduos a amarem e odiarem o mesmo objeto. Assim, um mundo elaborado ideologicamente a partir do ódio ao diferente ou a outras formas de ser e viver que não a vigente, pode levar pessoas que se amam a se odiarem por divergências políticas, por exemplo. É claro que esses ódios por acidentes podem não ser percebidos tão facilmente, porque na imaginação humana estão contidas figuras de ódio, raiva, etc. que geram impotência no indivíduo, muito bem disfarçadas ou inconscientes. Daí a existência de contradições profundas tanto nas pessoas como nas sociedades. As inconstâncias que podem brotar dessas relações estão ligadas às paixões, que não foram refletidas, conhecidas em sua causa e que podem ocasionar no indivíduo dificuldades extremas e nas sociedades danos impensáveis.

Deleuze ressalta a eficiência de Espinosa ao demonstrar que no universo dos signos, ou das ideias inadequadas, o indivíduo, os cidadãos, recebem informações mas não conhecem a causa. Daí a facilidade da repercussão de ideias falsas.¹⁷⁹ Daí Espinosa dar por definição o que seria o mal: “II. Por mal, porém, aquilo que sabemos certamente impedir que sejamos possuidores de um bem qualquer” (E IV, Definições). O conhecimento “por ouvi dizer” é tão comum à realidade humana que se torna de fácil propagação. No entanto, os seres humanos que reproduzem tais signos são indivíduos tristes, dominados pelas paixões tristes, ou sob o domínio de signos transitivos, que ora aumenta a potência de pensar do indivíduo, ora diminui. Esses

¹⁷⁷ DELEUZE, 1997, p. 159.

¹⁷⁸ Cf. DELEUZE, 1997, P. 159.

¹⁷⁹ Trazendo Espinosa para a atualidade, podemos citar o exemplo da forte propagação de *fake news* e a facilidade com que mentiras se passam por verdades.

reprodutores de preconceitos são seres humanos mutilados da sua natureza, atribuem ao mundo sua própria percepção triste, projetam no real suas frustrações.

Esses seres tristes tentam impedir aos demais seres de se reconhecerem como potências, capazes de comporem-se de Alegria. Eles preferem investir em vulnerabilidade e fraquezas para construir seus impérios. Muitas vezes esses impérios são construídos pelos signos que alimentam a multidão de alegrias momentâneas, não hilariantes, que rapidamente se transformam em tristeza e incompletude. E o que era ou pode ser velocidade vira lentidão; o que pode ser presença vira vazio; o que pode ser certeza vira dúvida. E o Desejo, que deveria conduzir o cidadão ou o indivíduo para sua potencialidade de ser, enquanto figura singular, ou enquanto membro de uma sociedade, se apaga, liderado por imagens idealizadas de felicidade. Esse encontro de seres humanos tristes compromete a vida em sociedade. Não se pode pensar, em Espinosa, as estruturas sociais e éticas sem pensar os estados psicofísicos em que se encontram os seres humanos, pois toda a ordem da política depende dessa relação.

Sobre a limitação a todos esses investimentos contrários à natureza Espinosa diz: “*A força pela qual o homem persevera no existir é limitada e é infinitamente superada pela potência das causas externas*”(E IV, Prop. III). Onde forças contrárias constantes expõem a Humanidade à situação de impotência. O processo de libertação da servidão é extremamente árduo, sendo mais do que relevante, necessário, o caminho oposto das almas menos atormentadas. São nessas almas que buscamos os instrumentos e os artifícios de superação.

A Teoria dos Afetos serve para indicar e identificar as paixões. Na visão espinosana, são as mentes supersticiosas aquelas que utilizam de suas más experiências individuais, que reproduzem inadequação na vida social para dirigirem a massa. Espinosa explica a relação das paixões com o estado no *Tratado Teológico Político*, que é a obra na qual faz esse tipo de análise. Deleuze comenta sobre esse estado dominado pelas paixões, em que muitas sociedades podem se encontrar:

No estado civil, a composição dos homens ou a formação do todo faz-se segundo sentimentos passivos de esperança e de temor (temor de permanecer no estado de natureza, esperança de sair dele, *Tratado Teológico Político*, Cap. 16, e *Tratado Político*, Cap. 2, 15, Cap. 6, 1.) No estado de razão, lei é uma verdade eterna, isto é, uma regra natural para o pleno desenvolvimento da potência de cada um. No estado civil, a lei barra ou limita a potência de cada um, manda, proíbe, tanto mais quanto a potência do todo supera a do indivíduo (*Tratado Político*, Cap. 3, 2): é uma lei “moral” que se refere unicamente à obediência e às matérias de obediência, que fixa o bem e o mal, o justo e o injusto, as recompensas e os castigos (*Ética*, IV, 37, esc. 2)¹⁸⁰

¹⁸⁰ DELEUZE, 2002, p. 112-113.

O que Espinosa chama de estado de natureza é a fase imaginativa, realizada pela percepção do Corpo, sem dar ênfase à razão e às noções comuns. Nesse primeiro gênero de conhecimento os indivíduos são mais frágeis e suscetíveis às obediências, aos medos e às esperanças, podendo ser presas fáceis para a tirania e para a servidão. O que é comum nesse estágio de conhecimento é o descontrole afetivo, prevalecendo mais o egoísmo, o ódio e o ressentimento no ambiente social, onde a potência do todo é mais coibida e diminuída.

Nessas circunstâncias, figuras importantes, líderes fortes do tempo de Espinosa, representados por sacerdotes e reis absolutistas, remetem à nossa realidade atual na imagem de políticos ou grandes empresários. Mas são, todos eles, humanos. São criaturas tomadas pela Tristeza. Mas como têm a capacidade de captar na multidão tais signos de tristeza, se destacam, fazendo disso projetos de governo e de vida pautados na falsidade, na superstição e no preconceito.

Esses líderes conseguem adesão a seus projetos porque existem grupos em sintonia com sua carga de ódio e ressentimento, já que são impactados a todo instante por ideias inadequadas.

São humanos que governam tendo em vista a impotência dos governados. É assim que floresce o déspota, o fascista (trazendo à realidade atual), com os quais a História quase sempre nos apresenta. Implantam o medo como forma de gerenciar a vida das pessoas e determinam quem e o que devem ter direitos e ser felizes. Os signos são utilizados por essas almas atormentadas para iludir, enganar e assim colocarem em prática seus projetos de ódio, fazendo a multidão refém da imaginação, da inadequação das verdades naturais. Assim, afirma Deleuze: “A maior parte dos homens, a maior parte do tempo, permanecem fixados nas paixões tristes, que os separam de sua essência e a reduzem ao estado de abstração. O caminho da salvação é o caminho mesmo da expressão: chegar a ser expressivo, ou seja, chegar a ser ativo”¹⁸¹. A passagem do primeiro gênero de conhecimento ao segundo e ao terceiro é o processo ao qual os afetos nos apontam.

Portanto, a oposição aos signos vem das noções comuns, que são ideias formadas racionalmente, adequadas, e consistem em verdadeiras ações. Elas ajudam a construir os conceitos e representam a passagem do primeiro gênero de conhecimento ao segundo. Se os signos remetem aos signos, os conceitos remetem aos conceitos. Segundo Deleuze, “quando perguntamos como chegamos a formar um conceito, ou como remontamos dos efeitos às causas, é preciso efetivamente que ao menos certos signos nos sirvam de trampolim e que certos afetos nos proporcionem o impulso necessário (Livro V)”¹⁸². Tal processo ocorre quando há

¹⁸¹ DELEUZE, 2002, p. 277.

¹⁸² DELEUZE, 1997, p. 162.

uma possível seleção dos afetos passionais e as ideias que deles advêm, de forma a liberar signos vetoriais de alegrias, de aumento de potências, com o intuito maior de repelir as tristezas, “tal seleção dos afetos é a própria condição para sair do primeiro gênero de conhecimento e atingir o conceito adquirindo uma potência suficiente”¹⁸³.

No entanto, é necessário o estágio dos signos para a obtenção de conhecimento adequado. Os signos serão sempre paixões, mas também serão sempre percussores das noções comuns. Elas, as noções, não impedem as paixões de se fazerem presentes porque são inerentes à vida corpórea, mas duplicarão a força de ação de forma a diminuir a influência dos signos. As noções comuns são raios de luz que aos poucos clareiam a Mente. Por isso, para Espinosa (2018), a Alegria como paixão é um signo de esclarecimento que nos ilumina, proporcionando a passagem de um conhecimento obscuro a um mais transparente. Onde explica Deleuze:

A seleção dos signos ou dos afetos como primeira condição para o nascimento do conceito não implica, pois, só o esforço pessoal que cada um deve fazer sobre si mesmo (Razão), mas uma luta passional, um combate afetivo inexplicável em que se corre o risco de vida, onde os signos afrontam os signos e os afetos se entrecrocavam com os afetos, para que um pouco de alegria seja salva, fazendo-nos sair da sombra e mudar de gênero. Os gritos da linguagem dos signos marcam essa luta das paixões, das alegrias e das tristezas, dos aumentos e diminuições de potência.¹⁸⁴

Dáí Espinosa mostrar o caminho não só do Pensamento, mas também da Extensão e toda luta travada para que o bem possa emergir; é um processo árduo, mas compensador. Uma vez imersos nesse universo de conceitos, o bem, o amor, a Alegria, a beleza e todos os valores que compõem as partículas que formam Deus possam se expressar através da ação. A etapa conceitual possibilita à Humanidade se reerguer. A expressão se faz pela evocação dos conceitos produzidos a partir da separação do que é imagem e do que é real, gerando realidades cada vez mais próximas de Deus. E é por meio do estado da razão, segundo Deleuze, que “a composição dos homens se faz pelas noções comuns e pelos sentimentos ativos que delas decorrem (principalmente liberdade, firmeza, generosidade, *pietas e religio* do segundo gênero)”¹⁸⁵. Esse estado é o ideal às sociedades, no sentido de aumentarem o *Conatus* da coletividade. E uma vez conquistada a etapa dos conceitos, a jornada para o conhecimento intuitivo (*perceptos*) se faz possível.

No entanto, apesar de todas as formas de escravidão existentes, Deleuze, ao tratar da ética no pensamento de Espinosa, além de apontar sua preocupação em destacar a articulação do filósofo entre a ética e a ontologia regidas por um sistema de conceitos bem avançados, ao

¹⁸³ DELEUZE, 1997, p. 162.

¹⁸⁴ DELEUZE, 1997, p. 163.

¹⁸⁵ DELEUZE, 2002, p. 112.

mesmo tempo compreende que ela é de fácil absorção e que “até um não-filósofo, ou ainda alguém despojado de qualquer cultura, pode receber dele uma súbita iluminação, um raio”¹⁸⁶.

Embora o pensamento de Espinosa possa parecer especulativo, é permeado de raciocínios claros e precisos naquilo que ele quer demonstrar, de forma que mesmo o leitor, discordando de suas ideias, não é dispensado de reflexões profundas, de ser levado, de alguma forma, a ser modificado. Intento realizado somente por grandes pensadores no que se refere à maneira como Espinosa atinge seu leitor: ele não priva o homem simples de compreendê-lo e de com ele dialogar. A percepção de Deleuze garante parte da sua admiração pelo filósofo holandês.

Assim, esta dissertação foi finalizada com os comentários de Deleuze, que não só faz uma leitura detalhada do pensamento do filósofo holandês como traz seu sentido ao contexto contemporâneo, fazendo com que seja permitido *linkar*, associar e refletir sobre vários aspectos de próprias experiências, mesmo muitos séculos à frente das primeiras linhas escritas por Espinosa. Deleuze dá vida à filosofia de Espinosa, de forma que ela pode parecer completamente atual. Ele nos transporta ao íntimo de um filósofo que colocou todos os seus esforços na liberdade humana, que criticou as estruturas políticas e sociais sem desmerecer a jornada humana, que apontou equívocos na teologia sem deixar de acreditar no amor do ser humano ao seu semelhante e à Natureza.

Este terceiro capítulo será concluído com o que Deleuze chama de “filosofia de Espinosa”, ou seja, com a alegria das expressões humanas que estão por toda parte no cotidiano: nos olhares, nos gestos, nas carícias, nas intenções, nas palavras, nos símbolos, na busca, no erro, na tentativa, no acerto, nas semelhanças, nas diferenças, nas ciências, nas democracias, no terrível, no maravilhoso, nos pequenos e grandes amores, no brilho, na escuridão, na dor, na crença, na fé, nos passos em falso, nos sonhos, na linguagem e nos desejos, mesmo que vacilantes, de uma existência dentro da luz de cada um de nós e de todos ao mesmo tempo.

¹⁸⁶ RIBEIRO, 2016, 209-243.

CONCLUSÃO

A Filosofia é feita no diálogo, embora pareça solitária. É em nome dessa sensibilidade, característica da disciplina e de seus discípulos que procurou-se trazer a filosofia de Benedictus de Spinoza ou Baruch de Espinosa como contribuição para pensar o nosso tempo, mesmo sabendo que ela pode ser desconcertante para algumas pessoas, mas apaixonante para outras.

Ao apresentar a Teoria dos Afetos de Espinosa e propor o desafio de um diálogo desta com a Ética, não foi ignorado o fato de o nosso filósofo holandês ter um pensamento que nos interroga a todo instante, e que quanto mais se debruça sobre ele mais inquietantes e envolventes se tornam as suas ideias. Esgotar seus conceitos se tornou algo impensável para nós. O encontro com esse pensador foi marcante. Às vezes parecia de fácil entendimento; outras, de extrema dificuldade, mas quase sempre de um impacto profundo. O que se percebeu é que ler Espinosa e ser o mesmo é para poucos. Grandes mentes o elegeram como amigo, filósofo, inspirador. Grandes espíritos reconheceram a violência intelectual que ele sofreu durante o tempo em que aqui esteve e vários séculos à frente disso. O que se procurou, portanto, foi deixar claro a contemporaneidade de suas ideias. Mas, sobretudo, atentar para o fato de que as almas mais ingênuas e menos abastadas de acúmulo de conhecimentos podem ser tocadas com a mesma força e delicadeza com que seus biógrafos diziam ser suas ações.

Conforme admite Goethe,

Eu tinha recebido em mim a personalidade e a doutrina de um homem extraordinário, de uma maneira incompleta, é verdade, mas experimentava já notáveis efeitos. Esse espírito, que exercia sobre mim uma ação tão decidida, e que devia ter sobre minha maneira de pensar uma tão grande influência, era Espinosa. Com efeito, após ter buscado em vão no mundo inteiro um meio de cultura para minha natureza estranha, acabei por cair sobre a *Ética* desse filósofo. O que pude extrair dessa obra, o que pude nela colocar de meu, eu não saberia relatar [...]¹⁸⁷

Assim como Bernard Malamud, através do seu “homem de Kiev”:

– Diga-me, o que o levou a ler Espinosa? O fato de ele ser judeu?
– Não, Vossa Excelência, eu nem tinha ideia disso quando me deparei com seu livro. Aliás, se o Senhor leu a história de sua vida, pôde ver que não era amado na sinagoga. Encontrei o volume em um antiquário na cidade vizinha; paguei por ele um copeque, lamentando naquele momento gastar um dinheiro tão difícil de ganhar. Mais tarde, li algumas páginas, em seguida, continuei como se um vento forte me impulsionasse pelas costas. Não compreendi tudo, como lhe falei, mas quando tocamos em tais ideias é como se segurássemos uma vassoura de feiticeira. Eu não era mais o mesmo homem.¹⁸⁸

É claro que o autor está se referindo a uma personagem, mas isso não contradiz o que foi afirmado ao longo de toda a pesquisa: é comum sentir-se como uma criança que se alegra

¹⁸⁷ (GOETHE *apud* LEONNOIR, 2019, p. 11).

¹⁸⁸ DELEUZE, 2002, p. 8.

por seus pensamentos serem compreendidos por alguém ou que nos trazem respostas para algumas de nossas perguntas angustiantes, inclusive sobre nós mesmos, e nos provoca a ter outras tantas que nos instigam a investigá-las. Talvez seja essa “vassoura de bruxa” o que motivou a desejar que fosse apresentado ao leitor uma maneira de interpretar o mundo que o tocasse de tal forma a fazer da filosofia de Espinosa uma ponte para outras leituras e interfaces com outros pensadores ou saberes.

Os pontos considerados cruciais no sistema de Espinosa, a partir do que foi pesquisado, foi sua rica e original contribuição no campo moral, onde a razão é vista como o único critério de verdade e que por isso ela é a mesma em qualquer lugar, independentemente do tempo, e é útil a todos os seres humanos, não importando as circunstâncias. Sem deixar de levar em conta que diante das demandas do tempo presente, até mesmo esse revolucionário pensador foi acusado de não considerar a isonomia intelectual entre homens e mulheres. Embora muitos contradizem essa versão, que consta no *Tratado Político*, já que o filósofo veio a falecer antes de o concluir. Sem deixar de citar os artigos e estudos que veiculam o pensamento de Espinosa às reflexões feministas. Mas, se de fato ele deixou-se distrair de suas próprias ideias, o que parece pouco provável, ele já alertara de que o sábio não é isento das paixões tristes e da difusão das ilusões impostas pelos homens, do remorso e do ressentimento. A diferença entre o sábio e o ignorante é que o primeiro vence mais as paixões e, portanto, se alegra mais.

A identificação com Espinosa é ainda mais fortalecida a partir de sua afirmação de que faz-se necessário que o maior número de pessoas estejam ao alcance da vida racional, no seu melhor sentido, para que superstições sejam esclarecidas pela luz das ideias, para que essa luz se espalhe, mesmo que de pouco em pouco, facilitando nossos passos, abrindo nossas mentes de criatividade e artifícios que encurtem o máximo possível a distância que estamos de Deus e de seu amor perfeito.

Outro ponto significativo no pensamento de Espinosa é o fato de ele ultrapassar o dualismo cartesiano sem abandonar o poder da razão. Ele edifica seu pensamento unindo o todo, a origem e o originado, colocando no mesmo grau de importância o ser humano e a natureza, a mente e o corpo, apresentando uma ontologia que não se separa da ética. Infelizmente, seu sistema de pensamento e ideias o levou a ser amaldiçoado por todas as religiões, a enfrentar todas as formas de intolerância e violência e ainda ser considerado, em alguns meios e mentes, como um pensador “perigoso”. Espinosa foi amaldiçoado por um tribunal judeu da modernidade, mesmo sendo denominado por seus pais de Bento (Baruch). Ironias típicas da vida, mas que segundo Espinosa não são totalmente ao acaso.

No entanto, o lugar que ele dá aos afetos e à razão foi o que impulsionou a pesquisa. O fato de suas ideias liberarem o espírito humano das opiniões, do conservadorismo e do obscurantismo apontou um homem que deu a cada um de nós a autoridade de encontrar as nossas alegrias. E mesmo refutando alguns de seus argumentos e definições, encontrou-se um universo de pensamento extremamente útil ao nosso tempo e às nossas ambiguidades. O mais fecundo de todo seu sistema é que ele é, de forma pertinente, sujeito a inúmeros debates. Assim, Espinosa se aproximou do ser humano o máximo que pôde; detalhou a nossa complexidade. Para esse grande sábio, é muito mais útil e válido compreender os afetos, os comportamentos – dos mais inocentes aos mais cruéis – do que julgá-los e reagir com lamentações ou ódios que não dizem respeito, no seu entendimento, à razão.

A generosidade propagada por sua filosofia, ao dizer que devemos atacar o mal buscando suas causas por meio da reflexão, nos leva à ideia de que isso pode nos afastar dos fanatismos. Pode-se até colocar em dúvida seu argumento, mas descartá-lo não nos parece inteligente. Ao pensar o *Conatus* na essência humana, o desejo e a alegria como fundamento da ética, pode levar o leitor a buscar uma amizade, não só com as suas teorias, mas com o homem que as construiu. E esse foi o desejo central da pesquisa: tentar contribuir para ampliar a amizade com seu espírito, para que sua influência possa induzir à elaboração de novos saberes. Mesmo tendo em conta que o que aqui produzido não passa de 1/2 grão de areia nas praias da existência, a investigação, o amor e a alegria dedicados – além do esforço para honrar tamanha energia disponibilizada por nosso filósofo e todos os seus intérpretes e estudiosos – foi de um valor incalculável. Se falhas houve em determinados pontos, no fim os ganhos haverão de compensar.

A expectativa é de que a intenção de provocar futuros aprofundamentos e esclarecimentos acerca dos afetos e a relação destes com o universo humano possa ajudar a colocar em dúvida o estilo de vida e o tipo de edificação feitos até aqui. E que a alegria espinosana possa, cada vez mais, estar próxima, não só dos intelectuais da Filosofia, mas também do domínio de outros campos como a poesia, a história, a literatura, a prática política, as ciências, as artes e os vastos espaços da Humanidade.

Que a força de Espinosa de interrogar o pensamento privilegiado de seu tempo possa inspirar o reconhecimento e influências, negligenciadas, das filosofias e dos conhecimentos produzidos na marginalidade, ou ocultados. Que o exemplo do nosso filósofo e mestre holandês impulse a criação de conceitos de mundos que auxiliem a vida no planeta e os indivíduos. Esse foi, ao nosso ver, o maior feito da Teoria dos Afetos: erguer um pensamento que ajude as pessoas a serem mais livres e felizes.

REFERÊNCIAS

- BARTUSCHAT, Wolfgang. *Espinosa: Introdução*. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa*. Volumes: 1 e 2. São Paulo: Editora Companhia das letras, 2016.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *Causa eficiente e causa formal na matemática: a posição de Espinosa no “Tratado da Emenda do Intelecto”*. *Kriterion*, VL9, n. 97, p.102-136, jan/jun 1998.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*. 1ª ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2011.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *Espinosa - uma filosofia da liberdade*. 2ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2005.
- CHAUÍ, Marilena. *Paixão, ação e liberdade em Espinosa*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- CONCEIÇÃO, Giselda da. *Espinosa. Um claro labirinto*. 1ª ed. Porto: Campos das Letras, 2001.
- DE DEUG, C. *Spinoza and Freud. An Old Myth Revisited*. In: YOVEL, Y; SEGAL, G. (ed). *Spinoza in Reason and the “Free Man”*. Little Room. New York, 2004.
- DELBOS, Victor. *O Espinosismo: curso proferido na Sorbonne em 1912-1913*. São Paulo: Editora Discurso, 2002.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Curso sobre Espinosa e a afetividade humana*. 3ª ed. Fortaleza: Editora VECE, 2009.
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa - Filosofia Prática*. 1ª ed. São Paulo: Editora Escuta Ltda, 2002.
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa e os Signos*. Porto: RÉ S Editora, 1970.
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa e o problema da expressão*. 1ª ed. Editora 34 São Paulo, 2017.
- ESPINOSA, Baruch de. *Ética*. 1ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

ESPINOSA, Baruch de. *Breve Tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

ESPINOSA, Baruch de. *Tratado da Reforma do Entendimento*. Ed. Econômica. São Paulo: Editora Escala, 2007.

ESPINOSA, Baruch de. *Tratado teológico-político*. Trad. Diogo Pires. Aurélio Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da moeda, 2004.

GLEIZER, Marcos André. *Espinoza e a afetividade humana*. Zahar. Rio de Janeiro, 2005.

GELIZER, Marcos André. *Verdade e certeza em Espinoza*. Porto Alegre: Editora L&PM, 1999.

JAQUET, Chantal. *A unidade do corpo e da mente: Afetos, ações e paixões em Espinoza*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

KISNER, Matthew. *Spinoza on Human Freedom: reason, autonomy and the good life*. Cambridge University Press. Cambridge, 2013.

LARRAURI, Maite. *Spinoza e as Mulheres*. Artigo. In Revista de Filosofia *Kalagatos*. Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará, 2006.

LEVY, Lia. *Conatus e a geometria dos afetos: Freud e seus filósofos*. Porto Alegre: Editora Sociedade Brasileira de Psicanálise, 2004. Disponível em: www.tinyurl.com/cwkw4o3. Acesso em 17/02/2022.

LEVY, Lia. *O autômato espiritual: a subjetividade moderna segundo a Ética de Espinoza*. Porto Alegre: Editora L&PM, 1998.

LEONAIR, Frédéric. *O milagre Espinoza*. 1ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

LIBÂNIO, João Batista. *Introdução à vida intelectual*. 5ª Ed. São Paulo: Editora Loyola, 2001.

NADLER, Steven. *Um livro forjado no inferno: o tratado escandaloso de Espinoza e o nascimento da era secular*. 3ª ed. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2013.

RAMOND, Charles. *Vocabulário de Espinoza*. Martins Fontes. 1ª ed. São Paulo, 2010.

RIBEIRO, Guilherme Almeida. *Para ler o Espinoza de Deleuze: uma interpretação Historiográfico-Filosófica (ou A História da Filosofia nos voos da vassoura de Bruxa)*. Artigo. In Revista *Cadernos Espinosanos*, 2016.

SANTOS, Andreilino Ferreira dos Filho. *Violência, Democracia e assimilação no Tratado Teológico – Político de Espinoza*. Artigo. In. Revista *Sapere Aude*. Departamento de Filosofia da PUC- Minas, 2017.

SANTOS, Márcia Patrício dos. *Corpo: um modo de ser divino (introdução à metafísica de Espinoza)*. São Paulo: Editora Annablume, 2009.

SCRUTON, Roger. *Espinoza*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SILVA, Cintia Vieira da. *Corpo e Pensamento: alianças conceituais entre Deleuze e Espinosa*. 1ª ed. São Paulo: Editora UNICAMP, 2013.

SPINOZA, Benedictus de. *Pensamentos Metafísicos*. Coleção Os Pensadores. 5ª ed. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1991.

STERN, Ana Luiza Saramago. *A imaginação no poder: obediência política e servidão em Espinosa*. 1ª ed. São Paulo: Loyola, 2016.